



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA
DOUTORADO EM SAÚDE COLETIVA (ASSOCIAÇÃO AMPLA)**

ALEXANDRE SEMERARO DE ALCÂNTARA NOGUEIRA

**COMPOSIÇÕES NARRATIVAS EM TORNO DA ÉTICA DE CUIDADO:
ENCONTROS COM FORÇAS-IMAGENS DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM
SITUAÇÃO CIRCULAR DE RUA**

FORTALEZA - CEARÁ

2017

ALEXANDRE SEMERARO DE ALCÂNTARA NOGUEIRA

COMPOSIÇÕES NARRATIVAS EM TORNO DA ÉTICA DE CUIDADO:
ENCONTROS COM FORÇAS-IMAGENS DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM
SITUAÇÃO CIRCULAR DE RUA

Tese apresentada ao Curso de Doutorado em Saúde Coletiva em Associação Ampla UECE/UFC/UNIFOR do Centro de ciências da Saúde da Universidade Federal do Ceará, Universidade Estadual do Ceará e Universidade de Fortaleza como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Saúde Coletiva. Área de Concentração:

Orientador: Prof. Dr. José Jackson Coelho Sampaio

FORTALEZA - CEARÁ

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Estadual do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Nogueira, Alexandre Semeraro de Alcântara.

Composições narrativas em torno da ética do cuidado: encontros com forças-imagens de crianças e adolescentes em situação circular de rua [recurso eletrônico] / Alexandre Semeraro de Alcântara Nogueira. - 2017.

1 CD-ROM: il.; 4 ? pol.

CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico com 199 folhas, acondicionado em caixa de DVD Slim (19 x 14 cm x 7 mm). Tese (doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Universidade Estadual do Ceará, Universidade de Fortaleza, Centro de Ciências da Saúde, Programa de Pós Graduação em Saúde Coletiva (AA), Fortaleza, 2017. Orientação: Prof. Dr. José Jackson Coelho Sampaio.

1. Ética do cuidado. 2. Método desvio. 3. Narrativa. 4. Crianças e adolescentes em situação circular de rua. I. Título

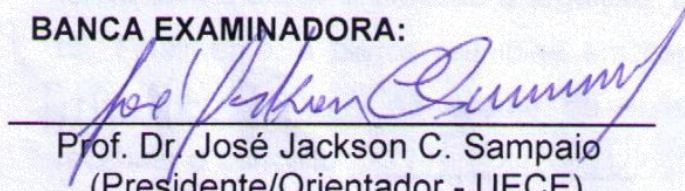
ALEXANDRE SEMERARO DE ALCÂNTARA NOGUEIRA

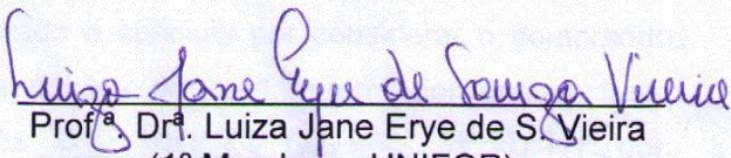
COMPOSIÇÕES NARRATIVAS EM TORNO DA ÉTICA DE CUIDADO:
ENCONTROS COM FORÇAS-IMAGENS DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM
SITUAÇÃO CIRCULAR DE RUA

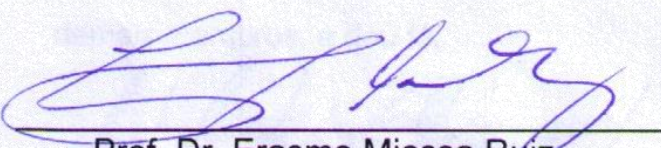
Tese apresentada ao Curso de Doutorado em Saúde Coletiva em Associação Ampla UECE/UFC/UNIFOR do Centro de ciências da Saúde da Universidade Federal do Ceará, Universidade Estadual do Ceará e Universidade de Fortaleza como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Saúde Coletiva. Área de Concentração:

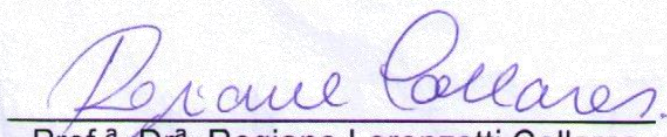
Data da defesa: 21/12/2017.

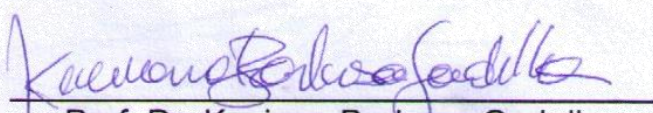
BANCA EXAMINADORA:

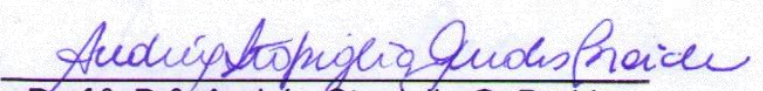

Prof. Dr. José Jackson C. Sampaio
(Presidente/Orientador - UECE)

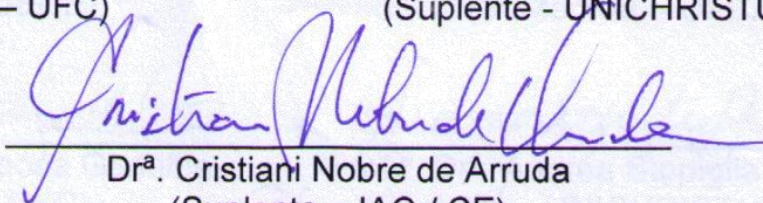

Prof^a. Dr^a. Luiza Jane Erye de S. Vieira
(1º Membro – UNIFOR)


Prof. Dr. Erasmo Miessa Ruiz
(2º Membro - UECE)


Prof^a. Dr^a. Regiane Lorenzetti Collares
(3º Membro - UFCA)


Prof. Dr. Kaciano Barbosa Gadelha
(4º Membro – UFC)


Prof^a. Dr^a. Andréa Stopiglia G. Braide
(Suplente - UNICHRISTUS)


Dr^a. Cristiani Nobre de Arruda
(Suplente – IAQ / CE)

Às memórias amadas de meu pai, Alcântara Nogueira, e de minha mãe, Alexandrina Semeraro, pelo intricado em vida e em intelecto. Papai, anunciador e precursor desta tese e mamãe ferrenha e constante provocadora: questionamento, contestação?

Assim, neste paradoxo fervilhante, a vida e o intelecto são a argamassa de saberes e sabores, aos quais me rendo feito em tese.

AGRADECIMENTOS

São mais que nomes, instituições e coisas... São extensões de encontros e reconhecimentos plurais... A essas pessoas, instituições e coisas, o profundo agradecimento! Que possamos prosseguir na composição de constelações e de arquipélagos amplos e potentes para a criação de mais vida!

Agradeço ao poder e a força vivida pelos atravessamentos de tantas vidas, entre o sagrado e o profano, ao certo, desconcertante em tempos de discurso fundamentalista, minado de retrocessos e lógicas fascistas de um neoliberalismo extremo.

Agradeço à disposição vagarosa e densa do pensar, forçada a desistir para resistir ao tempo imperialista mercadológico e financeiro da globalização.

A CAPES, pela concessão da bolsa de doutorada – demanda social e pela bolsa de doutorado sanduíche. Elas foram imprescindíveis para realização do doutorado.

Agradeço e reconheço a profunda condição humana do orientador Dr. Jackson Sampaio, sábio crítico e de implicação ética científica larga e indiscutível. Ele marcou a diferença! Sem ele estaria fadado a um mero cientificismo racionalista; faltaria força para prosseguir.

Ao meu irmão e minhas irmãs: Mirtes, Fátima, Mirian, Eponina e Júnior, pelos reconhecimentos que temos uns aos outros, tecidos com fios tão distintos e, mesmo assim, bordados em nossas manifestações de afetos.

Às minhas famílias adotivas, encontradas pelas andanças dos interiores do sertão do Ceará: Cavalcante e Albuquerque. Seus abraços foram colos, em diferentes momentos dessa jornada; foram fontes, referências e fôlego para materializar essa tese.

As imagens de humanidades cruzadas pela minha vida: Janaína, Suzy, Lívia, Elvira, Rubens, Adriano, Heloisa, Dayane, Yuri, Fernanda, Walmy, Adriana, Ioio, Luciene e Alan.

Aos queridos amigos de infância: Germano (German) e Quintino (Quiroxima). Tê-los por perto, em horas difíceis, foi uma fonte produtora de oxigênio.

A querida amiga Socorro Gurjão. Pela compreensão dos encontros escassos, em decorrência do doutorado, pela sua força encantada e alegria. Com aromas multicoloridos de plantas e flores na imensidão da vida.

Ao querido irmão de coração e grande amigo, conhecido nos bancos acadêmicos da UFBA, durante a pós em Antropologia Social, em ocasião da disciplina da profa. Núbia Rodrigues: José Pereira (Jailton). Nossa amizade a cada dia apresenta felizes encontros e acontecimentos gargalhantes. Viver a existência do Marujo, o outro de si, participar das práticas afrodescendentes de seu cuidado, é ampliar e reconhecer a força da espiritualidade; sem cânones, moral fundamentalista e reducionismos. É uma narrativa para além da linguagem, pura imanência e devir.

Aos oportunos encontros com professores do programa de pós e pesquisadores convidados: Lúcia Bosi (Malu), Ricardo Pontes, Márcia Machado, Andrea Caprara, Thereza Moreira, Maria Rocineide (Neidinha), Salete Bessa, Cláudio Moreira, Denise Gastaldo, Jane Eyre, Nelson Barros, Ligia Kerr e Carl Kendal.

A segunda parte da missão canadense da Cooperação com o LAPQS/UFC, apoiada pelo edital FUNCAP, através do *wokshop* coordenado pela profa. Dra. Lúcia Bosi. O encontro com o grupo de pesquisadores de Toronto, marcados pela participação virtual do(a) Dr. Blake Poland e Dra. Joan Eakin e pela participação presencial da Dra. Denise Gastaldo. Esse *wokshop*, além de consistente e oportuno, contribuiu sem precedentes aos meus alicerces de pesquisador implicado em pesquisas de âmbito qualitativo.

Ao feliz momento com as(os) professoras(es) de Psicologia da UECE: Rosemary, Eveline, Lise, Ana Carina, Ronaldo, Pedro, Paulo, Ana Ignez, Lucila, Osterne, Ruth, Delane e Eliana. Suas práticas implicadas teceram ampliações de pensar-fazer o cotidiano da academia.

Às turmas de psicologia da UECE, durante a experiência de docência. Principalmente, aos(as) alunos(as) das disciplinas de Psicologia e Arte, Dinâmica de Grupo II, Ética e Estágio Supervisionado em CAPSi. Essas disciplinas ultrapassaram o espaço formal da sala de aula e foi ampliada para intervenções e experimentações de outros possíveis fazeres-pensares durante a formação. Inventamos saídas e produzimos encontros entre a teoria-prática. A implicação e disponibilidade dos(as) alunos(as), num fazer junto, foi imprescindível. Sem essa força e aliança ficaríamos presos a uma prática bancária. (Re)conhecemos a importância do trânsito na imprevisibilidade do cuidado.

A grande colaboradora e administradora de minha casa: Fábria. Sem ela minha casa estaria completamente abandonada durante o doutorado sanduíche, realizado em Portugal – Coimbra – UC/CES.

Aos colegas de doutorado: Indara, Milena, Aline, Lidyane, Manu, Juliana, Maxmiria, Ilse, Neusa Goya e Carlos Garcia. Pelas aproximações e trocas de trilhas investigativas, frente ao panorama tão delicado e complexo da Saúde Coletiva.

As especiais e queridas amigas do programa, conhecidas durante disciplinas. Pela cumplicidade e desbravamento da escrita científico sobre corpo e violência estrutural: Andréa Braide e Cristiani Arruda. Por isso e pelo que poderá vir!

À memória da querida colega Ana Zuwick. Jamais esquecerei nossas conversas e aproximações tão folgazes e intensas durante a pós-graduação; nossas partilhas de livros e de referências bibliográficas. A edição especial da Cult sobre Michel Foucault que gentilmente me presenteou. Fica um nó no peito e uma vontade não possível de dizer pessoalmente um muito obrigado, em forma de um abraço de reconhecimento e carinho. Por muito tempo ecoarão imagens e semblantes de sua suave gargalhada de menina-mulher, pesquisadora, avó e, acima de tudo humana, demasiadamente humana. Comigo, um suave e bom sentimento de estar se prolonga.

Ao Thiago Pires Marques e Cláudia Pato de Carvalho, pela co-orientação e acolhida na pequena grande Coimbra - PT, em decorrência do doutorado sanduíche. Suas indicações, conversações agendadas e apresentações acadêmicas e culturais agregaram maior consistência e desdobramento à investigação.

Ao CES, pela excelente infraestrutura e pelos eventos científicos oferecidos. Em especial, agradeço a resposta imediata de aceite do diretor Boaventura Santos. Agradeço, também, a dedicação e a disponibilidade integral da coordenação da biblioteca Maria Carvalho e do bibliotecário Acácio Machado, diante da realização de consultas bibliográficas e da navegação em bancos de dados eletrônicos.

A Fundação Colouste Gulbenkian, no nome de Hugo Seabra, coordenador do Projeto PARTIS. Sua entrevista foi de grande valia para agregar à investigação feita. Foi esclarecedor e ampliador pensar sobre o encontro entre arte, adolescência e cuidado.

Ao Teatrão – Coimbra / PT, através do Projeto CBR: Intervenção Comunitária em Zonas Urbanas e informações sobre o Projeto Bando à Parte II: Intervenção Comunitária em Zonas Urbanas, coordenados pela artista Isabel Craveiro. O primeiro financiado pela Fundação Colouste Gulbenkian, através do edital PARTIS. Agradeço o (des)encontro e ausência de respostas de e-mails enviados à coordenação. Ausência significativa, inquietante e produtiva. Nesse intermeio, o

encontro (in)formal com os jovens participantes do projeto, em ocasião da apresentação do projeto pelos adolescentes, pelos encontros com eles, em suas andanças noturnas pelas ruas e festas de Coimbra, o movimento investigativo da tese se apresentou potente e agregadora.

A pesquisadora e professora da Universidade do Minho: Dra. Ana Maria Costa e Silva. Pelo encontro-almoço proporcionado pela querida amiga Tânia Laky de Sousa. Pelo encontro tão descontraído, pela dedicatória tão sensível oferecida em sua obra a mim: *Para o Alexandre, com a estima e o gosto de o ter conhecido com sua enorme vontade de conhecer e correr riscos.*

Ao grupo de residentes da Pedro Nunes. Pela aprendizagem convosco e pelo intercâmbio tão fecundo em terras estrangeiras, convivendo com tantas etnias, investigadores de pós-doutorados e de doutorado. O convívio com todos vocês foi uma experiência sem precedentes. Coimbra se tornou menos fria; a morte da mãe, menos indigesta. Agradeço a todos, sem exceção de nenhum. Ser delegado nessa residência, aqui no Brasil denominado coordenador de residência, me fez aflorar a sensibilidade de tornar o espaço físico da residência mais aconchegante e acolhedor. E, isso só foi possível e feito, porque fizemos juntos, criamos intervenções de convívios culturais, produzimos acontecimentos pela diferença.

Ao grupo de estudo e de trabalho em Michel Foucault, coordenado pelo Dr. Sylvio Gadelha. Com o *Governo dos Vivos* pude fisgar e delinear ideias preciosas para tecer esse trabalho; pude conhecer com maior consistência o chamado último Foucault; sempre outro, sempre o mesmo, sempre inquietante e ímpar.

As professoras e amigas, Dra. Giselle Gallicchio e Dra. Ada Kroef pelos felizes encontros de orientações e importantes comentários na qualificação da tese. Ainda teremos muito a conversar, construir.

Aos colegas-amigos da Saúde Coletiva / Saúde Mental: Neusa Goya, Raimunda Félix (Rane Baby), Magda Mendes, Regina Cavalcante, Ozanira, Eva, Paulo Quinderé, Vanúzia, Socorro, Iana Celi, Ana Karine, Karine Limaverde, Eveline Everdose, Daneile Tavares, Genivaldo Macário, Eliza Günther, Kátia, Raimundo Severo, Lia Carneiro e Magda Dimenstein.

À querida professora, amiga, orientadora de estágio e pesquisadora e colaboradora em minha banca de mestrado: Dra. Leônia Cavalcante. A viagem do conhecimento e da aprendizagem com você é sempre um fascinante desafio; entre a vida e a arte, entre o rigor científico e a ética; entre a política e a técnica.

Ao querido e adorável amigo das andanças e trânsitos pela Psicologia, desde a graduação: Marcos Mesquita.

À amiga de trabalho, conquista de uma longa jornada. Cúmplice de trabalho pelo Terceiro Setor – ONG PROPARES; chefe do CAPS AD – SER V, coordenadora do Consultório de Rua, aliada do Projeto Caminhos do Cuidado e parceira da escrita do artigo sobre as experiências interventivas em espaços públicos realizados no CAPS AD. E, acima de tudo, Sol, querida Sol: Soraia Cassiano.

Aos grandes oceanos de conversações filosóficas, afetos e reconhecimento: Marcius Aristóteles e Regiane Collares.

Ao meu orientador do mestrado em Filosofia pelas palavras de conforto, amigo e solícito nas horas de inquietações: Odílio Aguiar.

A toda equipe do CEATS. Em especial, ao grupo de trabalho do curso do CRR da ESP-CE: Fátima Elias, Maria Tereza, Sarah Girão, Regina Cavalcante, Fábio Porto, Nara Góes, Lúcia Bertine e Eriland Lavor. Além da equipe, todos os participantes das nove edições do curso. Sem eles, o movimento de delinear outras práticas de cuidado seria em vão. Os municípios diferentes do Ceará, territórios distintos da cidade, trabalhadores de diversos serviços públicos e juventudes fizeram a expansão e compuseram alianças para bordar redes, por vezes, frágeis e invisíveis. A todos, agradeço pelas andanças de ensino-aprendizagem, em construções de intervenções delicadas, cuidadosas, intensas e urgentes para a Saúde Mental - Álcool e outras drogas.

Às colaboradoras administrativas das instituições acadêmicas, durante o Programa de doutorado: Zenaide Queiroz – UFC; Mairla Alencar, Ana Valda e Neuci Moraes – UECE e Cleide Paiva – UNIFOR. Vocês são exemplos de forças ativas, com toda dedicação, precisão e amorosidade.

Agradeço, principalmente, a todas as crianças e adolescentes que transitaram o campo da pesquisa. Com vocês pude pensar e ampliar sobre as verdades propagadas de cuidado, pudemos criar encontros e acontecimentos que serão rememorados como a suave *Canção Amiga* de Drummond: *Eu preparo uma canção que faça acordar os homens e adormecer as crianças.*

Tentativa de falsear o fato do
Conhecimento: fazer do Conhecimento
uma espécie de objetivo imediato a
alcançar!

(Kafka)

Porque eu tinha que procurar uma
resposta irrespondível.

(Clarice Lispector)

Então eu vi uma rua que nunca mais vou
esquecer [...] Estava vazia [...] Nada mais.
Fui porém germinada.

(Clarice Lispector)

O verdadeiro caminho passa em cima de
um fio esticado, não no espaço, mas no
rés do chão: parece destinado mais a
fazer tropeçar, mais do que a ser
percorrido.

(Kafka)

RESUMO

Esta tese, apresentada em ensaios, problematiza e aprofunda a questão da ética do cuidado, visando contribuir com a produção científica em Saúde Coletiva. Delineada pela concepção de pesquisa qualitativa, de cunho interventivo, recorre a referências bibliográficas diversificadas e assistemáticas, em coadunação com fontes oficiais e não oficiais; convencionais e não convencionais; familiares e estranhas; padronizadas e desviantes. Nessa coadunação, seu marco teórico atravessa concepções históricas, científicas, documentais, autobiográficas, midiáticas e artísticas, numa contínua galeria de múltiplas referências. Mostradas entre o rigor científico e o perambular de inquietações e desconfianças críticas, realiza um afastamento de marcos teóricos clássicos, pela via da narrativa. Com a criação de alianças com crianças e adolescentes em situações circular de rua, produz composições, numa dobra e diferença de perspectiva em torno da ética do cuidado, outra. Em percursos imprevisíveis e repletos de provisoriedades, aproxima-se de ideias de Benjamin e Foucault, em sucessivos trânsitos realizados em espaços institucionais e públicos. Nessa ruptura, distorce e dissolve concepções de representação pura e identidade definida, numa montagem de mosaicos narrativos, fundidos em tempo-espaco-voz com entradas e aberturas para pensar-fazer de seus resultados e efeitos. A discussão, considerada com a utilização de fotografias e desenhos produzidos no período do campo, juntamente com trechos do diário de campo, num feitio de narrativa analítica, apresenta indagações e realiza problematizações em torno da centralidade de sujeito e do império do conhecimento via posse do objeto. Ao invés dessa concepção, sugere uma entrada pelas práticas discursivas e jogos de poder, numa fusão entre sujeito-objeto, pela via da fraca-força da narrativa, apresentada numa ética pensada pelo acontecimento, pela criação estética de existência, pelo excesso de blocos de afetos, num embaraço de paradoxos com o naturalizado. Diante de temáticas transversais, tais como: territórios e trajetos afetivos; marcas, tatuagens e cicatrizes; espiritualidade; jogos e brincadeiras; exames e sexualidades; pesquisas envolvendo seres humanos e violências, a discussão percorre um afastamento de morais maniqueístas, reducionistas e de dominação, produzidas pela composição de implicações relacionais de afetos, na processualidade de acontecimentos *devires*. Nesse esforço, a concepção de ética do cuidado, outra é inconclusiva. Entretanto, num

esforço de concluir o inconcluso e sinalizar princípios oferece a narrativa: *Desdobramentos inconclusos*. Esta, apresentada num diálogo alegórico, vincula-se aos seguintes princípios conclusivos: 1. Implicação-movimento relacional; 2. Acolhimento de paradoxos, na intensificação de processos; 3. Desistência do caráter moralista maniqueísta e da lógica neoliberal e de mercado; 4. Produção de criações imprevisíveis, em contínuas improvisações; 5. Intensificação das relações, consideradas em suas práticas de subjetivação e produção de forças de poder ativa; 6. Distanciamento da representação, identidade, do caráter pessoal e individual, pela via da diferença, do impessoal e do coletivo, traçado pelo micro; 7. Reconhecimento da fraqueza de produção de protocolos e padronizações; 8. Resistência pela renúncia de lutas de classes, sem desconsiderar as desigualdades produzidas historicamente; 9. Reconhecimento da fraca-potência da produção de narrativas não lineares e borradas pelas imagens-forças de blocos de afetos.

Palavras-chave: Ética do cuidado. Método desvio. Narrativa. Crianças e adolescentes em situação circular de rua.

ABSTRACT

This thesis, presented in essays, problematizes and deepens the issue of the ethics of care, aiming to contribute to the scientific production in Collective Health. Planned by the design of an intervention qualitative research, it uses diversified and unsystematic references, in combination with official and unofficial, conventional and non-conventional, familiar and strange, standardized and deviant sources. In this combination, its theoretical framework goes across historical, scientific, documentary, autobiographical, mediatic and artistic conceptions, in a continuous “gallery” of multiple references. By showing these conceptions between the scientific rigor and the wander of critical anxieties and suspicions, the research moves away from classical theoretical frameworks through narrative. With the formation of alliances with children and adolescents who keep going somewhere else and returning to the streets and so on in a steady cycle, it creates compositions in a fold and difference of perspective around another ethics of care. In unpredictable routes which are full of temporariness, the research approaches the ideas of Benjamin and Foucault, in successive journeys to institutional and public spaces. In this rupture, the research distorts and dissolves conceptions of pure representation and fixed identity, in an arrangement of narrative mosaics, which are fused in time-space-voice with inputs and openings to thinking-doing of their results and effects. The discussion, considered with the use of photographs and drawings produced in the field period, along with excerpts from the field diary, in a form of analytical narrative, presents inquiries and problematizations around the centrality of the subject and the empire of knowledge through the possession of the object. Instead of this conception, it suggests an opening through the discursive practices and power games, in a fusion of subject-object, the pathway of the weak-force of the narrative, presented in an ethics thought by the event, by the aesthetic creation of existence, by the excess of blocks of affection, in an embarrassment of paradoxes with what is naturalized. In the face of transversal themes, such as territories and paths of affections; marks, tattoos and scars; spirituality; games and jokes; exams and sexualities; research involving human beings and violence, the discussion moves away from Manichean, reductionist and domination morals, produced by the composition of relational implications of affections, in the procession of *becoming-events*. In this effort, the conception of another ethics of care is inconclusive. However, in an effort to conclude

what is inconclusive and to indicate principles, it provides the narrative: *inconclusive developments*. This ethics, presented in an allegorical dialogue, links to the following conclusive principles: 1. Implication-relational movement; 2. Acceptance of paradoxes, in the intensification of processes; 3. Abandonment of the Manichean moralist character and of the neoliberal and market logic; 4. Production of unpredictable creations, in continuous improvisations; 5. Intensification of relationships, considered in their practices of subjectivation and production of active power forces; 6. Moving away from the representation, identity and the personal and individual character, through the difference, the impersonal and collective, drawn by the micro; 7. Recognition of the weakness of production of protocols and standardization; 8. Resistance by giving up on class struggles, without disregarding historical inequalities; 9. Recognition of the weak-power production of nonlinear narratives which are spoiled by the images-forces of blocks of affections.

Keywords: Ethics of care. Deviation method. Narrative. Children and Teenagers keep going somewhere else and returning to the streets and so on in a steady cycle.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Boletim escolar, com manipulação digital – efeito esboço a lápis.....	41
Figura 2 - Retrato infantil, com manipulação digital – efeito recorte.....	41
Figura 3 - Sobreposição de livros infantis, fotografias e boletim, com manipulação digital – efeito cinza do lápis.....	42
Figura 4 - Sobreposição de livros infantis, fotografias e boletim, com manipulação digital – efeito esboço a lápis	42
Figura 5 - Sobreposição de livros infantis, fotografias e boletim, com manipulação digital – efeito esboço em giz	43
Figura 6 - Retrato adulto, com manipulação digital – efeito cinza do lápis ...	44
Figura 7 - Imagem da matéria jornalística referente à narrativa, com manipulação digital – efeito extremidades brilhantes	47
Figura 8 - Livro de Sônia Aldoé, com manipulação digital – efeito fotocópia.....	51
Figura 9 - Cartaz do Seminário referente à narrativa, com manipulação digital – efeito recorte.....	54
Figura 10 - Material disponibilizado no Seminário referente à narrativa, com manipulação digital – efeito fotocópia.....	55
Figura 11 - Imagem do curta-metragem referente à narrativa, com manipulação digital – efeito extremidades brilhantes	56
Figura 12 - Imagem do curta-metragem referente à narrativa, com manipulação digital – efeito de transparência	57
Figura 13 - Junção de imagens do pintor Escher, com manipulação digital – efeito entalhe xadrez	58
Figura 14 - Cartaz da Exposição Planeta Tangerina, com manipulação digital – efeito extremidades blilhantes	123
Fotografia 1 - Imagem declinada do grafite feito em decorrência da chacina do Grande Curió, disponibilizada pelo artista Rafael Limaverde.....	60
Fotografia 2 - Objetos apreendidos de adolescentes em um Abrigo de Fortaleza.....	90

Fotografia 3 - Fotografia 03 - Detalhes de objetos apreendidos de adolescentes em um Albergue.....	90
Fotografia 4 - Imagens clicadas pelos adolescentes participantes da pesquisa, em máquina fotográfica descartável	111
Fotografia 5 - Imagens clicadas pelos adolescentes participantes da pesquisa, em máquina fotográfica descartável	111
Fotografia 6 - Imagens clicadas pelos adolescentes participantes da pesquisa, em máquina fotográfica descartável	111
Fotografia 7 - Imagem do mapa feito por um adolescente, participante da pesquisa.....	112
Fotografia 8 - Imagem da pata segurada por um adolescente participante da pesquisa.....	114
Fotografia 9 - Detalhe do adolescente borrifando cola com água na pata....	114
Fotografia 10 - Imagem de caixas de papelão, com peças de dobraduras feitas e papéis de Totolec	115
Fotografia 11 - Detalhe do adolescente fazendo dobraduras.....	115
Fotografia 12 - Detalhe de um adolescente participante da pesquisa realizando um mapa	116
Fotografia 13 - Detalhe da feitura do mapa	116
Fotografia 14 - Detalhe em zoom da feitura do mapa com outro mapa de suporte	117
Fotografia 15 - Fotografia 15 - Imagem do esboço da legenda do mapa realizado com o adolescente.....	117
Fotografia 16 - Imagem da biblioteca em perspectiva horizontal, pela parte de baixo, no ângulo entre as pernas das mesas, de um Albergue.....	118
Fotografia 17 - Ângulo do teto da biblioteca, do canto esquerdo.....	119
Fotografia 18 - Imagem frontal da capa de uma das obras da biblioteca	119
Fotografia 19 - Imagem frontal da contra capa da obra referida acima.....	120
Fotografia 20 - Imagens acopladas de livros nas prateleiras da biblioteca	120
Fotografia 21 - Imagens acopladas de livros nas prateleiras da biblioteca	120
Fotografia 22 - Imagens acopladas de livros nas prateleiras da biblioteca ...	120
Fotografia 23 - Detalhes de colagens realizadas nas cadeiras, feitas por outros adolescentes que passaram pelo Albergue	121

Fotografia 24 - Detalhes de colagens realizadas nas cadeiras, feitas por outros adolescentes que passaram pelo Albergue	121
Fotografia 25 - Imagem de uma das cadeiras da biblioteca, decorada com colagens	122
Fotografia 26 - Imagem geral de produções realizadas por adolescentes participantes da pesquisa e detalhe de uma das produções, respectivamente	124
Fotografia 27 - Imagem geral de produções realizadas por adolescentes participantes da pesquisa e detalhe de uma das produções, respectivamente	124
Fotografia 28 - Fotografia 28 - Imagem do mapa produzido coletivamente pelos adolescentes, com apoio de escrita pelo investigador, quando necessário	125
Fotografia 29 - Imagens em via pública, de carros embaçados pela alta velocidade e a visão de muros pichados, colchonetes e cobertas na calçada do outro lado da avenida	126
Fotografia 30 - Imagens em via pública, de carros embaçados pela alta velocidade e a visão de muros pichados, colchonetes e cobertas na calçada do outro lado da avenida	126
Fotografia 31 - Fotografia 31 - Detalhe da parte inferior de uma árvore, plantada na entrada de um Abrigo, com raízes compactas e externas.....	128
Fotografia 32 - Zoom de uma cicatriz de um dos adolescentes participante da pesquisa.....	129
Fotografia 33 - Grupo de Educadores Sociais em abordagem em cenas de rua, com crianças e adolescentes que realizam vendas de miudezas	130
Fotografia 34 - Grupo de Educadores Sociais em abordagem em cenas de rua, com crianças e adolescentes que realizam vendas de miudezas	130
Fotografia 35 - Fotografia 35 - Detalhe de uma caricatura feita por um Educador Social e mercadorias vendidas pelas crianças e adolescentes presentes à cena.....	130

Fotografia 36 - Detalhe da pintura feita por uma adolescente em si, em espaço público	131
Fotografia 37 - Minúsculo corpo em movimento de uma criança em via pública, durante sinal fechado	132
Fotografia 38 - Adolescente conduzindo carro de materiais recicláveis em cruzamento paralelo com automóvel particular	132
Fotografia 39 - Fotografia 39 - Imagem da parte de um corpo de uma criança, em movimento, durante semáforo que acabara de abrir	133
Fotografia 40 - Detalhe da cabeça de um adolescente inchado, participante da pesquisa.....	134
Fotografia 41 - Detalhe do braço do mesmo adolescente com sinais de automutilação e cicatrizes	134
Fotografia 42 - Detalhe da mão inchada e de hematomas, devido o linchamento sofrido	135
Fotografia 43- Detalhe de um joelho de um adolescente participante da pesquisa, com pus e feridas em processo de cicatrização	136
Fotografia 44 - Detalhe de uma tatuagem feita pelo próprio adolescente em si	136
Fotografia 45 - Imagem da tatuagem num braço de um adolescente, feita por um amigo dele tatuador	137
Fotografia 46 - Fotografia 46 - Painel de fotografias de oficinas com adolescentes realizadas no passado.....	138
Fotografia 47 - Tatuagem de uma carranca num adolescente, estirada horizontalmente com manipulação digital	139
Fotografia 48 - Imagem frontal do grafite feito em decorrência da chacina do Grande Curió, disponibilizada pelo artista Rafael Limaverde	139
Fotografia 49 - Tatuagem apresentada por um dos adolescentes participantes da pesquisa.....	141
Fotografia 50 - Criança brincando com a mãe em espaço público, em frente ao Projeto Corre prá Vida	143
Fotografia 51 - Garoto organiza mesa de confraternização no Dia das Crianças, num Albergue	145

Fotografia 52 - Detalhe de uma atividade desenvolvida por um grupo de três jovens evangélicos no Dia das Crianças, num Albergue.....	146
Fotografia 53 - Fotografia 53 - Imagem de ângulo inferior de uma atividade desenvolvida com música e dança pelos evangélicos, onde se visualiza a aproximação entre os dois garotos participantes da pesquisa.....	147
Fotografia 54 - Fotografia 54 - Visualização dos dois garotos abraçados e descontraídos em atividade bem próxima e movimentos de pernas e pés.....	148
Fotografia 55 - Mesa de Confraternização do Dia das Crianças, num Albergue	149
Fotografia 56 - Detalhe do bolo da mesa.....	149
Fotografia 57 - Cartaz feito pelo Albergue, em decorrência do Dia das Crianças	149
Fotografia 58 - Adolescentes participantes da pesquisa, assistindo ao filme O Menino e o Mundo, num Abrigo	151
Fotografia 59 - Fotografia 59 - Detalhe de uma atividade expressiva realizada na varanda de um abrigo, depois do filme	152
Fotografia 60 - Detalhe do processo da atividade depois do filme.....	152
Fotografia 61 - Fotografia 61 - Detalhe do processo de um adolescente realizando um desenho.....	153
Fotografia 62 - Detalhe do processo de um adolescente realizando um desenho.....	153
Fotografia 63 - Detalhe do processo de um adolescente realizando um desenho.....	153
Fotografia 64 - Detalhe do processo de um adolescente realizando um desenho.....	154
Fotografia 65 - Sequencia de fotografias tiradas por um adolescente, em máquina descartável	155
Fotografia 66 - Sequencia de fotografias tiradas por um adolescente, em máquina descartável	155
Fotografia 67 - Sequencia de fotografias tiradas por um adolescente, em máquina descartável	155

Fotografia 68 - Imagem clicada por um adolescente em máquina descartável.....	156
Fotografia 69 - Fotografia 69 - Telhado de um Albergue não autorizado à realização da pesquisa, repleto de pedaços de brinquedos ..	156
Fotografia 70 - Imagens de processos de brincadeiras de dois irmãos, uma menina e um garoto, na frente do Projeto Corre prá Vida, em via pública.....	157
Fotografia 71 - Imagens de processos de brincadeiras de dois irmãos, uma menina e um garoto, na frente do Projeto Corre prá Vida, em via pública.....	157
Fotografia 72 - Imagens de processos de brincadeiras de dois irmãos, uma menina e um garoto, na frente do Projeto Corre prá Vida, em via púb.....	157
Fotografia 73 - Brinquedos de plástico encostados num canto de um Albergue.....	157
Fotografia 74 - Crianças brincam próximas aos pais em via pública.....	158
Fotografia 75 - Crianças brincam no palco montado na Praça do Ferreira, depois da apresentação teatral	158
Fotografia 76 - Dois garotos colam cantoras famosas na mala-viajante-pesquisador	159
Fotografia 77 - Garoto concentrado e atendo na leitura do livro A Caminho de Casa.....	160
Fotografia 78 - Detalhe de um garoto fazendo colagem bidimensional na mala, enquanto outra faz franja com papel pregado nas bordas da mala	160
Fotografia 79 - Detalhe de um dos lados da mala depois da colagem realizada pelos dois garotos	161
Fotografia 80 - Processo da feitura de um anjo na parte interna da mala, realizada com desenho e revista.....	161
Fotografia 81 - Imagem frontal do anjo feita pelo garoto.....	162
Fotografia 82 - Imagens de quadros com crianças em espaços públicos, num Shopping	162
Fotografia 83 - Mini mesa de sinuca num Albergue.....	163

Fotografia 84 - Relance do jogo de bola de meia, envolvendo adolescentes participantes da pesquisa.....	163
Fotografia 85 - Outro ângulo do jogo de bola de meia	164
Fotografia 86 - Jogo de bola de futebol de salão, envolvendo participantes da pesquisa e adolescentes da comunidade, numa das quadras poliesportivas do Projeto ABC	164
Fotografia 87 - Panorâmica da quadra e a saída de um dos adolescentes do jogo de futebol.....	165
Fotografia 88 - Detalhe do fruto de uma árvore plantada no interior de um Albergue	171
Fotografia 89 - Copas da árvore.....	172
Fotografia 90 - Detalhe do fruto esbagaçado com os pés	173
Fotografia 91 - Copas da árvore com abertura de luminosidade celeste.....	174
Fotografia 92 - Sombra do adolescente próximo ao objeto pata feito por ele, com braço levantado em sinal de legal	176
Fotografia 93 - Fotografias tiradas pelos adolescentes de si, com a imagem do objeto pata	177
Fotografia 94 - Fotografias tiradas pelos adolescentes de si, com a imagem do objeto pata	177
Fotografia 95 - Sombra do adolescente próximo ao objeto pata feito por ele, com braços relaxados.....	178
Desenho 1 - Imagem de Jesus feita por um adolescente, em virtude do Natal.....	149
Desenho 2 - Desenho feito por um dos adolescentes	154
Desenho 3 - Desenho feito por um dos adolescentes	154
Desenho 4 - Desenho feito por um dos adolescentes	154

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

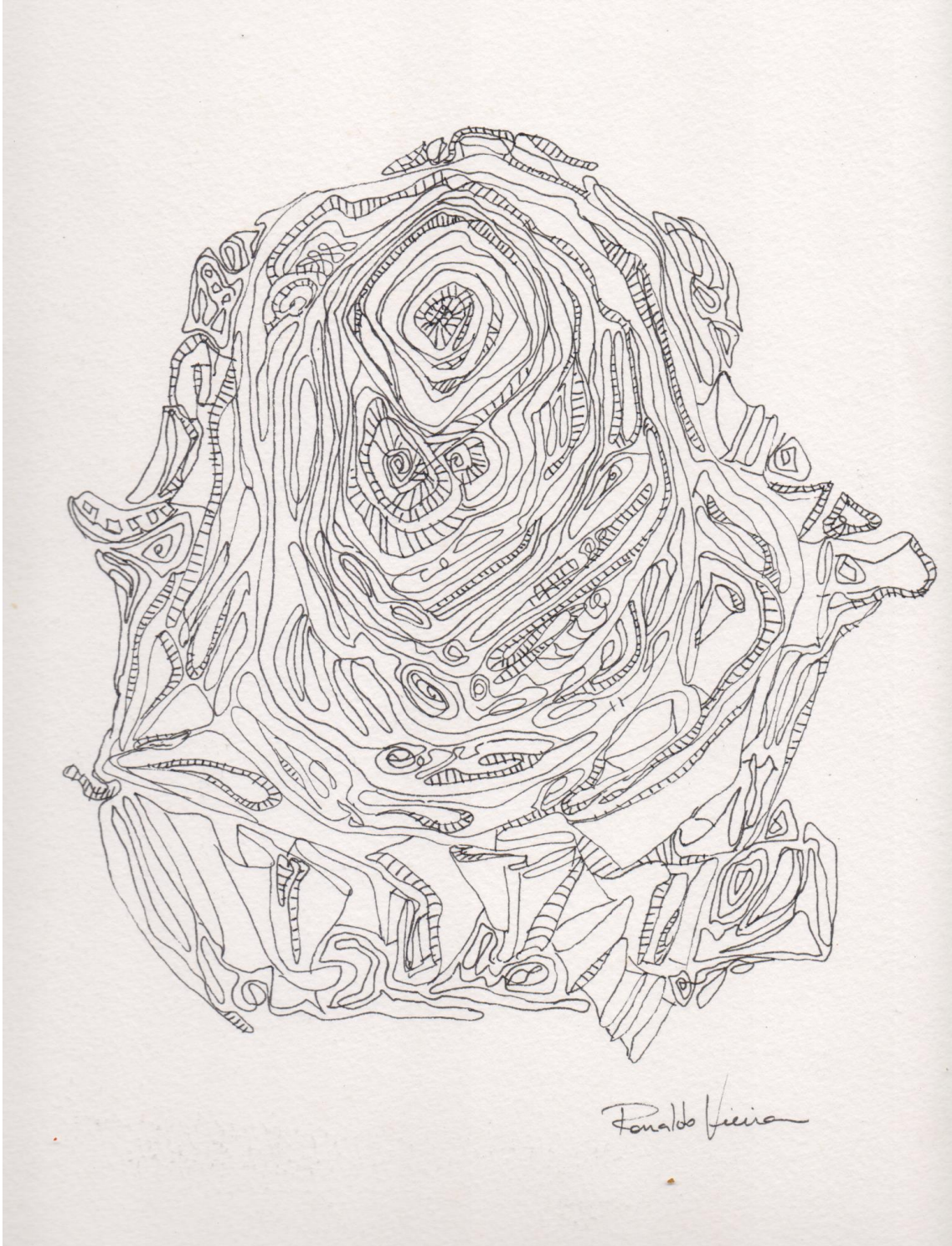
ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CAPS-AD	Centro de Atenção Psicossocial Álcool e outras Drogas
CAPSi	Centro de Atenção Psicossocial infantil
CBR/LnhasArtLab	Intervenção Comunitária em Zonas Urbanas
CEATS	Centro de Educação Permanente em Atenção à Saúde
CES	Centro de Estudos Sociais
CIESPI	Centro Internacional de Estudos e Pesquisas sobre a Infância
CLAVES	Centro Latino Americano de Estudos sobre a Violência e Saúde Jorge Careli
Copod	Coordenadoria de Políticas sobre Drogas do Estado do Ceará
CRR	Centro Regional de Referência para Agentes e Trabalhadores Atuantes no Campo das Políticas sobre Drogas
CV	Comando Vermelho
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
ESP/CE	Escola de Saúde Pública do Estado do Ceará
FLACSO	Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais
FUNCAP	Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico
Icem	Instituto Cultura em Movimento
IHA	Índice de Homicídios na Adolescência
LAPQS/UFC	Laboratório de Avaliação e Pesquisa Qualitativa em Saúde da Universidade Federal do Ceará
LAV/UERJ	Laboratório de Análise da Violência da Universidade Estadual do Rio de Janeiro
MinC	Ministério da Cultura
NUCEPEC/UFC	Núcleo Cearense de Estudos e Pesquisa sobre a Criança da Universidade Federal do Ceará
ONG OPN	Organização Não Governamental O Pequeno Nazareno
PARTIS	Práticas Artísticas para Inclusão Social
PCC	Primeiro Comando da Capital

PEC	Proposta de Emenda Constitucional
PNH	Política Nacional de Humanização
PRVL	Programa de Redução da Violência Letal
PROPARES	Protagonismo Juvenil e Educação entre Pares
PT	Portugal
PUC/SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
SER-V	Secretaria Regional da Área V de Fortaleza
SPD	Secretaria Especial de Políticas sobre Drogas do Estado do Ceará
SUS	Sistema Único de Saúde
SETRA	Secretaria Estadual de Trabalho e Desenvolvimento Social do Ceará
UC	Universidade de Coimbra
UECE	Universidade Estadual do Estado do Ceará
UERJ	Universidade Estadual do Rio de Janeiro
UFBa	Universidade Federal da Bahia
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFF	Universidade Federal Fluminense
UNICEF	Fundação das Nações Unidas para Infância

SUMÁRIO

I	ENSAIO DE APRESENTAÇÃO: Notas de esclarecimento	27
II	ENSAIO DE INTRODUÇÃO: Entradas e Aberturas	37
1	ENTRADAS	37
1.1	REMEMORAÇÕES: NO PORÃO DO AGORA.....	38
1.1.1	Adolescências	38
1.1.2	A descoberta	38
1.1.3	A máquina e a biblioteca	39
1.1.4	Cabelo: descabelado, cabeludo	40
1.1.5	A Fúria	44
1.1.6	A sessão matinal	45
1.1.7	Cine Drive-in	46
2	ABERTURAS	47
2.1	INFÂNCIA EM FORTALEZA, CE	47
2.2	PESQUISAS, AÇÕES E ELIMINAÇÕES?	49
2.3	O PEQUENO NAZARENO.....	49
2.4	CHAMADA NAS REDES SOCIAIS	50
2.5	SEMINÁRIO DE SAÚDE MENTAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES: TECENDO REDES PARA GARANTIR DIREITOS	54
2.6	BILU E JOÃO (CURTA-METRAGEM: 10'25" IN: <i>CRIANÇAS INVISÍVEIS</i> , <i>2005</i>).....	56
2.7	IMAGENS DE ESCHER.....	58
2.8	QUANDO A CASA É A RUA	58
2.9	UMA COPA, VÁRIOS JOGOS	59
2.10	CHACINAS E REBELIÕES: NATURALIZAÇÃO DE EXTERMÍNIOS.....	60
2.10.1	Chacinas	60
2.10.2	Rebeliões	61
2.11	TRAJETÓRIAS INTERROMPIDAS: HOMICÍDIOS NA ADOLESCÊNCIA EM FORTALEZA E EM SEIS MUNICÍPIOS DO CEARÁ	62
3	O IN-JUSTIFICÁVEL	65
4	OBJETIVOS	69
4.1	GERAL	69

4.2	ESPECÍFICOS	69
III	ENSAIO DOS MARCOS TEÓRICOS: Movimentos da Arte	71
1	RISCOS E RABISCOS	73
1.1	PRODUÇÕES CIENTÍFICAS, HISTÓRIAS, LEIS E ADJACÊNCIAS	73
1.2	DESVIO: APROXIMAÇÃO PROVISÓRIA COM A NARRATIVA	82
1.2.1	Cena narrativa 01	84
1.2.2	Cena narrativa 02	85
1.2.3	Desvio do desvio: a provisoriedade da narrativa	86
1.3	ARTE COM CRIANÇAS, ARTE EM IMAGENS-MOVIMENTOS DE CRIANÇAS	88
1.4	SAQUE E TRANSGRESSÃO: TRÂNSITOS DA DESISTÊNCIA E RESISTÊNCIA COM BENJAMIN E FOUCAULT	93
IV	ENSAIO DA METODOLOGIA: Montagem desvio.....	98
1	PLANO METODOLÓGICO FORMAL.....	99
2	PLANO METODOLÓGICO DA PESQUISA DE CAMPO	101
3	PLANO METODOLÓGICO DA APRESENTAÇÃO ESCRITA DA TESE ..	103
4	PLANO METODOLÓGICO DA DISCUSSÃO-ANÁLISE-CONCLUSÃO...	106
V	ENSAIO SOBRE ANÁLISE E CONSIDERAÇÕES FINAIS: Narrativas	
	Analíticas.....	110
	REFERÊNCIAS.....	183
	ANEXOS	193
	ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO AOS PAIS E COORDENADORES(AS) DE INSTITUIÇÕES RESPONSÁVEIS.....	194
	ANEXO B - TERMO DE ASSENTIMENTO PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES.....	195
	ANEXO C – CARTAS DE ANUÊNCIA	197



Desenho: Imersão

Artista Plástico: Ronaldo Vieira

I ENSAIO DE APRESENTAÇÃO: NOTAS DE ESCLARECIMENTO

As nove notas de esclarecimentos abaixo constituem estratégia de aproximação da concepção de montagem do presente trabalho. As notas trazem detalhes e sinalizações oportunas para situar a sistematização científica ensaística. Com um feitiço artesanal, a tessitura da escrita realiza giros, movimentos e desvios em torno do tema da ética do cuidado, utilizando-se de uma perspectiva composta entre a narratividade, a imagem e o poético. É nessa composição que se pretende agregar investigações pouco consideradas, ainda, pelas pesquisas realizadas no campo da Saúde Coletiva.

1) NOTA 01: formato-plano do trabalho

Se o desenho geral da pesquisa é qualitativo, ele inclui experimentação e inventividade. Possui aproximações com a pesquisa-intervenção, num plano analítico e crítico. É produzido pelo atravessamento de uma escritura-tese-ensaística, com elementos formais de produção científica, e agrega outros elementos, ainda pouco utilizados nessas investigações. Essa posição de agregar diferentes elementos, além de relevante, é importante. Isto porque a pretensão é realizar uma montagem multifacetada em torno da ética de cuidado, por meio de fragmentos e detalhes que favoreçam a expansão do pensamento. São criadas curtas narrativas para desconcertar a descrição pura e a linearidade do texto. Resolvem-se embaraços e entraves do campo da pesquisa, pela produção de fragmentos fundidos entre o diário de campo, as observações e as falas discursivas, num dispositivo disparador e desconcertante de narrativas inventadas, com a enunciação de várias vozes, misturadas com intensidade e força de crianças e de adolescentes em situação circular de rua, por meio de um traçado não linear, desvio.

Para tal realização, utilizam-se materiais ficcionais e não ficcionais, numa escrituração multifacetada que considera o processo de investigação ciência uma espécie de narrativa/ficção. O trabalho é excessivamente fragmentário, pelo seu caráter inábil e frágil. Os pequenos textos-peças são tensões inquietantes de traçar e delinear o ausente de nomeação, apresentado de modo plural, numa acoplagem de planos distintos, com suas referências teóricas, epistemológicas, ontológicas, éticas e políticos.

Por isso, reconhece-se numa aparente anticiência, onde, intencionalmente, busca-se distância de qualquer ideia de padrão, representação, identidade e verdade. Há um trabalho menor-necessário, no sentido titubeante e repleto de quebras, numa tentativa de acompanhar processos para tencionar jogos discursivos de poder, na complexa trama-intensidade-extensão da ética de cuidado. Isso visa a favorecer entradas e aberturas para potencializar o tema em foco.

É importante destacar, ainda, que se trata de todo um esforço de pensamento e de prática, considerada no plano da escrita do trabalho e da realização da pesquisa. Para tanto, requer um processo rigoroso e de acentuada sensibilidade, na criação em que são solicitados delineamentos variados, para traçar uma lógica de acontecimentos, mesmo distante de uma característica dedutiva ou indutiva, mas com suporte na concepção de método como caminho indireto, *desvio* (BENJAMIN, 1984).

Para tanto, faz a distinção e se distancia de uma epistemologia tradicional, com sistema produzido pela sucessão linear de dedução em dedução, como guia para o conhecimento, em busca de um estatuto de verdade, de modo a-histórico e não verbal, pautado no estático da forma matemática, portanto de uma representação. Aproximamo-nos então de outra concepção, denominada de tratado ou ensaio, marcada, provisoriamente, como equivalência de um mosaico: “compõe-se de fragmentos heterogêneos e extrai justamente daí a sua força” (FREITAS, 2001, p. 383).

Carece explicitar que este modo de produção do conhecimento não visa a uma hierarquia, substituição ou superioridade ante os modos de pesquisas científicas fundamentadas na Epidemiologia ou em pesquisas de fundamentações quantitativas, mas é, apenas, um viés legítimo e cooperativo às ciências, perante os desafios multifacetados e complexos, apontados no panorama da pesquisa em Saúde Coletiva, no cenário mundial do século XXI.

Com base nessa concepção de desvio é que a tese-escritura será percorrida. Considera-se a história aberta e não linear, a narratividade, a alegoria e a metáfora, num contínuo de apresentação. Desse modo, em vez de seguir a linearidade, compõe-se uma montagem de pesquisa-intervenção, onde “ela não representa nada, mas cria linhas, cruza linhas, as diferencia (isso é muito importante, ela cria diferenças), realiza conexões, produz acontecimentos,

desbloqueia impasses, produz aberturas, se remaneja etc” (PELBART, 2013, p. 279).

Há, diretamente, um processo de relações de forças e de poder, com sua intensidade e extensão. Pelo seu movimento, continuidade e abertura, inaugura-se uma desconcertante aproximação à pesquisa qualitativa em saúde, na denominada área social em saúde, norteadas por cruzamentos e questões conceituais de ética, política, estética, afetividade e subjetivação.

É com a imagem-força-tensão provisória de mosaico=movimento que se objetiva produzir a eclosão de desdobramentos plurais e indissociáveis, por meio de detalhes e de resquícios potentes ao acompanhar processos de formação-movimento, em traçados de apresentações sucessivas, na simultaneidade de suas linhas.

Essa concepção de método como desvio, distante de um antimétodo, é uma composição de anticiência, pertencente à ciência. Distinto da negação de ciência é a fraca força que move a ciência, sem pretensão absoluta de superar os entraves atuais na Saúde Coletiva, nem de oferecer respostas acabadas e definitivas, com intuito de soluções, nem mesmo intenciona combater nada. Tenciona, agrega, desconcerta. Trás aspectos relevantes e inacessíveis aos estudos e às pesquisas pautadas na representação, visa criar alianças e forças com os pesquisadores e à sociedade de um modo geral, na contribuição e produção científica em Saúde Coletiva, analítica e crítica. Isso, pelos próprios aspectos de fundamentação teórica em questão. Esclareça-se!

A presente proposta distancia-se de modelos de um método linear, e não é produzida de modo delineada *a priori*, com origem numa estrutura pré-concebida. Em vez disso, ela se compõe em sua condição de processualidade, favorece aberturas aos seus elementos de forças correlacionados, produz imersões na complexidade, com uma tensão contínua de desvio da cadeia dedutiva, concebida numa constituição conjuntiva de reflexões multifacetadas, que potencializam experimentar-apresentar um conhecimento unificado-plural sobre as forças de poder, enfraquecendo-minando-diluindo a concepção centralizada de sujeito. No lugar de sujeito, ela incide em lineamentos, atravessando tanto multidões quanto os indivíduos.

A fim de sinalizar o entendimento provisório do que se apresenta nessa produção, produziremos dois planos distintos no trabalho: a) plano 01; e b) plano 02.

Esses planos, somados e agregados são compostas pela incorporação e pelo estreitamento do estudo proposto, caracterizado pelos materiais de campo da pesquisa e pelas referências diluídas no corpo dos ensaios. Os planos tangenciam de modo não dissociado a criação da escritura-tese, em igual relevância de abertura e desprovida de hierarquia. Propiciará, entretanto, demarcar a atualização do lugar da narrativa na produção científica. Atualizará uma aproximação entre o trabalho e a narratividade, lançando-se nos multifacetados e complexos campos da ciência à elaboração de um conhecimento não representacional. Deste modo, os planos serão demarcados pela divisória das páginas, em seu formato de apresentação.

O plano 01 será marcado pelo corpo do texto principal. Trará produções de narrativas, fragmentos, anotações, fotografias, imagens, mapas e desenhos. Estas elaborações intencionam: deslocar e distorcer a ideia de produção de verdade, pautada em dedução, indução e evidência; favorecer delineamentos à concepção de experimentação; desviar do caráter linear de pesquisas produzidas pelos traçados historicistas; tecer redes de relações de forças e potencializar agenciamentos como outros modos de produção do conhecimento.

O plano 02 será marcado pelas notas de rodapé. Trará referências bibliográficas, esclarecimentos, conceitos, definições e informações consideradas oportunas para o percurso da leitura, tendo uma característica própria e consolidada pela produção de trabalhos científicos.

Os planos estão entrelaçados com as concepções teóricas e filosóficas de Michel Foucault e Walter Benjamin. Nem sempre serão explicitados, conforme a situação de uso, mas no esteio de formulações filosóficas com esses pensadores, principalmente em criações conceituais e reflexivas sobre: jogos de poder, subjetivação, cuidado de si, método, experiência, narrativa, infância, história, estética da existência, política e ética.

Apesar das leituras realizadas de Gilles Deleuze e Felix Guattari durante todo o percurso de doutorado, preferimos não nos autorizar a adentrar as últimas consequências de seus pensamentos. Produziremos uma via indireta, em consideração e esforço ao reconhecimento de Michel Foucault e Walter Benjamin como aliados no movimento de nosso problema, questão. Pretendemos, entretanto, em menor densidade lançar mão dos vestígios e das digitais das influências de Gilles Deleuze e Felix Guattari, explicitando, nessa introdução, seus ecos marcados na produção dessa escritura-tese, no vasto campo inacessível da ética de cuidado.

2) NOTA 02: justificativas-motivações

A inquietação, afetação, tensão e implicação que movem essa escritura-tese estão repletas de argumentos. Podemos fazer um seco prontuário de motivos e argumentos, conforme exposto abaixo:

- 1) Reduzidos, incipientes e limitados estudos de subjetivação, nessa perspectiva;
- 2) Passagens profissionais em serviços de saúde, precisamente saúde mental;
- 3) Produção de experimentações de modos de cuidado em saúde, envolvendo a produção e a concepção de arte como estética da existência;
- 4) Implicação direta com a saúde mental, infância e adolescência;
- 5) Realização de estudos filosóficos e científicos no campo narrativo;
- 6) Coerência e coesão com a proposta de trabalho;
- 7) Impotência de uma transformação mais efetiva às extremas desigualdades produzidas pelo século XXI;
- 8) Contribuição de uma aproximação entre Filosofia, Arte e Ciência, com as devidas distinções;
- 9) Pelas forças-movimentos-pulsões transpostas ao corpo biológico e fisiológico, e que ensaia possibilidades de desterritorializar os corpos coletivos;
- 10) Posição ética com a vida nua, uma vida.

3) NOTA 03: citações

Além do aspecto pragmático, as citações nessa escritura-tese têm um componente ético. O aspecto pragmático diz respeito ao fator de impacto e ao índice H do pesquisador, preconizado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-CAPES.

O aspecto ético está relacionado com o reconhecimento do pesquisador-objeto-sujeito aos processos das redes de forças das produções científicas e não científicas, como tensões e planos narrativos multifacetados, inscritos numa produção dialogal coletiva e de característica de referencialidade ao outro, como voz indireta colaborativa na constituição dessa escritura-tese.

Bakhtin (1988) desenvolve essa ideia de ética na obra **Marxismo e Filosofia da Linguagem**, esclarecendo que a citação trás em si as vozes plurais de vários, num campo polifônico.

O filósofo Walter Benjamim, também, reconhece a legitimação e a relevância ética da citação, afirmando: “Citações em meu trabalho são como salteadores no caminho, que irrompem armados e roubam ao passante a convicção” (BENJAMIM, 1995, p.61).

4) NOTA 04: pesquisa-intervenção

Consideramos os aspectos institucionais estruturais do doutorado em Saúde Coletiva. Marcados pelo rigor, compromisso com a produção ética e política, numa implicação entre teoria-prática. Num esforço de pensar-fazer-intervir, diante das desigualdades econômicas, sociais e coletivas, existentes no cenário mundial e brasileiro. As questões de complexidade envolvidas na saúde coletiva, em seus aspectos políticos, de subjetivação e da estilística da existência, delineiam encontros entre a ciência e a vida, numa concepção micropolítica, em consonância analítica com a macropolítica.

5) NOTA 05: arte

Três usos distintos da arte são considerados:

- 1) Arte-experimentação, para a produção de materiais-forças, pertencente à ética de cuidado em saúde;
- 2) Arte-intervenção, para uma devolução da escritura-tese, para além do território formal instituído pelas teses acadêmicas vigentes, alargando e vazando o espaço do conhecimento aos fluxos de forças movimentadas pelos coletivos de artistas, em processos interventivos públicos, como divulgação da operacionalização processual do trabalho; e
- 3) Arte-análise, aproximando o conceito de estética da existência em Michel Foucault e a compreensão da vida como obra de arte em Friedrich Nietzsche.

Desse modo, a arte-objeto, feita concepção sagrada, será evitada, haverá distorção e desfiguração para o espaço multifacetado de manifestações de forças,

repletos de inacabamentos e aberturas. A arte terá um estatuto de retomada ao profano, à imanência, inapreensível numa concepção de objeto-culto e de algo intocável.

Além disso, foi feito uso de obras de narrativas infanto-juvenis, caracterizadas, inicialmente, como objeto-arte. Estas foram deslocadas de seus usos convencionais e naturalizadas, como leitura, manutenção e disposição. Foram dispositivos mutantes, conforme o processo e os fluxos processuais percorridos, recontados, contados, desenhados, feitos de brinquedos e desprezados.

A arte, em síntese, se concebeu como produção à existência estética da vida, criação de expressões e sensações, diluídas entre sujeito-objeto, ciência-vida, teoria-prática, sagrado-profano.

6) NOTA 06: documentos-normas-leis

Os documentos, normas e leis que utilizamos nessa escritura-tese apresentam uma das linhas de força em torno da temática da ética de cuidado em saúde. Distantes, porém, de serem concebidos como fundamentos últimos deste trabalho, favorecem o tensionamento das produções de forças im-postas no fluxo das práticas, em igualdade de força, sem hierarquia. Esses documentos oficiais trazem à tona um vetor analítico a coletânea de ensaios de Benjamin (1986), intitulados por Bolle: **Documentos de Cultura, Documentos da Barbárie**, entre as fissuras-brechas im-potentes da efetivação de práticas norteadas, exclusivamente, pelas normatizações existentes e preconizadas pelos documentos oficiais.

7) NOTA 07: fotografia

A fotografia é mecanismo-dispositivo para constituição de composições desse trabalho. Ela nos trapaceia em sua perspectiva e ângulo. Lançar mão da fotografia é, também, perder-se em sua visão, ir para o não registro da fotografia. É produzir entre a luz mostrada e a sombra encoberta, entre o plano da imagem e o que ficou fora dela, entre o dentro e o fora. Para além de um registro, ela veicula enunciado e imagem, modos de ver e de existir.

Incorporar-desincorporar imagens clicadas pelas forças-crianças-adolescentes, em situação de rua, foi um esforço-tensão de desfigurar retratos, deformá-las e se constituir na potência de processos de acontecimentos possíveis, nas brechas das fissuras molares, numa criação do não instituído pela ordem da

representação. Foi lançar-se em imagens-sensações dos afetos e das linhas de desterritorialização, num fluxo dos movimentos-devires propostos para a constituição deste trabalho; foi fazer da câmera fotográfica um objeto-máquina-força-potência, onde o tempo, o espaço e o corpo-sensação foram intensificados pelo seu caráter de imprevisibilidade e inconstância, não de verdade, registro ou retrato, mas de uma fisionomia inacessível nas frestas do tempo *aíon*, isto é, o tempo instante do acontecimento, do espaço-vestígio.

8) Nota 08: os desenhos de um artista

Os desenhos da tese foram criados pelo artista plástico Ronaldo Vieira. São desenhos inéditos, feitos a partir de um prolongado processo de conversação. Podemos afirmar que, cada desenho é um misto de sensibilidade e dobra do conteúdo apresentado em cada ensaio. Ao invés dos desenhos serem uma colagem ilustrativa a serviço dos ensaios, eles são alianças de composições, produzem um corte no formato das teses clássicas. Apontam, a cada ensaio escrito, uma fusão entre a arte do desenho e a arte investigativa da ciência. A inclusão desses desenhos é um convite, em ato, de um reencontro possível de uma investigação de caráter subjetivo e complexo, com a condição criadora da vida, em sua pluralidade e multiplicidade.

Desse modo, achamos oportuno transcrever na íntegra os comentários do próprio artista plástico, sobre essa experiência vivida:

O convite para participar desta pesquisa enquanto ilustrador foi, para mim, motivo de satisfação e desafio. Nesse sentido, posso demarcar dois momentos que estruturaram o processo de feitura das obras, o primeiro recai na ordem de natureza plástica, pela escolha da técnica que melhor atendesse a demanda ali exposta e o segundo, em atender ou não as expectativas imagéticas do complexo conteúdo ao qual fui apresentado.

O ineditismo temático exigiu um tempo de reflexão frente às demandas a serem exploradas, para depois devolver plasticamente aquilo que me propus contribuir enquanto tal, junto ao autor da investigação. Nesse ínterim, entre idas e vindas, que compreendeu o meu processo de criação, busquei uma consonância entre a ideia esboçada e o conteúdo textual proposto. Na tentativa dessa interlocução pesquisei em bancos de imagens, participei de vivências religiosas e sociais, me desorganizei psicologicamente, mas, segui avante, tomando isso como exercício de apropriação e aproximação. Outro fato relevante foram as contribuições do pesquisador que me forneceu elementos norteadores do que eu viria apresentar enquanto trabalho visual.

Como resultado pessoal, essas produções plásticas mexeram temporariamente com a minha percepção, pois a força que guiou o meu processo criativo me imergiu num ambiente surreal e abstrato, e que nele caminhei na contramão do meu método acadêmico de composição.

Contudo, considero válida a experiência de ter podido imprimir no plano do papel outras realidades até então inéditas para mim. (Ronaldo Vieira)

9) NOTA 09: quadro sinótico – nenhuma *bíblia* cabe aqui

Diante da estrutura ensaística da tese, consideramos oportuno fazer um quadro de relação com a estrutura clássica. Apesar de considerar essa síntese dos ensaios sem uma equivalência possível na estrutura clássica de uma tese, grosso modo realizamos essa comparação. Esse quadro visa favorecer o leitor a adentrar no fluxo estrutural dos ensaios. Essa escolha foi favorável pela temática do estudo, pelo corte intencionalmente produzido. Entretanto, destacamos que, permanecemos no rigor e na consistência própria da ciência, visando uma contribuição à Saúde Coletiva.

Quadro-Montagem Tese:
Equivalências entre os títulos dos ensaios e a estrutura clássica

Títulos dos Ensaio	Estrutura Clássica
Notas de esclarecimento	APRESENTAÇÃO
Entradas e aberturas	INTRODUÇÃO
Movimentos da arte	MARCOS TEÓRICOS
Montagem desvio	METODOLOGIA
Narrativas analíticas	ANÁLISE
Desdobramentos inconclusos	CONCLUSÕES FINAIS



Obra: Entradas e Aberturas

Artista Plástico: Ronaldo Vieira

II ENSAIO DE INTRODUÇÃO: ENTRADAS E ABERTURAS

1 ENTRADAS

“Não, certas coisas nem pessoas nem animais podem agradecer”.

(LISPECTOR, 1999, p.112)

Narrativas¹ curtas. O porão labirinto da memória. Tocar no inominado e no desconhecido. Apresentar movimentos e delinear ensaios. Ensañar com escrituras experimentações. A fuga do convencional para aliviar o mesmo e borrar o cuidado de si. Desistir e resistir à ciência. Potencializar com arte a criação de práticas de cuidado. Escavar no passado vestígios de forças presentes. Sinalizar motivações sem prendê-las. Fragmentos dispersos para compor corpos disformes e o inalcançável. Quebrar a linearidade objetiva e distorcer a lógica da razão cartesiana. O lado de fora do dentro da implicação. Imagens rabiscos da micro autoetnografia performática². Linhas tênues e planos variados. Entradas processuais na infância-adolescência impessoal. Atravessamentos sem saída, tecidos nas brechas e nos desvios. Densidade dessa frágil condição científica. Distanciamento da concepção de centralidade do sujeito. Entradas em planos de linhas de forças e jogos de poder. A trama analítica da ética do cuidado. Um corte à representação. Experimentação, processualidade, movimento, desvio, traçado, composição, densidade, afeto e intensidade. Narrativas-entradas.

¹ Uma intertextualidade a obra de Benjamin (1987) *Infância em Berlim por volta de 1900*, escrita entre os anos de 1932-1933.

² Estudo qualitativo, de característica etnográfica foi apresentado no programa de pós-graduação em Saúde Coletiva, em decorrência da disciplina do professor doutor convidado da Universidade de Michigan: Cláudio Moreira. A concepção é marcada pela ideia de sujeito, colocando-o como pesquisador implicado no centro da investigação. Concebe uma motivação consigo que marca e atravessa sua investigação. Essa concepção, legítima em seus aportes teóricos críticos, foi propositalmente desvirtuada. Isso porque desconfiamos de uma epistemologia que conceba o sujeito pesquisador como centro de suas motivações pessoais. Defendemos, em parte, uma concepção bordada pelas afetações do pesquisador, mas que não o coloca como centro da investigação. Ele se apresenta num jogo de impessoalidade de um real, por isso o uso da terceira pessoa do plural nesse trabalho, diluída em constantes indisposições de uma apreensão do eu, do sujeito representacional. Desse modo, o sujeito aqui, além de ser diluído é a transfiguração de uma invenção de si, trás uma explícita concepção epistemológica de conhecimento que fura a lógica cartesiana linear, instaurada pela base do movimento e da intensidade aniquiladora do estatuto de representação. Aqui o sujeito é inexistente, farsa e invenção. Delineamos jogos de forças discursivas de poder, manifestados a partir de práticas discursivas e não discursivas. Num eu não pessoal, numa terceira pessoa do plural, acompanhamos processos e planos de forças e jogos de poder, manifestados em práticas polimórficas de cuidado em saúde.

1.1 REMEMORAÇÕES: NO PORÃO DO AGORA

Narrativas-imagens vêm à tona!

1.1.1 Adolescências

Por volta dos quatorze anos, casa frequentada por outras adolescências.

O familiar.

Ecoam gestos, rostos, risos, brincadeiras e afetos.

Uma força vetor intercede os encontros habituais.

A figura pai aproxima e ensaia conversa sobre a vida.

Um desconcerto de falas gagueja aproximação inicial. Frágil comunicação.

Tensão, intensidade e acontecimento.

O estranho: pura imanência.

Pai se distancia da cena.

Adolescências enunciam: - Não entendemos nada!

Desarmo: - Entendo!

1.1.2 A descoberta

O alpendre, na casa de infância, traz o cheiro do chão batido, pisado em barro cru. Apontam infinitas veredas da existência, transfiguradas em brincadeira da meninice. A grande caixa de papelão, comprida e espaçosa era esconderijo secreto dos bonecos *Playmobil*. Cumpria a utilidade prática da ordem e da contenção, nem sempre manifestada.

Distribuir e despejar os bonecos no chão era convite à aventura, renovada pelo acontecimento insólito. A solidão do corpo-menino se fazia multiplicação e criação de outros corpos-meninos que, de fato, inexistiam. Uma centelha de luz intercede com olhos ávidos, pelo lado de lá do portão-porão da casa de infância. Abrir o porão-portão, convidar os ávidos olhos a adentrar os largos braços do alpendre era ousadia entre a casa e a rua, era uma junção de risco e prazer,

materializados em experimentações repletas de curvas e traçados. O encanto-mistério só poderia ser experimentado com a entrada e abertura do portão-porão. E, naquele instante, se desvendava muitos outros porões-portões, em *continuum* e permanente intransponibilidade. Fechados e lacrados, repletos de impedimentos e proibições sacramentadas.

Naquele feito, o alpendre se alargava, estendia seu cheiro à rua e a rua se aproximava do alpendre, com seu mormaço e detrito. Oferecia um encontro entre grãos que se misturam e reconheciam o rosto do (i)mundo. As mãos ensaiavam paisagens e cenários, desdobravam personagens transfigurados por meio dos bonecos. Iniciava uma aprendizagem sobre imperadores e mendigos; ricos e pobres; bonitos e feios; saudáveis e doentes; humanos e inumanos; justos e infames. Sobre a humanidade, a sociedade e a frágil existência da vida.

1.1.3 A máquina e a biblioteca

No labirinto da casa, a prisão da liberdade se manifestava pelos cômodos-esconderijos. A biblioteca era um templo guardado a sete chaves. O som da máquina de escrever era um especial concerto à curiosidade de menino. Pelos minúsculos espaços da porta, os olhos se aproximavam dos castelos de livros. A mão e a fraca voz insistiam, pediam entradas, aberturas. Raras vezes era concedido vislumbrar o laboratório sério de gente grande.

Quando o feito se tornava possível, o pequeno corpo se dispunha no chão da biblioteca. Em silêncio para não comprometer a concentração e o pensar, da brincadeira de adulto. O som da respiração, do coração e das máquinas de datilografia manual eram forças inventivas de uma potência ativa.

Não cabiam a palavra falada e a conversa. A imaginação e a fantasia se faziam promessas de templos sem chaves, sem portas nem horários. A céu aberto³, protegido com telhas de cristais e diamantes, incididas pela luz, cor, número e letra da existência.

A gagueira da criança apontava a nudez de si: - Quando você morrer, eu posso cuidar da biblioteca? Frase precisa como estaca no coração do vampiro. A resposta ressuscitou o morto, tornou-se oráculo de Delfos à infância corrompida: -

³ Alusão ao documentário *À Ciel Ouvert*, dirigido por Mariana Otero, 2013.

de imediato, não! Você não saberia cuidar dela, é preciso se implicar. A reconstrução do lampejo-tempo-instante rememora o que nunca foi dito. Cuidar e implicar. Com a posse e o ter, com o traçado de aproximação, de vínculo, de intimidade e da apropriação da existência humana, para além da posse e do ter.

1.1.4 Cabelo: descabelado, cabeludo

Eliminações!

“Soldadinho de Chumbo⁴” revisita vidas...

1978. Dez anos incompletos. “Sou Rebelde”: tessitura da trama. Bordava um eu pernetá, faltoso e cambaleante. E a constante revolta de violências sexuais infantis. O que um cabelo grande não provoca!

- Sei que você gosta de homem!

- Todos falam... Deixe de besteira e brincadeira!

O braço esquerdo envolvia o ombro, de volta à barraca. O cheiro forte de mar, céu estrelado, vento e areia fina-pesada. Pais haviam confiado no adulto responsável, coordenador do acampamento. Dirigente do grupo de jovens. E agora? Nem tinha doze anos.

Era 1981. Quinta série. Colégio de Padres, com boa reputação, pessoas influentes e de grandes posses.

Cabeleira e Sexo eram confundidos. E, ainda, engodam na confusão a diversidade sexual: homossexual, heterossexual, bissexual... transgênero, travestis, transgênico, transcendental... O raio que o parta! A classificação não garante inclusão, colabora com o extermínio. Silencioso, solene e sofisticado...

1.1.4.1 Qual o tamanho do cabelo para ser homem com H maiúsculo?

A fumaça, a fuligem e as cinzas do devir... A liberdade guia! A libertinagem da moral aprisionava!

⁴ Referência ao clássico conto de Andersen: O Soldadinho de chumbo.

Figura 1 - Boletim escolar, com manipulação digital – efeito esboço a lápis



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 2 - Retrato infantil, com manipulação digital – efeito recorte



Fonte: Elaborado pelo autor.

1.1.4.2 O Choque: o trauma

“O silêncio reinou durante a noite toda⁵...”

A estrela do céu não acudia as estrelas dos olhos amedrontados e assustados:

- Deixe de brincadeira, já disse!
- Não estou brincando, falo sério! Sei que gosta de homens!

Ainda sem entendimento sobre homem, nem mulher. Mas parecia entender a crueldade.

⁵Citação do conto clássico O Soldadinho de Chumbo, de Andersen (p.38).

Cabeleira era tocada pelo vento. Mas o som do mar anunciava a imensidão do abandono e da violação.

Homem do Encontro: era assim o apelido no encontro de jovens. Quando a boca falava o silêncio e a atenção de todos se faziam. Agora sem voz!

A graça foi se transformando em penumbra, escuridão, breu.

1.1.4.3 A Aprendizagem: narrativas e cabeleiras

Figura 3 - Sobreposição de livros infantis, fotografias e boletim, com manipulação digital – efeito cinza do lápis



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 4 - Sobreposição de livros infantis, fotografias e boletim, com manipulação digital – efeito esboço a lápis



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 5 - Sobreposição de livros infantis, fotografias e boletim, com manipulação digital – efeito esboço em giz



Fonte: Elaborado pelo autor.

1.1.4.4 Estrela Cadente: sem luz, nem brilho...

- Vai gostar!

Ombro se liberta numa fresta de lampejo, feito estrela cadente. Pés trêmulos voam que nem gaivota. Esconderijo: entre a lona externa da barraca e os quartos. Cantinho de areia e miúdo. Respiração apertada que nem João⁶ a trapacear a bruxa

1.1.4.5 A longa noite da vida...

Atravessei a cabeleira como quem se movimenta sem certeza nenhuma. Mas a narrativa povoava. A narrativa acalenta a violência sexual e tantas outras em álbum de colecionador de pedras e de sonhos. Repleto de outros colecionadores. Revejo desdobramentos e práticas de cuidado. Há sempre caminhos. Às vezes bifurcados, com becos sem saída, interrompidos. Mesmo assim teimo em inventar saídas. As escrituras sagradas são profanas. Fazem parte da imanência. E à parte disso, há muralhas de prisões a céu aberto, tão grande quanto às institucionalizadas. E os infames somos nós. Com nossas falsas promessas e

⁶ Referência ao clássico conto dos irmãos Grimm: Joãozinho e Maria.

sutilezas de eliminação. Talvez um dia a gente encontre um país puro. Magistralmente exterminado e higienizado!

1.1.4.6 Trilha com amigo

Trilhei com um amigo cabeludo e por vezes descabelado o caminho da Costa da Lagoa ao Canto dos Araçás.

Desde antes, lenta e sorrateiramente, surpreendentes acontecimentos ocorriam, mas este que ora narro se deu no domingo do sétimo dia de dezembro de 2008.

Iniciamos o percurso, quando de repente entre folhagens que encobriam a entrada de uma pequena e misteriosa grota, súbitas transformações aconteceram...

Eis que surge a frente dos meus olhos estendidos pela lente da máquina fotográfica, a imagem íntima e ao mesmo tempo ostensiva do amigo transformado em homem das cavernas.

Deste ponto ao Canto dos Araçás, muitas vezes me perguntei: quem prossegue comigo essa trilha? Seria o íntimo amigo cabeludo? Ou seria o homem das cavernas, descabelado?

Só hoje, ao rever a imagem encontro uma possível resposta para a questão! Desconfio que caminhei a Região da Costa, às margens da Lagoa, com o íntimo cabeludo amigo e o homem das cavernas descabelado, pois compomos múltiplos e algo mais, mai, ma, m...

(Magda Mendes)

Figura 6 - Retrato adulto, com manipulação digital – efeito cinza do lápis



Fonte: Elaborado pelo autor.

1.1.5 A Fúria

Kelly habitava a casa. Seu tamanho descomunal era tão imenso quanto as delicadas e secretas forças que habitavam o mundo. Entre a condição-movimento cão e homem não havia distinção, apenas diferença. Ambos eram fúrias, potências e

tensões. O laço orgânico se desfigurava em pelos, olhos, orelhas, boca e mãos-patas.

Provocar deslocamentos era uma atividade perigosa, requeria cuidados. Aproximar mão e rabo era sinal de alerta! De advertência! A dobra se fazia no rosnado enfurecido de sua proteção. Os dentes marcavam a pele imaculada e lisa. Estampavam cicatrizes da historicidade, denunciavam ruínas da convivência, por meio do acontecimento, debaixo da mesa do almoço.

1.1.6 A sessão matinal

Não mais de dez anos, a criança se perdia na trajetória da sessão sabática. Encontrava motivos e desvios, continuamente, para chegar ao itinerário-monumento. Os caminhos, sempre outros e os mesmos, traziam rudimentos inexplorados da vida. Pedras, gravetos, vento, chuva, sol, areia e seres resvalavam nas faces do inacabamento. A jornada era sem fim, a ética do cuidado pedia passagem e afluentes, em busca de chaves nunca existentes, ilusoriamente perdidas, jamais obtidas.

À chegada, o itinerário-monumento era invenção. Nunca seria configurado de fato, nunca se chegaria. Discursar e apontar a verdade não mais importava. Bastava acompanhar as imagens-processos com que a vida se alargava, com as passagens para desembocar num oceano entre o céu e o inferno da humanidade, nenhum sagrado ou profano, ambos, integrados entre o sagrado e o profano, da imanência da arte.

A sessão matinal produzia filamentos sucessivos de acontecimentos. Brincavam de esconde-esconde na sala escura. Achávamos que havia uma sequência lógica, mas revemos que não era nem uma lógica sequência. Eram, apenas, ecos apresentados em delineamentos de Pier Paolo Pasolini, Ingmar Bergman, Carlos Saura, Federico Fellini e Wood Allen.

A compreensão instrumental, repleta de informações e denúncias políticas, era o que menos importava. Trapacear novas políticas e experiências se tocavam com outras forças, produziam passagens às sessões matinais, jamais representadas.

1.1.7 Cine Drive-in

Viagem-transgressão se anunciava nos fluxos da noite. Peraltice de grupo de meninada era mais do que patotas, galeras, turmas, bandos, grupos, *gangs*. Eram força-tempo-instante-espaco de uma ocupação e implicação com a rua, aliados de alegoria na tessitura dos percursos secretos. Menores se metamorfoseavam de edificações-muralhas, formavam um corpo-sensação de afetos nas irregularidades do chão. Asfalto, calçamento, paralelepípedo e areia. Veias-pulsações de seus corpos alargados e vazados na imensidão do micro mundo percorrido.

Sinal vermelho advertia passagem, tanto quanto construções imponentes e armadas de cercas elétricas. Construções sisudas, austeras e inacessíveis. Os jardins já nos eram privados, assim como o cheiro das flores que despontavam frutos. Às vezes, por milagre e raridade, uma águia-mortalha insistia em ecoar seu canto, anunciando que a vista-viva insiste e permanece. Pede multiplicidade de fluxos.

No outro lá de lá e, ainda, cá chegávamos aos trilhos desativados. Num morro-pouso sobrevoávamos com a águia-mortalha perdida pelas nuvens. Um canto-poleiro-terra firme acolhia pesos de corações ávidos, pela sessão de cinema anunciada: **Bonitinha mas ordinária ou Otto Lara Rezende**⁷.

Gargalhadas e ritos se misturam ao feito sagrado-profano. Experiências e ritmos em constelações escamoteavam as mãos silenciosas que tocavam a descoberta sexual, o prazer compartilhado e propagado em segredo.

⁷ Referência ao filme dirigido por Braz Chediak, baseado na peça homônima de Nelson Rodrigues.

2 ABERTURAS

“Há histórias tão verdadeiras que às vezes parecem inventadas”.

(BARROS, 1997, p.69)

O tempo-deus cronológico – Cronos - é meramente informativo, traz uma sucessão de fatos desprendidos do instante do agora, é vazio, linear, homogêneo e datado. Deslocar desse tempo, criar aberturas para embarçar uma história, outra: intensiva, aberta, descontínua. Compor com imagens-narrativas a fragilidade-fortaleza do flash-instante de um espaço-infância-tempo e de um movimento-cuidado. Com seu ritmo, velocidade, força e delineamento de experimentação. Narrativas, anotações e imagens como constituição do pensamento à montagem de pequenas peças latentes de sugestões para a preparação de uma pesquisa-intervenção.

Quebras, interrupções, paragens, cortes. Uma travessia conhecimento pela inábil condição de contar. Caderno de campo e anotações forçam brechas, frestas e rupturas, para potencializar alianças com a ética do cuidado em saúde. (Im)precisões ética, estética e política numa investigação qualitativa.

Aberturas aos jogos discursivos de poder e linhas de forças, atualizadas num instante-agora, num devir-cuidado que não cessa de produzir aberturas à temática. São imagens-alegorias-fatos de entradas-cuidados-aberturas.

2.1 INFÂNCIA EM FORTALEZA, CE

Figura 7 - Imagem da matéria jornalística referente à narrativa, com manipulação digital – efeito extremidades brilhantes



Fonte: Elaborado pelo autor.

Em 2005, no dia 17 de novembro, um censo apontou, a partir de uma pesquisa veiculada pelo meio de comunicação (Diário do Nordeste, Cidade, p.12), que **510 meninos e meninas têm as ruas de Fortaleza como lar. Eles têm de quatro a 18 anos.**

A pesquisa envolveu 13 instituições governamentais e não governamentais. De posse das evidências, “esperam mais recursos para tirar os meninos da rua, visando oferecer o retorno das crianças ao lar”. Qual será o valor por peso humano de cada menino(a)? Valem mais ou menos que o dólar?

Os(as) meninos(as) proliferaram igual a chuchu em pé de serra. Houve um aumento de 13% em relação ao ano anterior. Representante de uma ONG “reforça a necessidade de garantir mais recursos nos orçamentos municipais, estaduais e federais para o atendimento a esse público”. Com quantos \$ se faz um retorno à casa?

O envolvimento com drogas enumera 69% dos totais, apontando maconha, cola e *crack*. Esta, além de mais consumida, requer um tratamento específico, segundo aponta o estudo na época de seu relatório.

É feito um apelo para a saída da fase de planejamento para a fase de ação, segundo um juiz. Benditos Centros de Atenção Psicossocial infantil-CAPSi e Centros de Atenção Psicossocial Álcool e Outras Drogas-CAPSad! Devem potencializar forças a inauguração destes serviços, três CAPSad e dois CAPSi numa cidade com mais de 2,5 milhões de habitantes?

Outro juiz expressa: “eu não tenho para onde mandar esses meninos!” Ele afirma que 95% dos meninos e das meninas fazem usos de substâncias psicoativas. Numa sociedade de efemeridade e de consumo exacerbado, eles estão bem no padrão! A lógica da estrutura do alto consumo é mantida, mas a lógica do hiperconsumo⁸ de produtos mercadológicos é incentivada e fabricada.

Para concluir, o texto espetacular da matéria, estampado pelo jornal, anuncia seu final: “sem tratamento nos abrigos ou em centros educacionais, os meninos retornam para casa ou para as ruas ainda como usuários de drogas, entram na criminalidade e têm como destino final a prisão”. Diríamos: perverteremos o destino de democracia, o desejo de liberdade; proliferamos prisões e mortes. O

⁸ Referência a obra de Lipovetsky, A Felicidade Paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo, 2007.

crônico descaso do falso cuidado, sem terno nem teto, fabricado pelas forças reativas de poder, estampado no conformismo de uma história historicista.

2.2 PESQUISAS, AÇÕES E ELIMINAÇÕES?

Estudos, pesquisas e ações nacionais e internacionais versam sobre crianças e adolescentes em situação de rua. Disputas, jogos de forças e de poder tensionam o cenário entre os grandes monopólios sobre esses personagens. Criam-se argumentos para defesa de ações.

De 2010 a 2015, algo na paisagem pública, parece ter revertido vertiginosamente: o sumiço de crianças e de adolescentes das ruas; mas, o segredo impera e a transparência de processos é ocultada por forças institucionais. Para quê? Para quem se omitem os procedimentos? O capital humano e econômico dispara as ações? Isso deve repercutir nas malhas econômicas do turismo, na imagem acolhedora e hospitaleira da cidade da luz? Deve repercutir nos próximos censos, sempre divergentes e polêmicos, realizados entre distintas forças que operam, legitimamente, com crianças e adolescentes em situação de rua?

2.3 O PEQUENO NAZARENO

Nome angelical da instituição não governamental. Fundada em 1994, na cidade de Fortaleza. Missão: acolher crianças e adolescentes em situação de rua. Situada em Maranguape, com sede em Fortaleza.

Os telefones não atendem. Participam de uma rede nacional e a presidiam: **Criança não é de Rua**. As crianças devem ser de quem? De suas famílias? Das instituições? Governamentais e não governamentais?

Outra tentativa, outro dia, os telefones não atendem; mas estão catalogados como números oficiais da instituição. Veiculados no *site* para qualquer cidadão que queira acessar. Estampam imagens de confraternização e alegria... Bem-vindo à era virtual e ao progresso tecnológico! Crianças de sorrisos largos e, integralmente, cuidadas.

Waiselfisz (2013) aponta no **Mapa da Violência: Homicídios e Juventude no Brasil** um aumento de 119,5% em casos de homicídios envolvendo

jovens, na década 2001/2011. Ano a ano, desde 2001, aumenta o número de “vitimizações” de negros em todo o Brasil, havendo um decréscimo de brancos. De 41% em 2001, cai para 28,2% “vitimizações” da cor/raça branca, havendo um decréscimo de 26,4%. Já a raça/cor negra de 58,6% em 2001 vai para 71,4% em 2011, havendo um acréscimo de 30% do total de “vitimizações” no Brasil.

Quanto engodo entre as raças! A proliferação de vitimizações tem concentração em um grupo: negros e homens. Só faltou elucidar o que já sabemos e, mais uma vez, registrar nas evidências: são pobres. Eis a evidência de um país de todos! A fantasia deve sua justificativa à proliferação de estigma e, ainda, de se acoplar as evidências numéricas das pesquisas e dos contrassensos da ciência: o negro é indomável, mais violento e marginal, por isso, está em maior número de “vitimização” de homicídios!

No **Mapa da Violência** foi esquecido o cruzamento das condições econômicas, e problematizar desigualdade e preconceito, disfarçando senhores e escravos, bons e maus, dóceis e indóceis, violentos e pacíficos. O complexo dilema brasileiro das raças/cor dos anos da década de 1930. Agora ampliado, atualizado no Brasil dos números do século XXI. E as pesquisas prosseguem!

Os bons meninos negros devem estar instituídos, em reabilitação, em processo de recuperação; formatados para uma sociedade, fantasiosamente, nefasta, de brancos, micro fascistas, puros e limpos. Nas sutilezas da lei. Às boas ordens e ao progresso do País. Um país de misturas, diferenças e pluralidade.

O telefone toca, toca... Continuamos insistindo em ligações: em dias e horários diferentes. Devem estar muito ocupados com coisas sérias. Tempo é dinheiro! Quando este telefone atenderá?

2.4 CHAMADA NAS REDES SOCIAIS

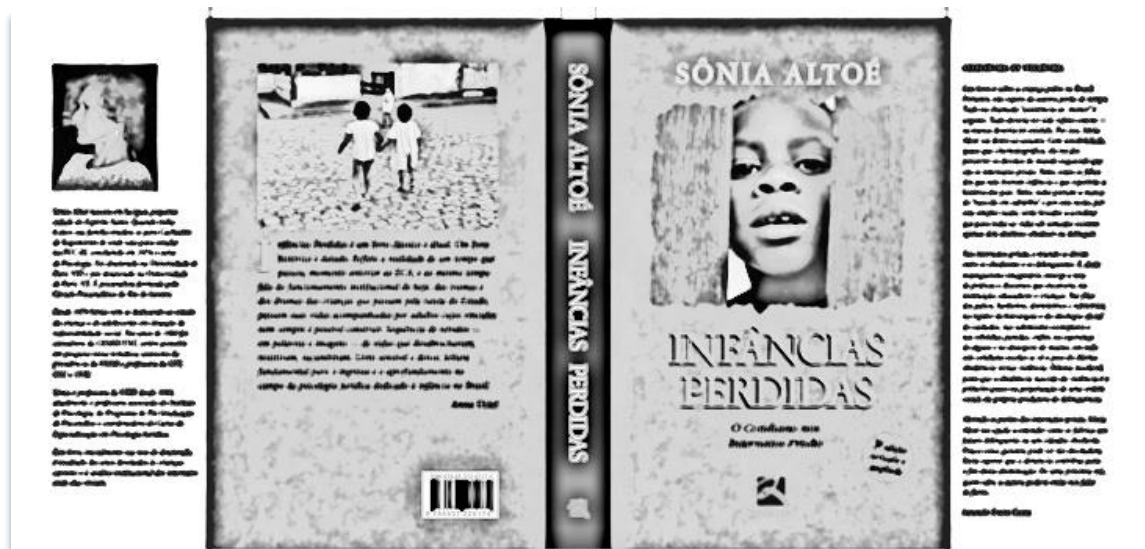
FÓRUM “**OS DESAFIOS DO ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL NA INFÂNCIA**” e **LANÇAMENTO DO LIVRO “INFÂNCIAS PERDIDAS”**

O Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC), em articulação com o Núcleo Cearense de Estudos e Pesquisas sobre a Criança (NUCEPEC) e o Laboratório de Psicanálise (LabPsi), tem a honra de convidá-lo (a) para participar do Fórum “Os Desafios do Acolhimento Institucional na

Infância”. O evento acontecerá às 9 horas do dia 23 de abril de 2015, no Auditório Rachel de Queiroz (Bloco Ícaro Moreira do Centro de Humanidades UFC - Av. da Universidade, 2762 - Benfica) e contará com a presença de representantes da Universidade, do Ministério Público/CE e de outros órgãos governamentais e da sociedade civil. O Fórum receberá também a colaboração da psicanalista e pesquisadora Sônia Altoé, professora do Departamento de Psicologia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e Coordenadora da Especialização em Psicologia Jurídica na referida Universidade. Em seguida ao evento, às 11 horas, a Profa. Sônia Altoé lançará a nova edição do livro “Infâncias Perdidas”, seu pioneiro trabalho de pesquisa sobre a vida cotidiana das crianças abrigadas. (Chamada do Evento)

INSCRIÇÕES: Não há necessidade de realizar inscrição. A ocupação dos assentos obedecerá à ordem de chegada.

Figura 8 - Livro de Sônia Aldoé, com manipulação digital – efeito fotocópia



Fonte: Elaborado pelo autor.

Nem todas as escritas são transparentes, objetivas e claras. Parece que não são para serem lidas... Mas, apenas, decifradas. Mesmo sem se chegar a uma decifração analítica completa. Apontam, entretanto, fragmentos de um *iceberg* de tramas, extensão e intensidade; onde se parece mais com o degelo de sua superfície do que com o aprofundamento interventivo de suas forças submersas.

No caso de crianças e adolescentes institucionalizados e em situação de rua, até mesmo os números se tornam obscuros, expõem tramas difíceis de acessar,

é uma infinidade de representação e de classificação onde a vida parece bloqueada e as muralhas de ações parecem produzir paliativos aos modelos intransponíveis.

A promotora pública do Estado do Ceará, Dra. Antônio Lima, apresentou números produzidos com base em um relatório quantitativo. Anunciou o tema principal: Acolhimento e Institucionalização.

Enumera um total de 26 casas de acolhimento. Sob inspeções periódicas. Última realizada no mês de março de 2015, envolvendo 22 unidades de acolhimento. Destas: duas em Fortaleza, capital, e quatro em outras cidades do estado. E as demais são ONGs, isentas de responsabilidade direta de acompanhamento pelo Município e do Estado. Divisão do bolo pela inoperância do Estado? Mas onde está o pedaço de bolo das crianças e dos adolescentes?

São 387 meninos e meninas de 0 a 18 anos que se encontram nessas instituições de acolhimento. Parabéns ao Conselho Tutelar que encaminham 47% dos totais. Encaminharam para proliferar 93% longe de seus pais e demarcar 100% sem nenhum vínculo com seu local de origem. Eram estrangeiros em terras outras! E nessa condição de estrangeiros, 41% estava há mais de dois anos institucionalizados. Para quem? Para quê? E, ainda, esqueciam que 54% se mantinham sem vínculos, nem com creches, nem com escolas. Eis a escola: um direito de todos! Ou seria direito e dever, dependendo de onde se encontra? Controles, corpos dóceis e adestrados?

Há, além disso, a permanência da institucionalização de 88%, mesmo depois de completados os 18 anos. Parabéns, outra vez! Agora ao prêmio-presente da permanência na casa de acolhimento. O seu mundo é esse! Divirtam-se!

A óbvia conclusão foi anunciada, como desafio: efetivar todos os direitos e as garantias impressas na **Lei de Convivência Familiar e Comunitária** (No 12.010/2009). Que o Centro de Apoio Operacional da Infância e Juventude-CAOPIJ possa potencializar e inventar o, ainda, inexistente.

Outra fala do evento trouxe um relato de uma pesquisadora em um estudo de caso. Denomina-o: O Mistério da Sacola de Plástico. Era uma garotinha institucionalizada que perambulava pelos corredores da instituição com sua sacola de plástico, contendo restos de coisas, aparentemente inúteis. Eram pontas de lápis quebradas, refugo de borracha usada e as belas formas da fina madeira dos lápis, quando fazemos suas pontas. Interessavam a ela as sobras.

Ficamos absurdamente emocionados com aquele relato, parecia que a garotinha filosofava com Walter Benjamin, apontava um horizonte de ruínas tão vivo quanto concreto. Se seus pais eram catadores de resíduos sólidos, se a casa de seus pais era armazenamento de materiais reciclados, temos dúvidas se ela realizava, exclusivamente, a manutenção daquela atividade-lembrança. Ela, talvez, recontasse algo sobre si, pode ser; mas reinventava em outro espaço a existência. Ela era pura extensão de uma criação estética da vida! E a vida não era, apenas, a dela, mas das forças de poder instauradas naquele centro institucionalizado e devidamente padronizado.

A fala da pesquisadora defendia a narrativa, falava da história de si. Forçava a ideia de identidade. Remetia aos projetos nacionais que trabalham com narrativa, que denominou Psicologia Narrativa. Trabalhava com a história de vida e a compreensão de si. Como compreender afetos, produções e subjetivações? A via seria pela compreensão? Onde ficaria a experiência de si, do outro e do mundo? Com seus atravessamentos, tensões, sensações e produções? A explicação parecia mais uma narrativa linear que, tentava dizer sobre o indizível. Preferimos sentir e nos fazer na imaginação de ser a própria garotinha a criar arte, mesmo sem saber que a produzia.

Altoé (2014), a convidada, relançava **Infâncias Perdidas: o cotidiano nos Internatos-Prisão**. Ela iniciou, timidamente, por meio de narrativas e de informações. Sua fala mansa parecia uma explosão de sabedoria em ebulição. Afirma a ausência de investimento no Brasil a esse grupo, reafirma a responsabilidade do Estado e a importância de uma formação continuada. Demarca a redução de encontros e acontecimentos entre profissionais para trocarem experimentos com diversos olhares e ângulos, numa multiplicidade de perspectivas. Oferece as coordenadas da produção do Ateliê Lúdico Expressivo que desenvolve em internatos institucionais. Explicita o óbvio e o que parece naturalizado nesses espaços: a não singularidade, a não privacidade de crianças e adolescentes institucionalizados, advindos enormemente de situações de rua.

Recordamos de Françoise Dolto, da Casa Verde, implantada num hospital público da França. Seu trabalho se utilizava de cruéis narrativas africanas, com crianças em sofrimento intenso, diagnosticadas como psicóticas. Ela foi uma psicanalista banida da sociedade francesa de Psicanálise, por ter realizado um programa popular de rádio, para dialogar com pais, mães, avós sobre as crianças.

Sônia Altoé fez referência a um projeto acompanhado pelo Instituto de Medicina Social/UERJ, fundado em 2001. A Casa da Árvore, assim denominado, está lançando uma publicação de sua experiência. Esse espaço de convivência enfoca atenção à infância, como dispositivo de criação e incidência as produções de trajetórias-subjetividades, acompanhando modos de propiciar o trânsito da existência, pautado pela palavra.

Quem sabe se essa experiência aponta outras trilhas para uma pequena, mas significativa transformação do quadro de crianças e adolescentes mal assistidos pelo Brasil afora. Quem sabe se essa experiência contribui para a produção de outras falas desses pequenos que, não seja como essa fala, ilustrada na apresentação de Sônia Altoé: pois “ser eu é muito difícil, [então é] dormir para sonhar”, como dito por uma criança de oito anos, institucionalizada e atendida pela apresentadora.

2.5 SEMINÁRIO DE SAÚDE MENTAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES: TECENDO REDES PARA GARANTIR DIREITOS

**Figura 9 - Cartaz do Seminário referente à narrativa, com manipulação digital –
efeito recorte**



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 10 - Material disponibilizado no Seminário referente à narrativa, com manipulação digital – efeito fotocópia



Fonte: Elaborado pelo autor.

No dia 15 do mês de maio de 2015, o Ministério Público da Justiça promoveu, no Auditório da Procuradoria Geral da Justiça, o Seminário **Saúde Mental de Crianças e Adolescentes: tecendo redes para garantir direitos**.

Apesar do auditório, inicialmente, se encontrar lotado, inclusive, com autorização de acrescentar cadeiras nas filas laterais para acomodar o excedente de participantes, isso não permaneceu até o final do evento, que, após programação intensa, concluir-se-ia às 13h. Houve lento, gradativo e significativo esvaziamento de participantes.

A abertura do evento trouxe ritos de condutas e procedimentos, a partir da fala da oradora: “acomodem-se em seus lugares e desliguem seus celulares, para podermos começar”. Todos de pé para o rito de abertura oficial do evento: a execução do hino nacional brasileiro. Os participantes da primeira mesa já despontavam suas *performances* no palco. Paletós, maquiagens, aromas e elegâncias estampavam imagens de *glamour*, *status* e prestígio. Além de marcar lugares de poder-saber institucionalizados.

Divagamos e rememoramos imagens comemorativas ao dia 18 de maio; dia Nacional da Luta Antimanicomial e, também, da Campanha de Enfrentamento à Violência, ao Abuso e a Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes. Haveria algum louco-criança naquele evento? Quantas crianças e loucos preservávamos naqueles invólucros de corpos adultos apilhados naquele auditório? Haveria algum eco nosso implicado e apropriado, além do dever do cumprimento profissional de instituições a que pertencíamos? A máscara e a persona se fundem em devaneios, disformes da ordem proposta pelo evento.

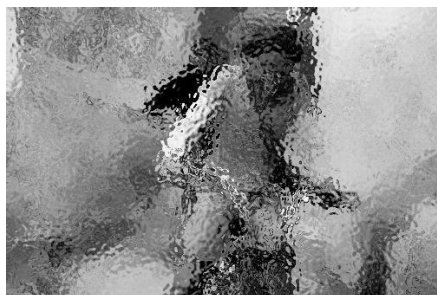
Transmutamos em imaginação a presença de crianças-loucos, gargalhadas e um coro a reinventar, criar o hino. Numa gagueira insistente, de uma fala por ser dita que, provavelmente, nunca se dirá; mas, pelo menos, produzirá sensações e afetos. Numa lógica de produção de subjetivação. Viva, brincante e traquina. Tão desconcertante e denunciadora quanto o conto **Os Novos Trajes do Imperador**. Tão sagrado, quanto profano. E sagrado e profano? Depende da perspectiva em que se analise. Pareceria mais um profano-sagrado e um sagrado-profano. Sem distinção.

As falas dos homens e mulheres sérias parecem uma cópia sem fim, uma explanação tão previsível quanto à própria inoperância de efetivação de transformações significativas, dos serviços e da tessitura da rede. A rede dos imigrantes e dos sertanejos parece mais funcional, simples e prática. Oferece o aconchego do sono, o embalo e o frescor do balanço. Acolhe o corpo e abraça a alma. Há varandas, braços e punhos!

Nesse evento, ficam estampadas nossas frágeis redes coletivas, sem fios, sem agulhas, sem traços. Ficam os documentos proliferando e os números justificando o que do lado de lá não se conta, nem se ousa indagar. Fica a medição de forças e poderes, de grupos opostos que se fiscalizam e cobram. Sem trégua ou mesmo numa tentativa de costura artesanal e inicial da renúncia à atividade e de encontro à passividade, ao atravessamento e ao afetamento da pura e pecaminosa experiência viva. Na retirada de tantas planilhas de representações, ausentes de operacionalizações à potência da vida. A pulsação do instante-vida agora.

2.6 BILU E JOÃO (CURTA-METRAGEM: 10'25" IN: *CRIANÇAS INVISÍVEIS*, 2005)

Figura 11 - Imagem do curta-metragem referente à narrativa, com manipulação digital – efeito extremidades brilhantes



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 12 - Imagem do curta-metragem referente à narrativa, com manipulação digital – efeito de transparência



Fonte: Elaborado pelo autor

Katia Lund movimenta sua lente cinematográfica no curta-metragem **Bilu e João**. Agrega à película **Crianças Invisíveis**, envolvida por outros seis diretores. Narram imagens-movimentos de crianças e adolescentes em seus caóticos contextos e cotidianos.

A diretora brasileira convidada trapaceia o lugar comum das drogas e do tráfico, desvia-se da lata instrumento de uso da pedra-*crack*, para transformá-la em fonte de renda para duas crianças moradoras de uma grande favela de São Paulo. São pequenos catadores de papelões, placas e pregos. São máquinas de guerra na resistência imaginativa e criativa de existência.

A primeira cena é desfigurada pela rapidez e pelo movimento dos brinquedos da infância, por entre os becos estreitos da favela. Bicicleta, carrinho de rolimã e *skate* são velozes, incorporam sorrisos, gargalhadas e vozes de meninos e meninas que são os próprios brinquedos, em suas condições exploradoras de desbravar o mundo.

Em paralelo à mistura de cenas de um jogo de *videogame*. A corrida de carros de Fórmula 1, conturbada e caótica quanto o trânsito da cidade. O encontro de Bilu e João. A brincadeira de futebol feita com latas. Uma bola-lata. Um diálogo de cumplicidade e reconhecimento. A saída da favela, a ida do percurso até a sucata. A personagem Bilu transgride a proibição de ir. Preços de sucatas estampados na placa. Lata, papelão, cobre, garrafa, alumínio. O aluguel da carroça-*ferrari* e o desbravamento da feira livre. Forças de poder adversas e reativas bloqueiam e tentam inibir a produção e o trabalho do pequeno casal de crianças. Ultrapassam pelas frestas e pelos buracos de possibilidades de potência, agenciam aproximação e vínculos. As mãos conquistam meia laranja, saboreada pela boca, sumo escorrendo pelos lábios.

As mãos se comungam com outras na habilidade artesanal na produção de um brinquedo rústico. Caixote de madeira, pregos e martelo criam o imenso campo de futebol. Jogadores-pregos, campo-caixote e moeda-bola. Agregam forças e potencializam em ações de cuidados, trocados e times de futebol são anunciados. Carroça-*ferraria* pilhada de papelão, latas e uma garrafa de *whiskey* vazia. E uma antena parabólica: para tencionar energias e imitar as imagens do caos? Pneu furado, acrobacia circense e venda dos materiais coletados. Preços que caíram como bolsas de valores. O valor de viver, ainda, está em alta! O regresso. Sonhos, devaneios e vozes... A imagem-tentáculo dos grandes arranha-céus de São Paulo, a pisotear e engolir a favela.

2.7 IMAGENS DE ESCHER

Figura 13 - Junção de imagens do pintor Escher, com manipulação digital – efeito entalhe xadrez



Fonte: Elaborado pelo autor.

Dentro do fora, fora do dentro, dentro do dentro do fora, fora do fora do dentro, dentro do dentro, fora do fora. Dentro e fora = jogos discursivos de poder e forças plurais.

2.8 QUANDO A CASA É A RUA

“Quando você coloca uma pulga num vidro com tampa ela pula, pula, pula... Até se cansar. Depois fica quietinha e, você faz o que quiser com ela. Assim, tão fazendo com as crianças de rua”.

Esta frase está no curta-metragem e produz intensidades plurais:

1. Somos pulgas; varia a frequência e a intensidade;
2. Há cansaços, não derrotas;
3. Como desmontar e desarmar forças reativas?

2.9 UMA COPA, VÁRIOS JOGOS

O documentário do dinamarquês Keldorf⁹ retrata o subterrâneo da copa do mundo realizado no Brasil, em 2014. O lado escabroso de narrativas atravessadas por desdobramentos de forças postas nas práticas discursivas de jogos de poder. Publicado em abril de 2014, relata o modo como foi fabricada a copa, num campo sucessivo de desapropriação e de sumiço de crianças e adolescentes, que habitavam as ruas do Rio de Janeiro e de Fortaleza.

Movimento polêmico e de mal-estar se tece em forças adversas. Qual a verdade? Qual a abertura para uma trama documentária dessas ser contada? Furo de reportagem? Crianças que habitavam as ruas de Fortaleza desapareceram no período da copa? Apenas durante a copa? Quais os controles de práticas de cuidado, transparentes e humanos? Haveria humanidade¹⁰ nas práticas de extermínio e sumiço? São jogos e brincadeiras pouco levadas a sério num país que cria saídas para justificar o politicamente incorreto, a naturalização do preço da mercantilização internacional financeira. A ruína e o escombro de uma desigualdade acentuada pelo senhor neoliberal. São vários jogos que ocorrem juntos. Partidas vistas por diferentes olhares, com lógicas adversas. Jogos que nos desafiam na contra mão da vida, nos convocam a traçar entre a absurda delicadeza do

⁹ Ver documentário no link: <https://vimeo.com/99503675>

¹⁰ Na ocasião da Copa do mundo no Brasil, uma amiga da Guarda Municipal de Fortaleza, contou sobre a prática de manterem crianças e adolescentes em situação de rua em estabelecimentos públicos fechados, através de negociações obscuras e em troca de migalhas materiais. Outra conhecida, de um serviço social que, trabalhou diretamente com esse público de crianças e adolescentes, também relatou a pertinência do desaparecimento de crianças e adolescentes das ruas de modo ostensivo e violento. Questões sem resposta transparente, através do poder público, para garantia de um cartão postal turístico de segurança e limpeza social? Narrativas que paralisam e afetam, mas muitas vezes ficam postas no porão do esquecimento. Sem saídas, sem revisão efetiva de práticas de cuidado. A manutenção da naturalização do extermínio?

sofisticado massacre fantástico e os documentos e leis que deveriam produzir proteção e garantias de direitos. Onde se produz prática de cuidados? De que modo são produzidos?

Enquanto esse jogo sem fim prossegue, encontramos crianças e adolescentes na re-criação de suas potências de vontade, com seus próprios jogos, na transgressão de um grito inaudível, no fio-pedra da vida. Sem eira, nem beira. Parece que a doença social vence. Mas, a partida não tem fim.

2.10 CHACINAS E REBELIÕES: NATURALIZAÇÃO DE EXTERMÍNIOS

Fotografia 1 - Imagem declinada do grafite feito em decorrência da chacina do Grande Curió, disponibilizada pelo artista Rafael Limaverde



Fonte: Elaborado pelo autor.

2.10.1 Chacinas

Candelária¹¹, Cabula¹² e Curió¹³. Rio de Janeiro, Salvador e Fortaleza. 23 de julho de 1993, 06 de fevereiro e 11 para 12 de novembro de 2015. São 31 mortos: homens, pobres e negros. Mais de 50% menores de 18 anos. Isso é mera informação. Longe da constatação pela evidência, há forte tendência de naturalização da prática de segurança. Policiais soltos e absorvidos pela mentalidade dos jogos de poder. A segurança pública produz essa proteção e afirma

¹¹ Ver: <https://anistia.org.br/noticias/nota-publica-20-anos-da-chacina-da-candelaria-nao-vamos-esquecer/>

¹² Ver: <http://negobelchior.cartacapital.com.br/nota-publica-do-conanda-sobre-chacina-do-cabula-em-salvador/>; <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/apesar-da-violencia-da-pm-baiana-ha-vida-no-cabula-5698.html>;

¹³ Ver: <http://www20.opovo.com.br/app/opovo/cotidiano/2016/09/02/noticiasjornalcotidiano,3655732/chacina-da-messejana-pms-fizeram-cerco-para-matar-diz-investigacao.shtml>; <http://g1.globo.com/ceara/noticia/apos-230-dias-oito-policiais-presos-acusados-na-chacina-da-messejana-sao-soltos-em-fortaleza.ghtml>; <http://www.opovo.com.br/jornal/opiniao/2017/06/angela-pinheiro-u201ceu-moro-no-curio-onde-teve-a-chacina-u201d.html>

assegurar vida. Parece uma metamorfose transgressora e constituidora de outra lei, nebulosa e complexa quanto o tráfico.

Assistimos em manchetes de jornais o extermínio e a naturalização de descarte de pobres, homens e negros. Espetáculos sensacionalistas, sem tempo para pensar, intervir. Os espaços públicos, ao invés de serem campos de encontros, deslocam-se para campos minados, em conformidade territorial, periférica e local. Campos minados e de encontros se misturam, são composições. Independente do uso que se faça da rua, do espaço público, fica advertido: Atenção! Cuidado! A rua é para os que ousam brincar de roleta russa¹⁴ e se aventurar na transgressão das práticas de leis, na produção de riscos, delírios e mortes.

Advertência: dependendo da cor, local e aparência podem ser enxergados como filho nobre. Inclusive, cachorro de madame pode transitar solto pela madrugada. O risco de morte é menor e, talvez, tenha até mais força de lei que a prática de lei instaurada nas práticas de eliminações.

Detalhe: isso não é uma afirmação, nem verdade, é mera distorção narrativa de impressão. Isso não é representação, é afetação no caos ético que nos atravessa e arrebatada.

2.10.2 Rebeliões

Mais de 85 rebeliões foram registradas em 2015, em Fortaleza. As Unidades Socioeducativas estampam nomes de prestígio: Patativa do Assaré, Cardeal Aloísio Lorscheider, Dom Bosco, São Miguel e São Francisco. Nomes de personalidades idôneas, marcadas por ate e fé. Os nomes compõem a sofisticação interna de cárcere privado e reclusão de jovens adolescentes. Sentenciados de atos inflacionários e sem sentença promulgada: reclusos. Atos de práticas maiores que os maus tratos vividos nessas unidades? Violência com violência se socializa e educa? Qual o preço de mercado para eliminar o filho dos outros¹⁵?

¹⁴ Nome dado a uma prática de ultrapassar sinal fechado em alta velocidade, num risco de colisão e morte. Suicídio indireto?

¹⁵ Alusão a *websérie* produzida pelo Coletivo Independente Rebento que, trata sobre a questão da redução da maioria penal em quatro episódios: 1. Peia; 2. Salmo 121; 3. Ovelha Negra e 4. Roda Gigante. Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=kK27Tk18Wic>; <https://www.youtube.com/watch?v=4aD1vk0st3w>; <https://www.youtube.com/watch?v=CifIR-6GzQ4>; <https://www.youtube.com/watch?v=BI-nC3YXWaa>

Superpopulação se prolifera nessas unidades. O sistema vai pela via imediata e cômoda: aumentar o número de centros. A superfície da questão deve dar mais lucros que rever as práticas de massacres silenciosos existentes nesses sofisticados confinamentos legalizados do século XXI? Que cuidado de prática se produz? Legal, dentro da lei e eficiente, para o que?

Alerta: a rua deve acolher melhor, apesar de não oferecer espaço de engorda¹⁶. Entre tramas e dramas ainda nos resta desistir dessas narrativas nesse sistema, contar outra história... Por vir... Devir!

2.11 TRAJETÓRIAS INTERROMPIDAS: HOMICÍDIOS NA ADOLESCÊNCIA EM FORTALEZA E EM SEIS MUNICÍPIOS DO CEARÁ¹⁷

Pesquisa oportuna e necessária foi realizada. Pelas informações trazidas e, sistematizadas em sua estrutura científica. Pelas narrativas que configuram espaço no relatório e pelas recomendações apontadas.

A partir do relatório dessa pesquisa destacam-se quatro reflexões: 1. A escolha das cidades participantes; 2. O questionário fechado com parentes, demarcando um dos recursos para reconstituição das trajetórias de vida dos adolescentes falecidos; 3. O modo de uso das narrativas no relatório e 4. As recomendações para prevenção do suicídio.

Fica elucidado que o foco qualitativo da pesquisa está determinado a um segundo plano, condicionado diretamente ao quantitativo. Este, demarcado a partir dos números absolutos disponíveis na base de dados disponibilizados pela Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social (SSPDS), em 2015 e na relação socioeconômica para o Ceará. Nesse viés, a pesquisa parte de dados quantitativos e organiza outros dados quantitativos, por meio da construção de categorias, classificação identitária e representacional. Desconfiamos que essa escolha tenda a reproduzir uma produção de verdade científica, sem aberturas para problematizar a

¹⁶ Engorda no uso dessas unidades significa as quatro alimentações oferecidas os adolescentes. Mas, como diria o provérbio popular: *Nem só de pão vive o homem*. Desconfiamos dessa expressão, pois na linguagem de criadores de animais a engorda é o período em que o animal passa pelo crescimento e aumento de peso, para depois ser abatido. O animal se alimenta temporariamente para chegar a sua morte e alimentar outros. Ele é um morto prescrito, anunciado. Talvez, alimento e morte estejam juntos, indissociável: alimentar-se no sistema e alimentar o sistema. Retroalimentar o sistema com a própria morte imposta.

¹⁷ Título do relatório da pesquisa realizada pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância – UNICEF, Assembleia Legislativa do Ceará e pelo Governo do Estado do Ceará, publicado em 2017.

questão dos homicídios de adolescentes, sem ofertar um não pensado da própria questão.

A utilização de um questionário, com 139 questões fechadas, mesmo tendo passado por um pré-teste, nos parece algo demasiadamente cansativo e diretivo, sem espaço de manifestações de intersubjetividade envolvendo pesquisadores e entrevistados. Nisso, fica a coleta de dados restrita ao que intenciona conhecer o pesquisador, sem espaço para o que poderia vir no próprio acontecimento do encontro com parentes. Numa prática de jogos de poder, diríamos que o espaço de narrativa do entrevistado está enquadrado no que é provocado a dizer, com pouca potência para o insólito, o inédito, o inesperado. Ou melhor, para o acontecimento. Nessa escolha, por mais que uma abertura de voz tenha sido oferecida aos parentes para contarem sobre a trajetória do adolescente, ele estará posto no jogo de uma posição dual com o pesquisador, dada de antemão. Além disso, a trajetória do vivido pelo adolescente nos parece além de interrompida, perdida. O que se tem são fragmentos de lembranças do que se conta num presente, a partir da percepção e versão do outro, uma ficção real do outro em nós. Desse modo, seria mais prudente reconhecer que o que se reconstrói é a trajetória do entrevistado, na reconstituição de si com o outro?

Sabemos que a narrativa é um modo bastante complexo e repleto de arranjos teóricos e metodológicos para uso em pesquisas, sabemos que seus usos são verdadeiros oceanos imersos em águas turvas e profundas, com instantes que transparece superficialidade. Diante do complexo uso da narrativa pela ciência, estamos desconfiados cada vez mais que sua força de embaralhar verdades e certezas e nos propiciar outras aberturas científicas, encontra-se justamente na impossibilidade de organizá-la pela via do pesquisador, através de narrativas, colocadas em decalque como fala do entrevistado. Distinto disso, o próprio pesquisador é quem reconta, narra a trajetória numa fusão entre implicação, escuta e escritura marcada pelos ecos de uma entrevista que ultrapassa o espaço ordenador das classificações. O pesquisador adentra, através das palavras, o que não se deu unicamente, pelas palavras. Ele cria uma narrativa afetada num entre espaços potentes de outro fluxo e saída. A narrativa apresentada traz, assim o que não é puro estilo individual e ficção, mas beira a distorção de alianças com vozes que, por vezes, fura a representação, compõe em sua transgressão um espaço de imanência pelos afetos e sentidos. Desconcerta leitor e autor, marca um impessoal.

Sobre as recomendações para prevenção do suicídio incluídas no final do relatório da pesquisa, questionamo-nos sobre a efetividade. No plano da racionalização e das evidências apontadas nos resultados apresentados, temos uma impressão da coerência e coesão das recomendações, mas no plano de intervenção efetiva e pragmática, reconhecemos que vários planos de forças estão em jogo, para além do aspecto cognitivo e racional. Diante disso, é importante reconhecer que o processo de realização dessas recomendações pode potencializar alianças para outros modos de vida, como pode reproduzir outros homicídios, além dos vividos pelos corpos físicos, fabricados nas instersubjetividades, em relações e jogos de poder.

3 O IN-JUSTIFICÁVEL

Por vezes é necessário apresentar o injustificável como justificativa de uma decisão que nos levou a realizar esse estudo.

Somos trabalhadores desconfortáveis com as práticas que operacionalizávamos e dos dantescos desafios cotidianos que vivenciávamos como operacionalizadores em Saúde Coletiva/Saúde Mental. O campo de um saber formativo específico era ínfimo para dar respostas potentes às complexas mazelas de desigualdades e pobreza em que vivemos. Realizar uma pesquisa que fizesse um recorte para aliviar nossa inquietação era, em equivalente condição, ínfimo. Estar sozinho sem interlocutores operativos e teóricos, também, nos parecia limitado. Estar nos serviços de saúde pública, como estávamos antes, era uma erupção diária de assombro e mal-estar, num sentimento de impotência frente a não-resolutividade de sofrimentos que nos chegavam e aos entraves institucionais produzidos pelos protocolos e pela sofisticada burocracia.

Precisávamos recuar para pensar e realizar um corte diante do imposto e determinado; precisávamos nos aproximar e agregar outros tempos para nos debruçarmos sobre esse desassossego sem fim, num abismo de complexidade denominado ética do cuidado em saúde.

As leituras organizadas nos inquietavam bem mais! Em nenhum instante intencionávamos repeti-las e reproduzi-las. Os artigos, textos e livros lidos apresentavam denúncias e críticas. Ofereciam dados quantitativos e análises, muitas vezes, aos nossos olhos de trabalhadores de serviços públicos, pouco desconcertante. E, quando ofereciam análises e conclusões, ficávamos com a impressão de recortes insuficientes para a complexidade das questões. Sem dúvida, tentávamos nos distanciar de respostas prontas que, apontavam na escrita de seus textos, soluções igualmente prontas e uniformes. Desejávamos a ruptura científica, social e política da ética de cuidado, outra. Intencionávamos traçar uma imersão labiríntica e fragmentária da ética do cuidado em saúde, sem deixar de fora a intensidade e o caos que vivíamos. Com seus tentáculos, discursos de práticas de poder e imagens-movimento. Para isso tivemos que criar um modo de escritura no limiar do caos, para favorecer pensar, ainda, o impensável e esquecido nos estudos

e pesquisas que lemos. Tentávamos compor alianças pensantes com o que solicitava relevância investigativa.

Juntar e misturar teoria-prática, sujeito-objeto, objetividade-subjetividade, razão-emoção, de modo embaralhado e sistematizado em lógica de pensamento, composta através de fragmentos ensaísticos, nos incitou a produzir uma abertura para a entrada de um jogo científico que, há muito não enxergávamos na produção científica em Saúde Coletiva. Tanto estudos quantitativos, quanto estudos qualitativos pareciam que estavam distantes do visceral cenário dos serviços em saúde, das práticas coletivas populares em saúde. Ousávamos tentar borrar a representação para transgredi-la. Um campo micro narrativo de fragmentos que despregasse do meramente simbólico e representacional e, provocassem acontecimentos escriturais para além da mera razão instrumental.

E, foi com essa ousadia de distorcer o linear, distante dos estudos clássicos feitos, dos funcionamentos dos serviços e das instituições que, escolhemos sem nenhuma garantia, inventar uma escritura-pesquisa de restos, não linear e inconclusivo.

Por isso, essa tese é uma experimentação em seu modo de escritura. A lógica borra um pensamento fundido por afetos e implicação coletiva de sociedade, se não menos desigual e miserável, pelo menos mais larga e expandida ao existir estético, ético, político e social.

Seria sínico de nossa parte afirmar que a trajetória desse estudo iniciou no próprio doutorado. Fez-se matéria, sim. Mas, iniciou quando vislumbramos cursar programas de pós-graduações na Universidade Federal Fluminense, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na Universidade Federal de Santa Catarina, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte e na Universidade Federal da Bahia. Nesta última universidade até cursamos duas disciplinas no programa de pós-graduação em Antropologia Social.

Para que destacamos tantas universidades que não cursamos? Para, de fato, destacar que cursamos o programa que deveríamos cursar. Hoje, mais do que nunca, temos a agradável sensação de gratificação.

O mérito do programa de pós-graduação em Associação Ampla em Saúde Coletiva, envolvendo UFC, UECE e UNIFOR, se encontra no que coroou e realizou. Isso porque foi por ele que as três distintas universidades hoje possuem

seus próprios programas de pós-graduação em Saúde Coletiva e desdobraram destaques investigativos ao nosso estado.

Se alguns podem ver como finalidade do programa, nós vemos como processo de atravessamento para aberturas e ampliações. Foi por meio dele e com ele que intercambiamos trocas com tantos colegas orientados pelos *experts* doutores-pesquisadores das três instituições, foi nele que transitamos com seminários, cursos e disciplinas distintas e contribuições singulares para a ampliação de nossa preparação de cientista; foi nele que vivenciamos inseguranças e, por vezes, incômodos. E, isso não é pouco, diante da estrutura tão legítima e distinta das três universidades que tivemos o privilégio de transitar livremente. Desconfiamos que os desafios investigativos foram reconhecidos pela potente intensidade dessa conjunção.

Nessa conjunção aditiva reconhecemos a relevante experiência e contribuição do Centro de Estudos Sociais–CES, da Universidade de Coimbra, Portugal, durante o período do Doutorado Sanduíche, sob a co-orientação dos professores doutores Cláudia Patto e Tiago Pires. Mais um campo de interlocuções foi aberto com vários cientistas que comungaram juntos a fraterna vivência na residência acadêmica Pedro Nunes. Cientistas e investigadores advindos de diferentes estados brasileiros e outros países. Em especial, as profícuas aprendizagens com a disciplina da pesquisadora de estudos feministas, a professora doutora Tânia Laky de Sousa e a capacidade argumentativa e crítica do investigador da linguagem, o professor doutor Guilherme Cardozzo. Todos possibilitaram grandes diferenças para essa in-justificativa política, social e científica. Vivi com todos alguns espaços de potentes desterritorializações da ciência, na condição estrangeira de habitar-se sem territórios.

Há uma condição que nos quiseram negar em nossas práticas de cientistas. Consideraram que se fizéssemos todas as lições e leituras cognitivas e repetíssemos de maneira objetiva e clara seríamos bons cientistas e profissionais. Entretanto, deixaram de apontar o devido reconhecimento à anormalidade da ciência, o lado obscuro que é fabricado pelo pensamento em profundo espanto e desassossego, principalmente em questões e fenômenos complexos. Negaram a imanência do pesquisar. Essa que não se prende, nem aprisiona, nem representa. Mas, se experimenta em seus traçados de um vir a ser, de um devir em torno de um movimento tensão atravessado pela ética do cuidado, outro.

Nesse traçado in-justificado fica o vestígio da aura de nosso orientador, professor doutor Jackson Sampaio que cria saídas para inquietar a Saúde Coletiva e agregar o inédito na produção da ciência. Sem sua ousadia, aliança e consistência essa Tese seria, provavelmente, um mero recorte.

4 OBJETIVOS

4.1 GERAL

Desenvolver uma análise crítica sobre a ética do cuidado, a partir de processos de acompanhamentos e relações com crianças e adolescentes em situação circular de rua.

4.2 ESPECÍFICOS

- a) Realizar uma pesquisa-intenção para agregar novos elementos para estudos qualitativos em saúde coletiva;
- b) Produzir invenções e criações a partir de narrativas e fragmentos plurais, por meio de processos de experimentação ao acompanhamento das produções de subjetivação de crianças e adolescentes em situação circular de rua, como ferramenta da existência estética, política, coletiva e ética;
- c) Compor narrativas analíticas que atravessam forças-imagens de crianças e adolescentes em situação circular de rua, por meio de material *recolhido em campo*, arte literária e fotografia, delineando uma ética do cuidado, outra;
- d) Agregar produções inéditas de arte plástica, enquanto desdobramento e incorporação crítica do trabalho realizado.



Obra: Composições

Artista Plástico: Ronaldo Vieira

III – ENSAIO DOS MARCOS TEÓRICOS: MOVIMENTOS DA ARTE

“Os limites que me impõe minha capacidade mental são bastante estreitos; o território, em troca, que terei de atravessar, é infinito”.

(Kafka, 1968, p.54)

Numa imagem com movimentos, sons, grunhidos e algazaras de crianças desajeitadas e inábeis nos deparamos com a complexidade científica da investigação em torno da ética do cuidado em saúde. Traçamos uma escritura que vagueia numa prosa investigativa. Tentativa de alargar o pensar, o fazer... Para além do dado e das orientações protocolares que, pouco vem apresentando efetivação de cuidados, nesse oceano multivariado de desigualdade e miséria em sofisticadas fabricações.

Pensar-fazer diante da imprevisibilidade e de vidas atravessadas... Vamos numa tessitura gaguejante. Entre o ensaio de uma narrativa analítica e a companhia do inominável¹⁸, o fora do representável.

Adentramos a rememoração¹⁹ ressonante da narrativa popular oral *Os príncipes do destino*²⁰. Aproximamos da força de *Obará*²¹, responsável por ouvir e narrar a *desgraça, a pobreza, a miséria, as riquezas perdidas e traições*. É uma imagem inicial fraca-forte. Tensiona um encontro com a *vida dos homens infames*²². Desfigura-nos e compõe outros modos de produzir-pensar em Saúde Coletiva.

Utilizamos delineamentos em planos múltiplos: prosa narrativa, filosofia, arte e ciência. Desconfiamos, inclusive, que uma das complexidades seja essa: aproximá-las sem negar seus fios e peculiaridades.

¹⁸ Alusão ao romance de Beckett (1989). Citamos uma passagem considerada agregadora a nossa escrita: *Ninguém me abriga a isso, não há ninguém, é um acidente, é um fato. Nada poderá jamais dispensar-me disso, não há nada, nada a descobrir, nada que diminua aquilo que resta dizer, é como se tivesse de beber o mar, há portanto um mar (p.30).*

¹⁹ Termo cunhado de Benjamin (1985) em diálogo com Prost, em torno da memória involuntária. A rememoração, distinta da mera memória voluntária, não trabalha com a repetição e informação em si, mas utiliza vestígios de lembranças do passado para atualizar o presente e recolocar, via experiência, a história por ser contada, inacabada e não produzida pela humanidade.

²⁰ Versão reescrita por Prandi (2001), num formato infanto-juvenil, com ilustrações de Monteiro, publicada pela editora Cosac e Naify.

²¹ Um dos dezesseis Príncipes do Destino, responsável por assistir os infortúnios da vida, por acompanhar os perdedores. [...] *Obará só sabia falar de coisas tristes, como as histórias dos que são roubados, dos que perdem bens materiais, dos que não conseguem realizar até o fim nada de bom, sempre envolvidos em fracasso e frustração [...] pois lá ia ele contando aquelas histórias infelizes, e por isso mesmo o chamavam de Príncipe Infeliz (p.12).*

²² Referência feita ao texto de Foucault (2003), escrito em 1977, a partir de sentenças de pessoas anônimas, registradas em livros e arquivos de documentos oficiais. Como o próprio autor diz: *uma ontologia das existências (p.12).*

Apesar de não intencionar a determinação e aprofundamento de suas peculiaridades, podemos explicitar que a prosa narrativa beira um fazer familiar ao senso comum; a filosofia é constituída pela criação de conceitos; a arte é a criação pelo sensível, em diversas manifestações expressivas; e a ciência é concebida pela sistematização do rigor interno, podendo ter acepções metodológicas distintas, com intuito de produzir uma verdade a partir de seus objetivos, consistência e organização do tema-objeto investigado, conforme o procedimento realizado.

Nesse movimento de misturas e baralhamento viajante com a prosa narrativa, com aportes teóricos filosóficos, atravessados pela estética ensaística apresentada, rabisca uma científica compositiva entre fronteiras. Nessas fronteiras encontramos planos para a montagem da emergência temática da ética do cuidado. Nossa via de acesso se avizinha em companhia de crianças e adolescentes em situação circular de rua.

Trazemos estudos científicos, produções de obras de arte, em diversas linguagens e explicitamos programas policiais²³ televisivos. Entendemos todos esses planos como práticas discursivas de poder, produzidas através de jogos e formação de mentalidades de forças que, por vezes, produzem sensacionalismo e banalização da vida. Mostram-se intensificadores da naturalização de extermínios.

Todas as práticas discursivas verbais e não verbais são pensadas enquanto planos concomitantes, atravessados entre si e proliferados nas malhas sutis de uma concepção de modo de vida, sejam para disciplinar, para amedrontar, para desencadear ódio, para exterminar, para eliminar, para representar, para desconcertar e para libertar.

Para tanto, nos agregamos e saqueamos aportes filosóficos de Benjamin e Foucault. Isso para criar, no último ensaio dessa tese, um corte com estrutura habitual de discussão, análise e conclusão, em ato, através da apresentação de narrativas analíticas em torno da ética de cuidado em saúde, numa ressonância indireta com a estrutura **Infância em Berlim por volta de 1900**, de Benjamin.

Antes disso, fiquemos debruçados na subdivisão dos planos dos marcos teóricos.

²³ Denominação dada aos programas de televisão, em rede aberta, que se denominam programas policiais. Destacamos os programas: Barra Pesada – TV Jangadeiro; Cidade 190 e Cidade Alerta – TV Cidade; Rota 22 e Comando Realidade – TV Diário e Brasil Urgente – TV Bandeirantes.

1 RISCOS E RABISCOS

As paragens e rupturas estiveram pululantes de movimentos, agregaram diversos materiais, advindos de fontes e referências científicas e não científicas; oficiais e não oficiais.

Realizamos uma travessia viajante panorâmica, re-colhendo pequenas peças produzidas, escritas e documentadas. Entendemos essas fontes e referências como galerias em movimento, produtoras de práticas discursivas²⁴ de poder. É partir desses riscos e rabiscos, produzidos e veiculados pela arte, mídia, ciência e documentos oficiais que iremos nos avizinhar da ética do cuidado.

Nesse caso a não linearidade é escolha. O rompimento com a revisão sistemática de literatura abre espaço para a aproximação por blocos de expressões de materiais plurais, além dos armazenados em bancos de plataformas virtuais, leituras de fontes primárias²⁵ e produções científicas.

Iremos constituir por via indireta, um desvio que beira a aproximação ao tema, através de: 1.1. Produções científicas, Histórias, Leis e Adjacências; 1.2. Desvio: aproximação provisória com a narrativa 1.3. Arte com criança, arte em imagens-movimentos de crianças e 1.4. Saque e Transgressão: trânsitos da desistência e resistência com Benjamin e Foucault.

1.1 PRODUÇÕES CIENTÍFICAS, HISTÓRIAS, LEIS E ADJACÊNCIAS

Os estudos voltados para crianças e adolescentes em situação de rua cresceram no início na década de 80 do séc. XX, conforme aponta Rizzini (2003):

[...] nos primeiros anos da década de 1980, que pesquisadores começaram a focar a real situação em que se encontravam as crianças e adolescentes das classes populares. Foi neste contexto que os meninos de rua ganharam visibilidade, sendo então retratados como geração de rua (p. 19).

²⁴A expressão prática discursiva é saqueada de Foucault (2001). São concebidas como instituições, pois têm uma realidade material e disparam efeitos, tais como: lutas, processos de servidão e dominação; jogo de palavras composto de perigos e de relações de poder, produção de saberes e difusão destes em espaços institucionais, captura das ações em regimes de força, domesticação da multiplicidade em arquivos de uma escrita biográfica e o estabelecimento de relações entre acontecimentos díspares.

²⁵ Denominamos fontes primárias as obras fundamentais do estudo, as obras lidas na íntegra, através de suporte de papel e livros, não adquiridos em buscas e pesquisas bibliográficas virtuais.

Estes estudos, além de favorecerem a visibilidade do fenômeno social de crianças e de adolescentes em situação de rua, demarcaram o desafio complexo e delicado. Esse desafio vai desde a referência conceitual do que são denominados criança e adolescente em situação de rua até contribuições mais interventiva, em colaboração com a implantação de políticas públicas efetivas e específicas destinadas a essa população, considerando sua integralidade e singularidade.

Os estudos e as produções científicas vão se avolumando em quantidades e perspectivas de enfoques. O grupo de pesquisas do CIESPI – Centro Internacional de Estudos e Pesquisas sobre a Infância²⁶, fundado em 1984, coordenado por Ireni Rizzini, vai alavancar quantitativamente em produções científicas. Algumas publicações datam da década de noventa até a primeira década do ano dois mil: 1993; 1995; 2002; 2003 e 2006.

Essas obras versam sobre os desafios para o terceiro milênio; fazem uma panorâmica sobre a condição dos *meninos de rua* da América Latina; trazem coletâneas de artigos sobre as trajetórias invisíveis de crianças e adolescentes nas ruas, oferecendo questões conceituais relevantes; discorrem sobre acolhimento de crianças e adolescentes e aprofundam os pressupostos da pesquisa-ação.

Junto a essas produções acadêmicas, a realização em 2012, do documentário **Quando a casa é a rua**²⁷, resultado de um projeto de pesquisa, coordenado por Rizzini, professora da PUC – SP, nos trás depoimentos de adolescentes em situação de rua, nas cidades do México e no Rio de Janeiro. Este documentário nos pareceu uma estratégia potente para veicular o drama vivido por adolescentes em situação de rua.

²⁶ Site oficial do núcleo: <http://www.ciespi.org.br/>

²⁷ <https://www.youtube.com/watch?v=S4hYDRE-4qw>. O documentário de 35', dirigido por Tereza Jessouroun, participou da 8ª Mostra Cinema e Direitos Humanos na América do Sul, veiculado nacionalmente em todas as capitais brasileiras, entre os dias 13 de novembro a 20 de dezembro de 2013. O evento foi realizado pela Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República em Parceria com o Ministério da Cultura – MinC e com a produção da Universidade Federal Fluminense – UFF, patrocínio da Petrobrás e do BNDS e teve apoio institucional da Organização dos Estados Ibero-americanos para Educação, a Ciência e a Cultura, da Empresa Brasil de Comunicação e do Centro de Formação das Nações Unidas para o Brasil. Em Fortaleza, o documentário foi exibido no Cine Benjamin Abrahão da Casa Amarela Eusélio de Oliveira – UFC, no dia 14 de dezembro de 2013. O documentário foi premiado na Mostra Competitiva. No ano de 2015, numa outra edição do evento, agora denominada 10ª Mostra de Cinema e Direitos Humanos no Mundo, o documentário participou da Mostra Homenagem, ocorrida em Fortaleza entre os dias 23 a 28 de novembro, no mesmo local. Nessa segunda edição, o evento foi realizado pela Secretaria Especial de Direitos Humanos do Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos – mudança do nome da Secretaria e incorporação de secretarias, MinC e Icem.

Apesar de todos os esforços que vêm sendo realizados pelo CIESPI, trazemos à baila²⁸ o **relatório dos homicídios na adolescência**, publicado em 2017²⁹ pelo PRVL, com levantamento realizado até 2014. O relatório foi coordenado pelo Observatório de Favelas, realizado entre as parcerias do UNICEF e o financiamento da Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Criança e do Adolescente.

Um aspecto relevante desse relatório é a sua maior incidência de valor relativo e bruto de homicídios apresentado na Região Nordeste, numa crescente de 2,94 em 2005 para 6,5 em 2014, para cada grupo de 1.000 adolescentes. Esses valores demarcam muito superiores ao resto das regiões do país. Conforme uma nota de rodapé no relatório, em referência à Nóbrega (2010), os valores de homicídios na região Nordeste crescem desde 1999. Afirma, ainda, que mesmo com a melhoria dos indicadores sociais e de renda os homicídios na adolescência aumentam.

Fica uma suspeita se, de fato, indicadores sociais e de renda por si, potencializam uma reversão de um quadro que, nos parece, ultrapassar as evidências de indicadores numéricos e representativos. Há uma inquietação sobre verificar, de fato, os modos de implantação, o como estão sendo efetivadas as políticas públicas e de benefícios. Intencionar reduzir a problemática de homicídios na adolescência, através de melhores indicadores sociais determinados e postos de antemão, não parece uma via integral e expansiva para reverter o quadro de fabricação de barbáries, produzidas nas malhas de processos de subjetivação e objetivação marcados pelo hiperconsumo³⁰ e pelo neoliberalismo exacerbado em curso, em contínuas coisificações mercadológicas da existência do humano.

O grupo de pesquisadores do Centro Latino Americano de Estudos sobre Violência e Saúde Jorge Careli-CLAVES, pertencente à Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz, desde 1979, realiza estudos enfocando essa população. Em 1993 lançam o livro **O Limite da Exclusão Social: meninos e meninas de rua no Brasil**, em cuja Introdução, escrita pela pesquisadora e coordenadora do volume, Profa. Cecília Minayo (MINAYO, 1993, p.9), é apontada a

²⁸ Ainda há as expressões variantes: à balha e à bailha. Ambas, são consideradas formalmente corretas.

²⁹ <https://secure.unicef.org.br/campanhas/wp-content/uploads/2017/10/livro-ih-2014.pdf>

³⁰ Termo cunhado de Lipovetsky (2007), in: *A Felicidade Paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*.

inundação de “textos de denúncia, de biografias, de testemunhos, de análises e de etnografias sobre a temática, tornando-se difícil compilar tão ampla produção e distingui-la em termos de qualidade”. Como se não bastassem tanta complexidade e delicadeza, a estudiosa explicita uma

[...] sensação do *déjà vu*, seja pelo acúmulo de publicações, seja pela ânsia que gera de ação, inibindo assim um esforço necessário de comparações, associações e diferenciações. Na verdade o que a revisão bibliográfica sugere é que chegou o momento da 'sintonia fina', das delimitações por regiões, por gênero, por especificidades enfim, visando a estratégias operacionais (MINAYO, 1993, p.8-9).

No esteio de uma compreensão histórica desse fenômeno social, RIZZINI (1997), decide publicar com base em sua tese, a obra **O Século Perdido: raízes históricas das Políticas Públicas para Infância no Brasil**. Num estudo historiográfico, a autora percorre desde a época colonial brasileira, no século XIX (1830), até o período republicano, com a promulgação do Código de menores, em 1927. A obra oferece um vasto material documental desses períodos. Demarca em suas datas, a constituição e concepção da mentalidade brasileira, a fabricação e passagem do velho mundo rural para o novo mundo. E, nisso se constata os grandes contrastes e paradoxos das Políticas Públicas, com forte característica higienista, podendo ser concebidas enquanto jogos de forças e de poder para a produção e manutenção de fortes, claros, altos, educados e modernos. Enfim, a representação tosca de um ideal de raça e de pensamento internalizado da figura abstrata e senso comum do colonizador europeu.

Se se fala de uma política pública para a infância e adolescência, também há uma narrativa veiculada de seu adestramento, cópia e imitação aos países concebidos como ricos, superiores e melhores, os ditos civilizados europeus. Há nisso uma concepção de identidade imposta e forjada. Há uma violência estrutural processada pelas forças de comando em políticas públicas vigentes. Uma negação da diferença, multiculturalismo e composição de uma etnia de mistura do país enquanto junção é desprezada e reprimida. Fica nessa mentalidade, uma ética pautada na servidão e no enquadramento, em concepções de normas e condutas impositivas e importadas de fora, como sinônimo de ordem e progresso.

O fora desse fora, fica pressionado pelos representantes de forças de poder governamentais, jurídicas e médicas, num controle ideológico e ideal de civilização. Mera cópia de outro, negação de si, enquanto ausência de potencia de

produção política de si. O fora do enfrentamento de desigualdade, dentro do próprio país é negado. Fica apontada uma falsa identidade, fabricada pela extensão da maquinaria de colonização. Há uma possibilidade de identidade? Desconfiamos de seu equívoco e permanente problema, como foi fabricada pela história das mentalidades brasileiras. Mesmo com o fortalecimento de grupos sociais, de suas bandeiras e movimentos parecem alargar desigualdades e proliferar a violação de direitos humanos. Parece ser um campo de jogos de forças de poder reativas e em territórios minados. Há um espaço de saída?

A identidade parece se constituir com uma criação paradoxal entre o absoluto, o controle e o adestramento. Fica a sensação no ar: há o povo brasileiro enquanto sociedade democrática plural e assistida?

Por mais que a bibliografia produzida sobre tal população venha a apontar a relevância de delimitação pelas regiões desses grupos, visando a gerar estratégias operacionais, ainda estamos em uma dívida social concreta com eles. Isto porque as ações intersetoriais, na história do Nordeste, do Ceará e de Fortaleza, em particular, mostram uma descontinuidade nas mudanças de governos partidários, enfraquecendo a implantação de políticas locais continuadas. Ao invés de haver uma soma de forças para transformar essa realidade, parece haver esse sentimento de *déjà vu*, num retorno contínuo para justificar a legitimidade da implantação de políticas públicas mais humanizadas e efetivas. Seria este um impasse estrutural?

Carvalho (2009) expressa uma reflexão em torno da ideia de democracia, enfocando a produção de subjetividade no Sistema Único de Saúde - SUS, com a da Constituição Federal de 1988, passando pela reforma sanitária, pela implantação plena do SUS em 1992 e a aprovação da **Política Nacional de Humanização da atenção e da Gestão em Saúde-PNH**, pelo Ministério da Saúde (BRASIL/MS, 2003). Reconhecemos a tensão de forças e de poder no projeto do capitalismo neoliberal extremo, explicitando os desafios para driblar, em ato, o projeto de forças de poder reativo, em produção de saúde marcada pela financeirização global, pela privatização, pelo controle de mercado capitalístico mundial, através métodos disciplinares de corpos, de mentalidades e de controle. Segundo o autor

[...] a saída e a diretriz para a garantia da construção da saúde e do exercício democrático indica o delineamento de práticas que dialoguem, diretamente, com questões reflexivas e teóricas, numa produção intensa de aproximação, criação e construção de operacionalizações que envolvam gestão, trabalhador e usuários dos serviços, como prerrogativa para a

produção de mudanças estruturas das instituições e das pessoas, diante de seus valores e práticas, permeando os planos macro e micropolíticos das instituições (CARVALHO, 2009, p.32).

O que é destacado nessa citação é o reconhecimento da produção crítico-reflexiva advindo de aproximação com a teoria crítica, o conceito de poder em Michel Foucault e o de modo de subjetivação em Felix Guattari e Giles Deleuze. Ele também reconhece, entretanto, que, assim como tais propostas foram produtivas, foram problemáticas também. Vale retomar o motivo dos pontos problemáticos, derivados a

[...] presença de diferenças conceituais importantes nos textos consultados tais como: sujeito x produção de subjetividade; macro x micro (geral/local) x micropolítica-multiplicidade, relações intersubjetivas x relações com um entremeio; respeito a diferença x vivenciar a diferença; estrutura x acontecimento (CARVALHO, 2009, p. 39),

Apesar desse caráter crítico, é importante demarcar a legitimidade dessas aproximações, pois fica reconhecido que “o desafio pede novas incursões e investigações sobre a provocante e complexa região de fronteira teórica e prática.” (CARVALHO, 2009, p.40).

Nessa perspectiva fronteiriça somos artesões. As pesquisas de constatação, descrição e de sentidos, apesar de oferecerem aportes para propor recomendações, ainda parece insipiente nessa seara ética com a produção da vida.

Podemos ilustrar o comentário acima com a temática do trabalho e a rua com crianças e adolescentes. Estudos³¹ apoiados e publicados pela UNESCO, FLACSO, desde a década de oitenta (1996) permanecem em constatações, demarcações demográficas, caracterizações e denúncias institucionais. Um salto para transformação efetiva dessa realidade vem mostrando sucessivos retrocessos³². Eles parecem limitados e presos à representação, sem força para

³¹ **O Trabalho e a rua: crianças e adolescentes no Brasil urbano dos anos 80.** Textos selecionados de estudos e pesquisas apoiados pela UNESCO, FLASCO. Atrton Fausto, Rubem Cervini (org.).

³² Uma das grandes discussões polêmicas atualmente envolve a redução da maior idade penal. <http://justificando.cartacapital.com.br/2017/09/05/reducao-da-maioridade-penal-e-parlamentarismo-estao-na-pauta-da-ccj-do-senado/> A PEC 33/2012. A PEC 33/2012 que discorre sobre a redução da maioridade penal de 18 anos para 16 anos volta ao Senado Federal, como tentativa de aprovação. Reconhecendo a força de mentalidade conservadora do Senado, em fortes disputas com movimentos organizados em defesa da garantia de direitos das crianças e adolescentes, fica uma explícita indagação no ar: como reduzir a maior idade penal se o próprio estado não garante, de fato, os direitos fundamentais de crianças e adolescentes preconizados no ECA? A violação de direitos e criminalização produzidos em vários vetores às crianças e aos adolescentes, pela ausência de respostas efetivas da educação, saúde, lazer, alimentação e habitação, não seria um crime maior? A

intervir de modo mais efetivo, mesmo em um contexto micropolítico, num repensar em ato, em torno da ética do cuidado em saúde.

Nessa conjugação e contraponto destacamos os esforços de práticas, estudos e pesquisas realizadas pelo NUCEPEC³³ e dois estudos realizados em Fortaleza, entre 2007 e 2008, com crianças e adolescentes em situação de rua. Os estudos partem de uma estruturação de questionário fechado, mediante aplicação direta com essa população, em que, diante de impossibilidades próprias da idade, as perguntas foram respondidas pelo responsável que os acompanhava.

As investigações foram mencionadas na pesquisa-diagnóstico realizada sob a coordenação de Abreu (2009). A primeira das quais foi desenvolvida em 2007, sendo intitulada: **Pesquisa Anual sobre a Vivência de crianças e adolescentes em situação de moradia nas ruas de Fortaleza**, com a participação Interinstitucional do movimento Abordagem de Rua, em parceria com o Laboratório de Violência da Universidade Federal do Ceará.

Esta pesquisa envolveu crianças e adolescente de 0-18 anos de idade em situação de moradia na rua. Para efeito de contagem, foram considerados os sujeitos que referissem pelo menos dois dias ou duas noites fora de casa e vínculos familiares interrompidos ou muito frágeis. A pesquisa foi realizada durante todo o ano de 2007, tendo como objetivo mapear o problema e pensar em políticas para tratá-los, sendo identificadas 411 crianças e adolescentes em situação de rua.

A segunda pesquisa, realizada em 2008, foi intitulada **Diagnóstico Sócio-Econômico de crianças, adolescentes e adultos moradores de rua na cidade de Fortaleza** e desenvolvida pelo Laboratório de Pesquisa Gestão Pública de Desenvolvimento Urbano, da Universidade Estadual do Ceará-UECE em parceria com a Secretaria Estadual de Trabalho e Desenvolvimento Social do Ceará-SETRA. Para esse estudo, foram considerados moradores de rua as pessoas que romperam totalmente seus laços com a família e cuja referência de moradia é a rua.

mentalidade narrativa fabricadora de argumentos para a redução da menor idade penal não estaria a produzir e fabricar, quase que exclusivamente, uma lógica capitalista de mercantilização de aumento de instituições de privações de liberdade? Numa lógica narrativa de mistificação, isto é, uma verdade que em seu todo é falsa, mas é movida pelo sensacionalismo e pela emoção das pessoas? As prisões comuns vêm apontando seu fracasso na reabilitação e socialização de pessoas, muitas vezes, presos até sem sentença e condenação consumada. E, a saída imediatista seria a construção de mais dispositivos nessa estrutura total e fascista? Estaríamos sem saída?

³³ Núcleo Cearense de Estudos e Pesquisa sobre a Criança, pertencente à UFC. O Núcleo publicou em 2015 uma obra em comemoração aos trinta anos de sua fundação, intitulado: **30 Anos 30 Ideias: reflexões e práticas sobre infâncias, adolescências e juventudes**, publicado pelas edições UFC.

A pesquisa foi realizada nos meses de abril, maio e junho de 2008, tendo como objetivo mapear o contingente populacional de crianças, adolescentes e adultos moradores de rua em Fortaleza e compreender as dinâmicas de produção deste fenômeno social, no azo de pensar políticas para tratá-lo. Foi apontado nessa investigação o número total de 76 crianças e adolescentes em situação e moradia de rua.

Se, por um lado, esses estudos demarcam a situação desse fenômeno social, em algumas áreas, explicitando a exclusão social e a desigualdade, a **Constituição Federal Brasileira** (1988), em seu artigo 227³⁴, juntamente com o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (Lei federal nº 8.069, de 13 de julho de 1990), em seu artigo 7³⁵, versam sobre a responsabilidade da família, da sociedade e do Estado para assegurar e garantir o desenvolvimento integral de crianças e adolescentes. Ambos os artigos destacam a relevância da produção de vida e de saúde, mediante o acesso às políticas públicas.

As leis, entretanto, parecem negligenciadas e violadas quando deparamos com os dados das pesquisas anteriormente citadas. Apesar da força de lei, a exclusão denota injustiças e a própria necessidade de uma Lei explícita, no plano ideal, o que existe no real: crianças e adolescentes são exploradas, abandonadas e têm vidas violadas. Evidenciamos uma realidade complexa de transformação, pois a existência da Lei demonstra um fato, um mal estar nas consciências e uma garantia mínima de não violação dos direitos fundamentais dessas pessoas. Urge perguntar, contudo: como pensar/agir para efetivar uma transformação mais radical? Como fazer-sabendo e como saber-fazendo?

A produção científica nos sinaliza uma linha de fuga, assinalando a potência da arte; ou melhor, a fraca-força da arte. Fraca porque remete a uma experiência estética, num plano subjetivo e de afetos, sem quantificação e produção de uma verdade generalizada; e forte porque favorece a produção de uma experimentação desconcertante e deslocada de algo dado e imposto, favorecendo

³⁴**Art. 227.** É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

³⁵**Art. 7º.** A criança e o adolescente têm direito a proteção à vida e à saúde, mediante a efetivação de políticas sociais públicas que permitam o nascimento e o desenvolvimento sadio e harmonioso, em condições dignas de existência

uma óptica de trânsito que ultrapassa uma técnica de cuidado aplicável. É o que numa equivalência, com certas restrições, diz Merhy (2009, p. 292) quando denomina “universo de tecnologias leves, de tecnologias de relações, que se concretizam com a produção de produtos simbólicos, básicos para operar esse tipo de trabalho”.

É precisamente nesta concepção de fragilidade e, concomitantemente, de fortaleza, que recorreremos à arte, configurada esta num esteio estreito com a subjetividade, a humanização e práticas de cuidado. Melo e Ferreira (2011) e Zanella e Maheirie (2010), em estudos sobre relatos acadêmicos de pesquisas e práticas em saúde envolvendo a arte, apresentam possibilidades para uma aproximação profícua entre produção de cuidado em saúde e arte.

O que se caracteriza como arte? É um conceito com lugar e característica sagrada? É uma experimentação? Situa-se entre um objeto e um espectador? Ou seria a diluição de um objeto e reconstituição na estética da existência em relação com forças, interpelado a se expandir, afetar?

No ensaio de Oliveira (2009), podemos capturar uma compreensão apropriada para as práticas artísticas:

Nessas práticas pós-estúdio em articulação com as comunidades, o objeto artístico simplesmente desaparece, é deslocado para uma situação de franca lateralidade. O eixo da arte não estaria - nessas práticas aqui mencionadas - no objeto, eventualmente desmaterializado, mas nas relações que a arte é capaz de suscitar. Além disso, nessas práticas de arte que se estabelecem com as comunidades - independentemente de sua constituição e natureza - se instaura um processo de diálogo em que todos falam para serem ouvidos, ao contrário das práticas tradicionais da arte, fundada nos princípios de especialização e originalidade do artista, e de genialidade reconhecida e compensatória, em que se instaura um monólogo no qual aquele que é especialista, original e genial, supostamente tem algo efetivamente relevante que merece ser ouvido. Nessas práticas dialógicas de arte, por outro lado, o artista funciona como mediador e estimulador para que outros - em geral não artistas - se apropriem dos canais da arte para sua própria expressão (OLIVEIRA, 2009, p. 316 - 317).

É com esteio nessa compreensão que vislumbramos a arte como um dispositivo potente para nos avizinharmos da temática da ética do cuidado, da produção de cuidados em saúde. A arte, apesar de ter algum suporte de materialidade, não se faz no espaço externo da obra de arte, mas no encontro e no acontecimento de uma experimentação, em última instância, sensações e experimentação com a impossibilidade existencial narrativa de representar, com o próprio espectador. Nessa abordagem, este não é passivo, mas ativo, dinâmico e

produtor corresponsável de jogos de forças e de poder, um atravessamento em ato estético existencial de si mesmo, do outro e do mundo, pura imanência.

O que estaria em jogo nessa relação não seria a produção material da arte em si, como objeto, mas sua intensidade, a processualidade. Esta em plano de implicação, num construto de improvisação. A vida concebida como obra de arte, num inacabamento contínuo de composições e alianças gregárias e com força ativa, afirmação da vida.

Nesse trânsito, viagem e atravessamento seria ingenuidade negar a força da representação consolidada pela ciência com mentalidade positivista. Entretanto, intencionamos tropeçar nisso, desviar disso para distorcer o campo interpretativo fechado e conclusivo. Intencionamos criar passagens, inventar saídas, ir além de um pensar o pensado.

No plano representacional, reconhecemos a potência latente de narrativas por serem significadas, com base no contar e do narrar. Desse modo, configura-se a produção de narrativa, advinda da experiência. Um diálogo psicanalítico nos ajuda a avançar o pensamento, pois:

A análise, tanto de crianças como de adultos é, em última instância, uma criação de narrativas internas e de relação com o externo, que ajudam a organizar sentidos e modular afeto. Elas podem ser narrativas do brincar, narrativas relacionais e podem ser narrativas verbais, reconstitutivas e interpretativas (HERZOG, 2011, p. 31).

Apesar de James Herzog estar num lugar de analista, em clínica psicanalítica tradicional, reconhecemos a lógica de sua defesa. Entretanto, a entrada pela via da narrativa nos aponta, também, para a fragilidade na marca representativa do narrar, lançam desafio para o esfacelamento da narrativa representação, cria dilemas para a composição de uma estética ética política da existência de cuidado, pela imprevisibilidade, inacabamento e processualidade do fazer-pensar, fora da representação.

1.2 DESVIO: APROXIMAÇÃO PROVISÓRIA COM A NARRATIVA

Para produzir uma quebra em ato na concepção linear da narrativa é prudente realizar uma primeira aproximação, mesmo provisória. Procuramos uma

tentativa desajeitada de tensionar o império e o centro da representação atado na narrativa.

O vocábulo “narrativa”, conforme esclarece White (1989), vem de duas formas latinas: *gnarus*, que sabe, que conhece; e *narro*, contar, expor, fazer conhecer, ambas ligadas à raiz *gnâ*, isto é, saber, em sânscrito. Essa origem da palavra nos conduz ao conceito de narrativa em Benjamin (1985, p.198): "a faculdade de intercambiar experiências", de modo específico, aquelas que circulam entre pessoas, de boca para ouvido, de ouvido para boca.

As narrativas estão impregnadas em nosso cotidiano, desde o nascimento, favorecendo a produção, representação e criação de si, do outro e do mundo. Elas são produções humanas, perpassando a constituição histórica e social de cada grupo cultural, conforme o sentido subjetivo e o significado objetivo, o contexto, o tempo e a época em que são produzidas e repassadas. Ao mesmo instante em que internalizamos narrativas, recontando-as, somos convocados e afetados a reproduzi-las, de modo ativo, dinâmico e plural, numa relação indissociável com cultura, nossa história de vida, visão de mundo e singularidade. Segundo SOARES (2006) a tarefa radical da narrativa é

[...] arrancar o óbvio do fundo do terreno plácido e imóvel, puxando-lhe a raiz e expondo-o à luz das problematizações, em plena paisagem imobilizada pela conjugação perversa entre tradições, normas, saberes, instituições e poderes (SOARES, 2006, p.14).

A narrativa tem elemento social, favorece a produção de concepções identitárias, num reconhecimento de pluralidade, de modo implícito e explícito. Também, delinea hierarquias e práticas de poder, pela sua variedade de manifestação cultural.

Apesar de a narrativa possuir uma estrutura definida, ela é aberta e polissêmica, mas presa a significados e sentidos³⁶. Depende do ouvinte para a reconstrução de seu significado e de seu sentido. E, estando em consonância com a experiência, distancia-se da informação em si, pois é perpassada, ao longo do tempo, por meio da tradição, numa atualização constante, marcada pelo contexto sócio histórico, produzindo novos/velhos sentidos, numa tensão repleta de desdobramentos com a sociedade, desde uma percepção individual e coletiva.

³⁶ Em síntese distinguimos significado como sendo o real do signo representado, a coisa em si; e sentido como sendo a interpretação subjetiva do signo, conforme contexto, cultura e história de vida.

Podemos arriscar o palpite que a narrativa, apesar de ser aberta e polissêmica, nos arrebatada e nos desloca de lugares confortavelmente estáveis, para outra produção, em que se coliga com a alma e os afetos. O que pode ser dito e o que não se diz. Ela em si, também, não nos conta sobre a produção pulsação de um campo desterritorializado, atravessado por intensidade e experimentações da existência, da alma. Diretamente afetada pelo plano do sensível, não representacional.

Para apresentar o que afirmamos acima, vamos mostrar em ato, com a escritura de dois fragmentos narrativos, produzidos através de memórias de um passado que já não é mais. Isto é, através da atualização de um eu-coletivo, atravessado pela intensidade do vivido e pela experimentação da escrita em sua inventividade possível.

1.2.1 Cena narrativa 01

Estávamos no ano de 1984, oitava série, hoje Ensino Fundamental, com 13 anos de idade. A atividade colegial era entrevistar e fotografar algum "grupo carente". Fomos ao centro da cidade, portando máquina fotográfica analógica, marca *Kodak*, modelo tira-teima. Uma mulher, duas crianças e um adolescente estavam sentados na calçada do Cine São Luiz. Panos, papelões e uma mão estirada a pedir moedas, numa caneca azul-piscina encardida, de plástico que, produziam som com algumas poucas moedas na caneca, em movimento. Corpos suados, com cheiro forte e roupas surradas. As crianças pareciam brincar de esconde-esconde, ora aparecendo, ora se escondendo no meio dos trapos de pano.

Parecíamos arrebatado por aquele instante, convocado a estar ali, mas de um modo que nossas escolas não haviam nos ajudado a viver e aprender a realizar tal façanha humana. A cena transformava o cheiro forte em curiosidade inaugural, produzia uma aproximação arriscada e delicada. A desigualdade da altura dos corpos e da perspectiva do olhar nos convocava para sentar. No início, no próprio chão, sob o sol escaldante das 14 horas. Os olhos da mulher, gentilmente acolhedores, ofereceram um pedaço de papelão sobre o qual nos sentamos. Os balbucios da criança menor tentavam criar a fala, uma infância inventiva de palavras anunciando para além do que podia ser dito, no movimento ativo de seu corpo,

gesto e expressões faciais. O catarro que escorria de seu nariz anunciava a descoberta do sabor, com a ponta da língua do menino a provar o lado de fora de sua existência e do mundo.

Nossas mãos iam tateando os panos encardidos, num ziguezague de movimentos. A entrada se fazia entre o pano encardido, o lado de lá, e os afetos provocados naquele instante, por todos os lados. Aos poucos, o sorriso ia sendo estampado nas inúmeras vezes em que o pano escondia e mostrava a face. Os semblantes mudavam no instante do lúdico, permitindo experimentar uma humanidade contada de outro modo, distante dos meios de comunicação sensacionalistas de massa, com fortes marcas naturalistas e de julgamento.

As mãos e o olhar se faziam mais próximos, permitindo-se oferecer oportunidade a um acontecimento ancestral: o da aproximação, do vínculo, do encontro. E, a inominável lógica do acontecimento. O tempo cronológico ia se perdendo, dando espaço ao tempo *aiôn*, da intensidade no instante. Foram criando brincadeiras com os dedos: dedo mindinho, seu vizinho, maior-de-todos, fura-bolo, cata-piolho. A máquina fotográfica estava nas mãos da criança que, inabilmente explorava seu tamanho, sua matéria e suas partes, quando alguns cliques foram disparados. Os primeiros de um agora fotógrafo, fisgando movimentos ulteriores dos meros retratos para um trabalho escolar. A criança-força é fotógrafo.

As lembranças do trabalho finalizado, em isopor, disse sobre um vazio que ultrapassa a representação. Disse de modo gaguejante que o “grupo carente” é força-processo para um pensar sobre a ética do cuidado. Provoca afetos, distorce e intensifica o mero plano da identidade. Compõe alianças para inventar o não determinado e posto, para uma criação do devir existência estética da vida crua, nua. Em sua potência de vir a ser. Sem humanidade disciplinadora e de adestramento. Em sua fraca-força de acontecer.

1.2.2 Cena narrativa 02

Era o ano de 2012, precisamente dia 18 de abril. Estávamos como supervisor clínico-institucional do Consultório de Rua, contemplado pelo edital do Ministério da Saúde, em 2009, como parte das ações do Plano Emergencial de Ampliação do Acesso ao Tratamento e Prevenção em Álcool e outras Drogas no

SUS. Acompanhá-vamos o Consultório de Rua desde a sua implantação, colaborando com a formação da equipe de campo, por meio de capacitação e reflexão realizada, diretamente, no campo. É um desafio produzir aproximação e produção de cuidados em saúde para a população de crianças, adolescentes e jovens adultos em situação de rua que faziam uso intenso e abusivo de substâncias psicoativas.

Era noite, por volta das 19 horas. A equipe havia solicitado uma imersão no campo. O que solicitavam? Uma supervisão estrangeira para trafegar pelos pontos previstos do dia, nas luzes, ruídos e movimentos da cidade. No sinal fechado, uma trabalhadora, do Consultório de Rua, dialogava de dentro da *Kombi*, com um usuário de rua sentado numa esquina da avenida Beira-mar. Ele vasculhava uns objetos numa trouxa, amarrada artesanalmente com suas habilidades de artesão-equilibrista da cidade. Uma voz sai de dentro do carro, ainda em sinal fechado: - “quer uma camisinha?” O jovem esboça um sorriso tímido e de canto de boca sai uma resposta: - “Quero!” Então, eis que emerge de dentro do carro um braço com uma cartela de três preservativos. O jovem, atônito, rasga um sorriso denunciador e verbaliza: - “Quero camisinha, camiseta, camisa para me livrar desse frio, desse vento!” Dispensa os preservativos, que agora pesam inúteis, nas mãos preenchidas da trabalhadora.

O sinal abre e o motorista continua o percurso previsto para o dia. Mas o imprevisto é o que afeta. Transitar pelo previsível é um mero registro de dever em protocolos de atendimentos. Sem agregar e parar no movimento da produção absolutamente arrebatadora e desconcertante da ética de cuidados.

A intensidade do acontecimento parece ter sido descartada, como banca de ofertas de cardápios limitados de insumos. A fraca-força de uma prática de cuidado, outra parece ter ficado para trás. Junto com a fumaça emitida pelos automóveis e dissipada pela cidade, misturadas com luzes e ruídos. Até se apagarem e se tornarem invisíveis.

O tempo cronológico e o registro de datas importam mais ao plano do mercado de controle e a sociedade disciplinar do que ao plano da ética do cuidado, ao tempo intensidade de existir, ao instante inominável do acontecer.

1.2.3 Desvio do desvio: a provisoriedade da narrativa

Desconfiamos que a narrativa potencializasse pensar a ética do cuidado. Entretanto, concebê-la como fundadora da ética do cuidado de si é precipitado. A ética do cuidado é produzida pelas práticas discursivas e jogos de poder, verbais e não verbais. Seu delineamento e sua composição trapaceiam qualquer concepção metafísica e essencialista de verdade. Por isso, ela é um risco e rabisco criado e inventado na provisoriedade descartável de um dado tempo e contexto histórico-narrativo.

Lispector (1999), no texto literário **Escrever as entrelinhas**, diz:

Então escrever é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra. Quando a não-palavra – a entrelinha – morde a isca, alguma coisa se escreveu. Uma vez que se pescou a entrelinha, poder-se-ia com alívio jogar a palavra fora. Mas aí cessa a analogia: a não-palavra, ao morder a isca, incorporou-a. O que salva então é escrever distraidamente. (LISPECTOR, 1999, p.385)

A citação acima nos agrega com a ética do cuidado. Melhor dizendo, nos faz pensar que a ética do cuidado, para além de um mero prolongamento de pensamento e de entendimento é uma questão que diz respeito diretamente à vida, à produção de vida em seus modos e práticas discursivas, sejam verbais e não verbais.

Quem na condição de gestor, trabalhador e usuário das políticas públicas sociais em saúde, assistência, educacional, cultural e de segurança pública, na condição de usuário de serviços públicos de uma cidade, como cidadão oficialmente reconhecido pelo governo de um povo – democracia - não já se deparou com situações e atitudes de violação de direitos e práticas obscuras, que deveriam ser criminalizadas, mas são naturalizadas e postas como condições possíveis, numa enunciação conformista e intimidadora do tipo: *é assim, porque é assim; todo mundo faz assim; isso sempre foi assim; não tem jeito, é isso mesmo; manda quem pode, obedece quem tem juízo.*

Isso pode ser pensado como enunciados dos princípios de uma ética, manifestados no ato da vida. E, sobre isso, parece ser relevante falarmos. Pois não há nenhum modo de vida que não esteja atravessado por princípios éticos. E, muitas vezes, procurar enumerar tais princípios, como se já estivessem dado e postos, nos faz repetir o mesmo do pensado em torno da ética. Parece oportuno nos misturar, desconcertar, quebrar a linearidade, produzir experimentações com a própria vida

em movimento, em sua processualidade e intensificação de riscos e rabiscos, para inventar e criar uma analítica narrativa em torno da ética do cuidado.

1.3 ARTE COM CRIANÇAS, ARTE EM IMAGENS-MOVIMENTOS DE CRIANÇAS

A arte com crianças tem expressões múltiplas. A arte imagens-movimentos de crianças produz choque, distorção e regime de verdade. Trabalhamos essas artes com resíduos de composições. Apresentamos fragmentos de materiais pouco convencionais: poesia, imagens, literatura, fotografia, desenho. Seriam inúmeros os livros de arte literatura que poderíamos citar, escritos por vários autores, que mostram personagens de papel em situação circular de rua. Entretanto, vamos displicentemente trazer alguns, para avançar nos marcos teóricos e na problematização.

Jorge Amado (AMADO, 2001), em seu clássico **Capitães da Areia**, escreve numa linguagem gíria as tramas dos meninos-forças Capitães de Areia, através de uma literatura realista. A obra, absolutamente atual, nos oportuniza dois destaques: meninos em situação de rua se produzem como máquina de guerra³⁷ e as narrativas-cartas que antecedem o romance são jogos de forças de poder religioso, midiático, de “instituições reformadoras”, judiciário e do poder civil. Além desses jogos de forças de poder, a própria obra é um poder de força, com a inventividade literária da escritura.

Esses dois destaques delineiam a complexidade da questão, nos desconcertam e nos remete a pensar em produções reativas, manifestadas por linchamentos³⁸, pela não implantação e efetivação de políticas públicas, em consonância com os documentos oficiais, impossibilidade prática de reverter um

³⁷ Essa expressão foi comentada por um professor de filosofia, leitor de Deleuze e Guattari. Procuramos verificar melhor e encontramos uma dissertação em filosofia: FERREIRA, Jean Pierre Gomes. *Máquina de Guerra e Aparelho de Estado: a geo-filosofia de Deleuze e Guattari em Mil Platôs*. Orientador: Emanuel Angelo da Rocha Fragoso; UECE-CH, 2009. O uso que fazemos da expressão compreende que *máquina de guerra é exterior ao aparelho de Estado*. (Deleuze e Guattari, p. 11, 1997, v.5.).

³⁸ Durante os últimos dois meses três casos de linchamentos de meninos em situação de rua ocorreram no bairro Passaré, bairro onde moramos. Essa prática se caracteriza pela contenção corporal do adolescente que cometeu algum furto e da ação de violência física por parte das pessoas que assistem a cena, através de chupes, murros e agressões físicas. Dos três adolescentes que foram linchados, dois foram levados ao pronto socorro, em estado de total desfiguração de seus corpos, com dores, lesões e profundos ferimentos. Os praticantes dessa conduta justificam que *ninguém aguenta mais, temos que nos defender como podemos. Temos raiva de sermos trabalhadores e entregar nossas coisas nas mãos de vagabundos*.

contexto onde se desenha o desencantamento, a ausência de engajamento e de implicação de modos de cuidado.

As forças de poder, além de adversas, podem produzir uma prática bárbara, negligente, de descaso, de disciplina imposta, de punição, de conduta cerceadora à vida e fabricante de extermínio.

As ausências de uma efetividade de ações potentes e da continuidade intercedem, diretamente, no modo de produção de subjetivação e de como as práticas se dão, sendo desse modo, absolutamente, inconsistente, paliativa e superficial³⁹. O dever tecnicista e linear fecha espaço para o acontecimento e o movimento do imprevisível. Ficamos sem saídas e reduzidos à mera burocratização em contextos de biopoder⁴⁰.

A criação de espaços de produção da vida fica restrita a um controle sobre o corpo, à privação e a conduta comportamental. Mesmo com os paradoxos nítidos apresentados, citados no primeiro momento desse ensaio.

A espontaneidade, a fala frouxa, alegre e de gargalhadas dessas crianças e adolescentes parecem quebrar e desordenar as práticas disciplinares, denominadas de cuidados integrais.

Dinorah (1986), na obra **Coração de Papel (1986)**, em linguagem poética, nos oferece *Os Meninos*:

Ainda meninos,
Ágeis, esguios
Vão como plumas
Por entre fios.

Nem se percebe
Que eles vêm vindo,
Sopram silêncios,
Mesmo zunindo.

Com faca e punho
Abrindo os dias.

³⁹ Leite (1998, 1991 e 2011) publicou três obras em torno de crianças e adolescentes em situação de rua. Seus trabalhos finais de mestrado e doutorado apresentam esforço da implantação em 1986 da Escola Pública Municipal Tia Ciata, voltada para alfabetização desse público de crianças e adolescentes. Baseada na Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire, incentivada pelo antropólogo Darcy Ribeiro (1922-1997), então Secretário Estadual de Cultura e Educação, no primeiro governo Leonel Brizola (1983-1986). A Unesco recomendou o método de alfabetização da escola que era baseado na vida das ruas e dos morros dos alunos. O impacto positivo produzido pela escola, o incômodo dos poderes públicos pelo nome da escola que homenageavam uma das líderes da comunidade negra daquela localidade, incomodou os poderes públicos. Na gestão de Marcello Alencar a escola foi desabilitada e seus criadores afastados. Fica a verificação de poderes e forças reativas em nomes ideológicos e posições de manutenção da miséria.

⁴⁰ Termo cunhado de Foucault, através do ensaio de Pelbart, pelo Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, disponível em: <http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos>

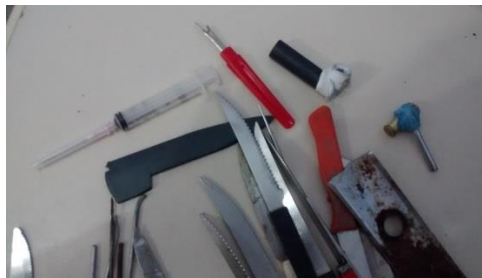
Brincam o susto
De horas vadias.

São os meninos
De tempo ausente,
Com seu destino
De não ser gente.

Se esses meninos tem uma caracterização econômica, social e familiar conhecida, que por sinal, não ultrapassa de caracterizações e recomendações, também, tem um tempo existencial vazio e homogêneo, proliferada pela desigualdade e pela sofisticada miséria mercadológica financeira que fazem deles.

Com isso, eles criam os mais ricos objetos artesanais. São reais artífices de suas existências, com *facas e punho/abrindo os dias*, o tempo-instante de seu presente.

Fotografia 2 - Objetos apreendidos de adolescentes em um Abrigo de Fortaleza



Fonte: Elaborado pelo autor.

Fotografia 3- Fotografia 03 - Detalhes de objetos apreendidos de adolescentes em um Albergue



Fonte: Elaborado pelo autor.

Sem considerar o mérito das publicações, mas apresentando sua diversidade temática, envolvendo crianças e adolescentes em situação de rua, através de narrativas ficcionais, vamos encontrar as mais diversas temáticas, envolvendo o trabalho infantil: **Os catadores de papel** (1997) e **No fundo dos teus**

olhos (1995); envolvendo a comercialização ilegal de substâncias psicoativas: **Avião: tráfico de drogas** (1995); e a condição de vivência em ruas: **Os Filhos que nunca tive** (2006), **Moleques de rua: as aventuras de João Pão, um menor abandonado** (1994) e **As aventuras de um menor abandonado** (1994).

As obras acima mencionadas já veiculam uma interpretação e concepção em torno desse grupo de crianças e adolescentes. Riscam e rabiscam, via narrativa, um valor em torno deles. As expressões moleque, avião, tráfico e menor⁴¹ aludem a uma concepção inferior e negativa, repercutem na produção de uma representação redutora e uma tentativa de superação pela implantação do ECA, implantado em 1990.

Isso nos mostra o quanto a linguagem trás em suas entrelinhas ideias, concepções, posições. Assim como a literatura pode potencializar a saída de lugares comuns e convencionais, podem igualmente reproduzir e propagar o mesmo, o igual e o reativo e improdutivo.

Na crônica **Os filhos que nunca tive**, de Raquel de Queiroz, escrita em 1953, citada anteriormente, fismos o seguinte trecho final: *Dei o dinheiro, deixei-os sair. Que é que podia fazer? Conselhos eles não aceitam. Chamar autoridade, para quê?* Esse trecho parece incidir e se delinear com duas grandes problemáticas envolvidas na complexidade desse fenômeno: a questão econômica mínima e a questão da educação. Entretanto, enxergar essas questões de modo pragmático e imediatista, num plano unicamente assistencialista e disciplinar parece, conforme os cientistas nos apontam, mais uma maquinaria mistificadora de ruas sem saídas. Tão intensas quanto as que atravessamos no cenário global neoliberal extremo.

Em relação a obras não ficcionais, Ramos (2004), em **A Arte de Construir Cidadãos: as 15 lições da Pedagogia do Amor**, num escritura de rememoração autobiográfica, produz uma obra fluida, pulsante e repleta de emoção, nos desconcerta. Parece nas entrelinhas no sentir e do se afetar diante da obra, ele atravessa não uma representação pura da situação vivida, mas uma saída da cena presente. Através de sua arte de contar e escrever histórias, através dos afetos e implicação insistência de produzir a existência.

⁴¹ Sobre o aspecto da menor-idade destacamos a obra de GADELHA (1998) que trata sobre a subjetividade e menoridade, a partir de uma cartografia das formas que os profissionais, como agentes institucionais, gerenciam questões concernentes à subjetividade e à dimensão institucional, implicadas em suas práticas cotidianas.

Ramos funde produção de si e prática de si, numa experimentação que chega às últimas consequências, efetivada pelo deslocamento das ruas para habitar-se a si mesmo com outras condições potentes e ativas à vida, como educador e contador de histórias. Chega ao ato de acolher na vida adulta doze crianças que passaram pelas mazelas da desassistência, ausência de acolhimento e vínculos de afetos ativos e amorosos. Parece-nos que Ramos trapaceia a representação sem, no entanto, desconhecê-la.

Filme de destaque nessa temática e, também, bárbaro é a produção do longa-metragem **Pixote - a lei do mais fraco**, de Hector Babenco, lançado em 1980. Destaque pela repercussão e prêmios concedidos ao filme, considerado um dos melhores filmes brasileiros de seu ano de lançamento e classificado nos cem melhores filmes brasileiros de todos os tempos e, ao mesmo tempo, bárbaro pela morte anunciada no ano de 1987, do ator Fernando Ramos da Silva, ator principal do filme que, após a produção de *Pixote* é descartado de trabalhos profissionais pela ausência de instrução formal básica de leitura e escolaridade. Com isso, retoma o trânsito-rua e, é eliminado numa emboscada de policiais.

O mercado é tão sagaz que nem perde esse jogo financeiro, produz em 1996 o drama bibliográfico, dirigido por José Joffily. A esse, faltam palmas e *glamour*. Fica o silêncio e o choque. Vidas nuas e cruas no paradoxo do movimento e tensão, conforme bolsa de valores. Vidas nossas, vidas suas. Vidas fabricadas, usadas e capturadas na potência fascista da desigualdade, da miséria.

No rol das imagens-movimentos de crianças, uma das representações mais banais, pautada na ética do Ibope, do medo e da violação de direitos são os programas televisivos de redes de comunicação aberta. São programas que passam a ridicularizar a vida, como manifestações de uma realidade criada, sensacionalista e perversa, produzida pela narrativa do apresentador e da perspectiva da lente e imagens veiculadas. Nomes e adjetivos absolutamente desqualificadores da vida são metralhados pelas perguntas indutivas do repórter que, ao invés de perguntar uma pergunta franca e honesta, impõe uma resposta de criminalização e fascista. Na *Rota 22* e *Comando Realidade*, da TV Diário; na *Cidade Alerta* e *Cidade 190*, da TV Cidade e no *Barra Pesada*, da TV Jangadeiro, ficamos sofisticadamente controlados pela linguagem estrategicamente julgar da matéria numa engrenagem de poder em lógica de fundamentalismos e práticas imediatas de extermínios,

propagadas em seu combate, retroalimentadas em sua audiência e captura a uma ação de naturalização do extermínio já iniciada e propagada.

1.4 SAQUE E TRANSGRESSÃO: TRÂNSITOS DA DESISTÊNCIA E RESISTÊNCIA COM BENJAMIN E FOUCAULT

Entre Benjamin e Foucault nos aliamos para saquear e transgredir algumas de suas ideias. No reconhecimento da distinção entre esses pensadores e em suas peculiaridades é que nos aproximamos de suas potências para uma produção outra, nem benjaminiana, nem foucaultiana. É uma aproximação-fuga-distanciamento de Benjamin e de Foucault, produzida por saques e transgressões, em seus ecos, com eles. Sem nenhum interesse de reconstituir suas compactas e densas filosofias, adentramos em alguns conceitos e ideias, percorremos uma displicente leitura que potencializou o pensar-fazer do movimento de nossa temática: a ética do cuidado.

Desse modo, a força ativa de Benjamin se apresentou na forma desconcertante de produzir seus escritos e de realizar uma crítica reflexão sobre a sociedade, nos pondo em inquietação sobre os des-caminhos fragmentos e labirínticos de uma história inacabada. Precisamente, nos referimos a sua obra **Infância em Berlim por volta de 1900**, de 1933; o prefácio da obra **Origem do Drama Barroco Alemão**, de 1920, onde versa sobre o conhecimento e seus ensaios sobre a narrativa: **Experiência e Pobreza**, de 1933 e **O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**, de 1936.

Sua concepção de experiência – *Erfahrung* - e vivência – *Erlebnis* - nos afetou em crua constatação: o esfacelamento e a ruína de intercambiar experiência. A narrativa, que antes perpassava e veiculava, magistralmente, a experiência é mortificada pela vivência, numa gagueira informativa de tempo vazio e homogêneo, com advento da imprensa.

Numa transgressão à Foucault, em explosão com a ideia de Benjamin, o que dizemos com isso? Que as relações estão instauradas em regimes de verdade, fabricadas por jogos de verdades, em manifestações contínuas, através de práticas discursivas.

Na analítica do poder, desenvolvida por Foucault, compreendemos que os jogos de poder estão manifestados para além de lugares ocupados e funções. Na contra mão dos jogos de poder, teríamos as práticas de dominação. Estas

[...] se encontram “bloqueadas” ou “fixadas” por um grupo ou indivíduo que impede qualquer reversibilidade das relações de poder. Também poderíamos afirmar que uma prática de dominação é uma relação de poder cristalizada unilateralmente. (ARROYANE, 2011, p.329).

Numa ontologia da existência, Foucault em seus últimos trabalhos retoma à Grécia antiga. Através de comentadores e de Foucault, pensamos numa produção às margens de uma concepção de *parrhesia*, diluídas em suas aulas, entre 1982-1984, considerando o cuidado de si – *Epimeléia Heautoû* – e o conhecimento de si – *Gnôthi Seauton*.

Nesse trânsito e passagem, nos cacos da história e de uma história inacabada e não linear reconhecemos que tanto Benjamin quanto Foucault adentram uma reconstituição crítica à história: o primeiro, através de seu método enquanto caminho indireto, desvio e o segundo, através de seu construto genealógico.

Numa encruzilhada de pensadores postos em lugares distintos e com concepções epistemológicas repletas de diferenças, assumimos nosso paradoxo, e aproximamos ambos em suas posições de retomar tempos do passado. Nesse sentido, ambos tecem uma produção inédita e ativa, num esforço e tensão para pensar o presente, contextualizado e datado, através de documentos, registros oficiais, lembranças e não linearidade histórica.

É nesse aspecto que consideramos agregador para nossa intenção de investigação: um cruzamento de tempos, em vozes dissonantes que se tencionam na cadeia assimétrica de espaços, em jogos de poder e manifestações de práticas discursivas.

No modo de entender as ideias saqueadas dos pensadores, afirmamos que ambos produzem uma desistência de produção de sistemas e teorias soberanas e fundadoras de verdade. O conhecimento está traçado no esteio da problematização levada às últimas consequências, em Foucault e, na renúncia à posse de verdade, em Benjamin. Cada qual a seu modo, estilhaça a concepção de história fechada, passada e concluída.

O marco teórico entre esses pensadores nos proporcionou abrir uma dobra para a investigação realizada. Favoreceu-nos a conceber uma investigação em fragmentos sobrepostos e atravessados em contínuas forças e jogos de poder, com produção de regimes de verdade. Nessa posição, assimétrica e numa montagem displicente, realizamos construções ensaísticas frágeis, mas que podem desconcertar a consciência da razão de um conhecimento que tem como guia a linearidade e a tentativa de captura pela fabricação de naturalização de práticas de extermínios legitimados pelo viés de uma financeirização global e de escala mundial, em consonância com práticas de dominação.

Nesse jogo de práticas discursivas, ao invés de uma ciência de evidência, descrição, classificação e conclusiva realizamos fendas e aberturas ao retrocesso de pensar o presente, num plano prosaico e narrativo, instaurado na criação de uma desistência da palavra objetiva, clara e direta.

Nessa desistência é que nos aliamos com uma produção de resistência à vida, à ética do cuidado, a partir de invenção de narrativas analíticas, agregadas com os processos vividos no campo da pesquisa.

Importante destacar que aqui estamos a falar sobre a impossibilidade de fabricação de produtos mercadológicos. De uma mera receita redutora e imediatista proliferação de assustadores índices de violência, de disseminação da desigualdade, pela banalização da vida, pelo aumento de índices de suicídio, pelo aumento de informações advindas sem desconfiança e análise crítica. Parece ser imperativo o lema: *É proibido parar, estacionar, pensar!* Por isso, saqueamos e transgredimos.

No esteio dessas concepções que consideramos imprescindível à produção de micro forças, traçadas na implicação de imprevisibilidades, de improvisos e de modo cotidiano. Uma desistência dessa captura para a produção de movimentos de ruptura dessa lógica.

Gagnebin (2001), estudiosa de Benjamin, diz:

Trata-se de uma experiência muito mais radical, pois apela para desistência do estatuto de soberania, por parte do sujeito, em favor do objeto, em favor da “coisa” (GAGNEBIN, 2001, p. 361).

Se em Benjamin a ideia de sujeito não desaparece, está presente sobre *outra forma que é a figura da intencionalidade e da consciência clara* (GAGNEBIN,

p.361), podemos afirmar que em nosso trabalho há uma figura de intencionalidade, mas é ausente de uma consciência absoluta, clara e concisa.

A desistência foi produzida em ato, pelo movimento e em sua processualidade. Distinto da derrota, do deslocamento fundado numa ética de mercado e de produto final, ela é atravessada pela estética da existência e sua inconclusividade. Sua via de entrada é múltipla e potencializada pela condição de possibilidade real do próprio acontecimento, onde martela e estilhaça em bases indagadoras de verdades-morais e, cria no ato da tessitura, uma abertura para outro delineamento de ética, atravessada pela implicação entre o dentro-fora, em posição crítica política.

Reconhecendo a manifestação da resistência em todos os jogos de poder e relacionais, procuramos transgredir a aceção de um confronto direto, de uma resistência identitária de classe social.

Por isso, ao invés de conceber a desistência como renúncia, ela é criada e inventada pela condição de uma lógica transgressora e indireta como propulsora de resistência, onde há uma tentativa de diluição de um sujeito representado e posto. É uma produção pela via do desvio. Produz quebra e corte de linearidade, apresenta distorção, provoca afetos e aproxima cacos da história vivida, composta em fragmentos inexistência de um devir ética.

Nessa condição frágil e real de produção, a representação pura e lógica da razão é posta em desconfiança. Abre dobra e frestas para os afetos sem referências prévias em seus devires de intensidades e processualidade. O tempo, nessa concepção, é o tempo da implicação e da produção de inéditos provisórios, não materializados em replicação e duplicação. Escapa-nos e, ao mesmo instante, nos refaz.



Obra: Esboço Desvio

Autor: Ronaldo Vieira

IV ENSAIO DA METODOLOGIA: MONTAGEM DESVIO

“Se o que busco saber nenhum de vós responde,
 Por que me repetis: “vem por aqui”?
 Prefiro escorregar nos becos lamacentos,
 Redemoinhar aos ventos,
 Como farrapos, arrastar os pés sangrentos,
 A ir por aí”...

(RÉGIO, 1978, p.58)

Tratamos de uma pesquisa qualitativa. Apresentada e assumida diante de sua complexidade e possibilidade. E, limitação. Como bem nos elucida Bosi e Mercado-Martinez (2007), a pesquisa qualitativa reside *na articulação entre o campo político e o científico* (p.37). E, essa investigação, é delineada entre posição política e científica. Há em jogo a concepção-pensamento de sociedade, de ciência, de rigor e de produção crítica de cuidado. Nisso, há uma ausência de neutralidade, de ahistoricidade e de verdade absoluta e universal. Há um rigor, em construção, apresentado pelas indagações e problematizações, por meio de seus aportes teóricos e metodológicos.

Há, ainda, uma intenção frágil e arriscada, de agregar à ciência o tema não verificável, tão somente, pela observação, descrição e classificação. Desse modo, investigar questões e fenômenos que dizem respeito à Saúde Coletiva, por vezes, requer o esforço de criar o inclassificável, a diferença, o inédito. De escarafunchar um campo denominado de processos de subjetivação, com as devidas prudências para não reduzi-lo e banalizá-lo.

Entretanto, requer imensa cautela, para, ao mesmo tempo em que se borra no que pode ser percebido de subjetivismo individualista e lírico, lançar um desvio para o que não se faz, nem se pensa no plano pessoal, mas impessoal. Há nesse aspecto um convite para se debruçar e realizar uma quebra sobre outra lógica científica não homogênea e com mentalidade cartesiana. E, isso parece já manifestada em alguns centros acadêmicos brasileiros⁴², para citar apenas o Brasil.

Para discorrer com maior detalhe sobre a metodologia da presente pesquisa, procurando ser o mais preciso possível, construímos planos diferentes

⁴² Fazemos referência ao grupo de pesquisas em Psicologia Social da UFF e da UFMG. Apesar da leitura de seus trabalhos nos serem familiares, escolhemos recorrer às fontes bibliográficas primárias, seja através dos próprios pensadores, seja através de filósofos estudiosos dos autores que contribuíram nos marcos teórico.

metodológicos, que foram produzidos nos percalços e no processo do próprio ato investigativo.

Desse modo, é relevante entender, que apesar desse ensaio trazer a sequência mais linear e clara de todo seu percurso, ele não nos foi tão nítido quanto apresentado aqui. Foi repleto de idas e vindas, recuos e avanços, supressões e acréscimos. Composto pela aliança permanente com a concepção de *método é caminho indireto, é desvio* (BENJAMIN, p.50).

Se o método é concebido como uma via indireta, um desvio, a metodologia foi em processos contínuos, sendo alinhavada pelos desvios e suas discontinuidades. Concebidas como potentes para a investigação em torno da ética do cuidado.

Retomando os planos metodológicos, agora apresentados, denominamos: 1. Plano metodológico formal; 2. Plano metodológico da pesquisa de campo; 3. Plano metodológico da apresentação escrita da tese e 4. Plano metodológico da discussão-análise-conclusão.

1 PLANO METODOLÓGICO FORMAL

Elencamos as exigências e os passos pragmáticos para realização da pesquisa:

- a) Cadastro da Pesquisa na Plataforma Brasil;
- b) Apreciação e parecer favorável do Comitê de Ética de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos, da UECE: **CAAE:** 48667615.0.0000.5534, **Número do Parecer:** 1.236.419, **Data:** 20 de setembro de 2015;
- c) Elaboração do Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento para os pais dos adolescentes que participaram da investigação (ANEXO A).
- d) Elaboração e Assinatura do Termo de Assentimento para as Crianças e Adolescentes que participaram da investigação (ANEXO B);
- e) Elaboração e Obtenção das Cartas de Anuências dos Representantes Legais das Instituições onde foi realizada uma parte da *colheita de campo*, isto é, onde acompanhamos processos e foram produzidos materiais variados pelos participantes (ANEXO C);

- f) Aproximação de instituições potencialmente colaboradoras para imersão no campo da pesquisa;
- g) Visitas durante o mês de junho/2016 para negociação de calendários de campo, junto às instituições disponíveis e com abertura para receber a pesquisa;
- h) Entrada no campo propriamente dito em julho/2016, por meio de um Projeto Municipal da Cidade de Fortaleza, uma Instituição Estadual do Ceará, uma Organização Não Governamental e duas instituições não governamentais conveniadas com o Estado do Ceará, somando um total de quatro instituições, e um Projeto acompanhado por uma Secretaria Municipal de Fortaleza;
- i) Percursos em via pública, conforme a demanda dos processos.
- j) Participação em Seminários e eventos com intuito de maior compreensão sobre o cenário de crianças e de adolescentes em situação circular de rua;
- k) Participação em Fórum de Discussão com Educadores Sociais de Rua.
- l) Trajetos imprevistos, conforme eventos ocorridos em locais públicos e protestos em terminais de ônibus;
- m) Pesquisa bibliográfica não sistemática, leituras e fichamentos de estudos científicos, leis e produções artísticas variadas;
- n) Pesquisa bibliográfica teórica, leituras e fichamentos, pelas indicações de grupos de estudo, professores acadêmicos estudiosos, pensadores de referência e investigações pessoais.

Em relação ao plano metodológico formal da pesquisa gostaríamos de destacar o fôlego e insistência para adentrar as instituições colaboradoras do estudo. Foi um processo moroso, desafiador e repleto de imprevistos. Muitas vezes, as instituições supostamente acessíveis se mostraram reticentes e colocaram vários obstáculos para, até mesmo, podermos ser recebidos na recepção. Por vezes, passamos mais de 30 minutos à espera, do lado de fora de instituições, para recebermos a informação de que não seríamos recebidos. Mesmo assim, dependendo da situação e contexto, chegamos a tirar fotografias do espaço externo da instituição. De detalhes, como seus muros e telhados, às vezes cheios de brinquedos abandonados.

Essa foi uma situação bem desafiadora no campo da pesquisa. Por vezes, produzia-se uma ânsia de desistir. Entretanto, sem nenhum financiamento direto e com a insistência de pensar sobre isso, nos fez lembrar algumas curtas narrativas de Kafka⁴³ (1995, 2012) e o conto fantástico de Rubião⁴⁴ (2004). Claro que essas narrativas não nos confortaram inteiramente, nem reduziram a situação vivida. Mas, no entanto, puderam oferecer bons materiais para pensar e conversar sobre o pouco reconhecimento de pesquisas dessa natureza, no país. Também para pensar sobre a produção de forças e jogos de poder institucionalizados, que coloca o Brasil com pouco impacto de colaboração científica nessas áreas sociais de pesquisa em Saúde Coletiva.

2 PLANO METODOLÓGICO DA PESQUISA DE CAMPO

Sim, tínhamos uma metodologia para a aproximação do campo da pesquisa. E, conforme a intenção de nossa investigação, ele não se restringia a coletar dados. Concebíamos o campo como *colheita de dados*. Isso quer dizer que compreendíamos os participantes da pesquisa como trabalhadores, forças operacionais conosco. Nessa concepção, fomos aliados para realizar, numa estreita aproximação, experimentações plurais, conforme a imprevisibilidade e emergências de acontecimentos trazidos pela processualidade dos acontecimentos. Numa relação de intensidade e tensões contínuas, para operacionalizar um pensar-fazer em torno da ética do cuidado em saúde. Desse modo, o desvio e a transgressão clássica eram imprescindíveis, pois não havia objeto e sujeito em cena, haviam forças implicadas no fluxo da produção da expansão da vida. Nosso campo era gregário e de alianças, acolhíamos processos imprevisíveis, rotas inesperadas,

⁴³ Fazemos referências às obras: *Desista! e outras histórias*, ilustrada por Peter Kuper, renomado desenhista de revista em quadrinhos e *Pequena Fábula*, ilustrada por Enrique Martinez. Esta narrativa, também, tem na primeira obra. Entretanto, a riqueza de ilustração e a peculiaridade de tradução nos pareceram bem oportunas. Uma frase epígrafe de Kafka, na primeira obra que, faz eco com a apresentação metodologia da escrita da tese, adiantamos aqui: *Um livro deve servir como uma machado para o mar congelado dentro de nós*.

⁴⁴ Fazemos referência à obra: *O Ex-Mágico da Taberna Minhota*, ilustrado por Ana Raquel. Esse conto fantástico nos lança nas agruras e nos labirintos de burocratização dos serviços públicos, numa personagem de papel entre o funcionalismo público e as práticas desastrosas de mágico. Como é característica do autor, iniciar seus contos fantásticos com uma citação bíblica, consideramos oportuna para esse ensaio transcrevê-la: *Inclina, Senhor, o Teu ouvido, e ouve-me, porque eu sou desvalido e pobre (SALMOS, LXXXV, 1)*.

tempos irregulares, espaços diversos, num tecido que se delineava em sua própria processualidade.

Dessa maneira, como nos diz Benjamin, fomos tecendo o campo:

Saber orientar-se numa cidade não significa muito. No entanto, perder-se numa cidade, como alguém se perde numa floresta, requer instrução (BENJAMIM, 2000, p. 73).

Desse modo, tivemos nossas ferramentas-instruções de campo, apresentadas abaixo:

- 1) Livro Diário, para o diário de campo;
- 2) Câmera fotográfica descartável;
- 3) Maleta antiga de viajante;
- 4) Um colcha-tapete-toalha;
- 5) Cinco obras literárias infanto-juvenis: **No Olho da Rua: historinhas quase tristes**, de Gergona Martins; **Cena de Rua**, de Ângela Lago; **Bicos Quebrados**, de Nathaniel Lachenmeyer; **Por Quê?**, de Nikolai Popov; e **A Caminho de Casa**, de Libby Hathorn;
- 6) Materiais expressivos: canetas, giz de cera, lápis de cor, folhas de papel ofício, tesoura e durex;
- 7) *Tablet* e celular com câmera fotográfica. Conforme a situação do campo, ora utilizávamos o *tablet* para registro fotográfico, ora utilizávamos o celular.

A relevância do *diário de campo* é apontada pela Antropologia e pela pesquisa-intervenção. Caiafa (2007) e MacRae (2004) versam sobre a relevância do uso do diário de campo, esclarecendo que, além do caráter objetivo de registro de informações, o mesmo é útil, também, para o registro da produção subjetiva, mediante suas impressões, hipóteses, incertezas, afetações e intervenções. Favoreceu, assim, de modo vivo e ativo para a produção de narrativas, através do campo, de seu agir, viver, observar, perceber e ter dúvidas. Desse modo, o diário de campo, como instrumento da pesquisa-intervenção, colaborou com anotações significativas que emergiram durante a própria processualidade da pesquisa.

A máquina fotográfica é dispositivo plural nessa investigação. Isto é, assim como favoreceu registrar determinados detalhes, também favoreceu

produções iconográficas pelos colaboradores da pesquisa. Sobre o uso da fotografia em pesquisa, destaque-se a obra **Imagens no Pesquisar: experimentações** (org. ZANELLA e TITTONI, 2011). Esta foi realizada por pesquisadores que pensam, usam e produzem com base na fotografia e com a fotografia, estudos de arte, intervenção e subjetividade.

A mala antiga de viajante e a colcha-tapete-toalha foram materiais de *performance* e contribuíram para a aproximação com crianças e os adolescentes em situação circular de rua. Podemos dizer que foi um pretexto, um elemento que despertou a curiosidade, contribuindo com a aproximação e a criação inicial de um vínculo. Podemos dizer, também, que a mala de viajante, assim como a ideia de um baú, advinda da tradição dos contadores de histórias, instiga a produção de um espaço outro, diferente dos trabalhadores de instituições que acompanham crianças e adolescentes em situação de rua. Para propor esses materiais *performáticos* nos norteamos nas obras de Matos (2005) e Matos e Sorsy (2005), sobre a palavra e o ofício do contador de histórias.

As cinco obras literárias, pertencentes ao universo infanto-juvenil, são espécies de engrenagens que puderam ser operacionalizadas, conforme o processo da pesquisa. As obras, temporariamente selecionadas, narram histórias diversas, seja de modo direto ou indireto, de personagens de papel que atravessam uma trama no espaço de rua.

Além desses materiais, em virtude dos acontecimentos e processo produzido dentro de uma instituição, incluímos o filme **O Menino e o Mundo**. A ideia de assistirmos um filme juntos surgiu a partir da ideia de um adolescente participante da pesquisa.

3 PLANO METODOLÓGICO DA APRESENTAÇÃO ESCRITA DA TESE

Seguimos as normas da ABNT, pelo **Guia de Normalização e Trabalhos Acadêmicos**, elaborado pela UECE, em 2016.

A imensidão da complexidade do tema, misturados com a fragilidade, ousadia e inquietação favoreceram a materialização dessa metodologia na apresentação da escrita da tese.

A apresentação escrita foi composta num campo prosaico, em aproximação com referências plurais, delineadas pela utilização de recursos não convencionais, numa montagem de sucessivos fragmentos e cortes, visando uma quebra da linearidade, pelas produções ensaísticas⁴⁵.

O ensaio nos pareceu oportuno pela sua própria condição de minoridade frente à ciência considerada objetiva, clara e direta.

O ensaio confundiria ou atravessaria a distinção entre ciência, conhecimento, objetividade e racionalidade, por um lado; e arte, imaginação, subjetividade e irracionalidade, por outro. O que o ensaio faz é questionar as fronteiras. E as fronteiras, como se sabe, são mecanismos de exclusão (LARROSA, 2016, p.21).

O fluxo escritural do ensaio, agregado ao movimento de produção de narrativas, durante a feitura da escrita da tese foram terras movediças, sem caracterização conclusiva, mas com a intenção de desconcertar ideias naturalizadas e compactadas, num rigor de aprofundar análises críticas e densas em torno da ética do cuidado. E, quanto a isso, chamamos de uma posição política e ética com a própria escrita da tese e sua investigação realizada.

Nesse feitio, a tese demonstra uma fragilidade conclusiva última, ela reverbera uma abertura e aproximação, por meio do ensaio e da narrativa, em territórios complexos e pouco debruçados pelos cientistas, considerada a diluição entre ciência-arte, ética-vida. Nisso, a metodologia da escrita cria entradas multifacetadas para um pensar sobre a prática do pesquisador, para além de descobrir, conhecer, constatar. Coloca o ato do pesquisar num campo político e social, onde a neutralidade é estilhaçada. Ao invés de problematizar sobre a distância e a aproximação do pesquisador no ato de pesquisar, indaga a posição crítica epistemológica, pela junção entre os pares da desistência e da resistência. O combate da ciência, maior do que os regimes de verdade, parecem interceder em torno da produção de vida, indissociável de uma posição analítica de sociedade. É através dessa posição, mesmo provisória e em constantes idas e voltas, que parece imprescindível indagar: o que faz o cientista-investigador-imagem com o que fazem de si?

⁴⁵ Sobre o ensaio, enquanto modo de produção de escrita há dois artigos que nos reportamos: um de Larrosa (2016), intitulado **O ensaio e a escrita acadêmica**, in: Uma escrita acadêmica outra: ensaios, experiências e invenções e Freitas (2001), intitulado **Estilo e método da filosofia nos primeiros trabalhos de Walter Benjamin**, in: Mímesis e expressão. Além desses ensaios, fazemos referência ao ensaio de Adorno (2003) **O ensaio como forma** e o **prefácio** de Benjamin (1984), na obra **Origem do drama barroco alemão**.

Nessa indagação, a própria indagação nos reverbera uma provocação desconcertante. Sem a intenção de responder, mas a partir da escolha da forma de expressão ensaística, diríamos: o cientista-investigar-imagem desiste de uma posição de centro e de verdades constituídas, para compor um possível de existência menos desigual, ainda por vir, um devir democracia. E, nessa quebra de centralidade e soberania, há um esforço de produzir alianças com jogos de regimes de verdade que consideramos fundamentais que sejam desconcertados, deslocados.

Nessa acepção a escrita científica, o pensar e a ciência deveriam potencializar marcas de padronização e linearidade? Em que circunstâncias e com que intenção?

Quando percorremos os rastros de outra ética do cuidado, estaríamos a propor mais um protocolo e resposta imediatista frente às atrocidades e barbáries produzidas na era da tecnologia virtual, em tempo real, numa globalização neoliberal extrema?

Sem dúvida, estamos imersos em jogos de poderes e em regimes de verdades, mas a proposta metodológica da escrita é indissociável do tema em questão. A via indireta, a linguagem escrita e o pensamento-ação são mais do que adornos e efeitos estéticos, incidem na condição de uma estética da existência. *Nessa concepção é desvio [...] Renunciar ao curso contínuo da intenção é sua primeira característica* (BENJAMIN, p. 50).

Portanto, nos coube colaborar com a produção de novas trilhas investigativas, marcadas desde o modo escritural e de apresentação do estudo. Isso para apresentar uma fresta caleidoscópica a fim de recolocar a questão da ética do cuidado em uma conversação direta com as práticas de cuidados realizadas. Importante destacar o mérito dos esforços científicos de estudos realizados, mas propomos uma pesquisa qualitativa, produzida em sua processualidade, pelo detalhe e pela intensidade e densidade de acontecimentos vividos, acolhidos e afetados no atravessamento do campo, numa pluralidade de experimentações e tensões advindas pelo inesperado da investigação. Desse modo, podemos afirmar que a tese é composta de detalhes, restos, pequenos cenários, do ínfimo resíduo de campo, muitas vezes deixado de lado nos relatórios e nas pesquisas clássicas já realizadas.

Nesse sentido, perambular, vaguear, viajar, vagabundear nos ensaios e em narrativas é constituir um rigor metodológico à escrita, numa convocação de conversação analítica com o outro, com a diferença da diferença.

Por isso, a frágil-forte escolha de escritos ensaios e produções narrativas, nos potencializam a debruçar e arrebatrar sobre vidas que pulsam, para além de protocolos e padrões reducionistas e aprisionadores da estética da vida.

4 PLANO METODOLÓGICO DA DISCUSSÃO-ANÁLISE-CONCLUSÃO

Para a montagem metodológica da discussão, análise e conclusão da tese, agregamos dois aspectos concomitantes e indissociáveis: a intertextualidade com a obra **Infância em Berlim por volta de 1900**, de Benjamin e apresentar os materiais de campo diluídos e condensados nos construtos narrativos, na invenção do que chamamos *narrativas analíticas*.

Em seu detalhamento consideramos oportuno elencar algumas características levadas em consideração:

- A. As narrativas potencializariam produzir desconforto e embaraço, fariam alianças com o campo estético-ético da tese;
- B. A característica de obra autobiográfica, isto é, uma escrita de si, não se produz num plano pessoal e individual, mas compõe, no tempo presente, multidões;
- C. Os espaços percorridos durante a pesquisa de campo, pelas vias públicas e instituições foram desdobrados para criação do espaço narrativo, numa fusão e condensação em torno da ética do cuidado;
- D. Narradores, personagens e tempos delinearam a impossibilidade de uma mera descrição e reconstituição do campo da pesquisa, tal e qual ocorreram; entretanto, eles provocam uma análise por meio da desfiguração do indivíduo e passa a produzir, agregado à narrativa, uma intensidade de relações de poder e jogos de verdades, num esfacelamento da centralidade soberana do sujeito;
- E. As vozes concebidas nas narrativas são linhas de força e regimes de verdade, estão compostas por cruzamentos e atravessamentos, por

vezes misturados e deslocados da pura representação, são alegorias e metáforas à ética do cuidado;

- F. O tempo narrativo delinea um tempo inédito, em fusão de acontecimentos distorcidos ocorridos em dias diferentes do campo; a questão posta é problematizar o antes do visível do ato, uma posição outra que sai da moral e do julgamento; por isso, questiona e produz uma instrução de implicação e imprevisibilidade;
- G. As anotações do diário de campo são diluídas enquanto imagens das narrativas criadas; há um afastamento fragmentário de falas soltas e decalcadas do campo, com mera intenção reducionista de interpretação;
- H. Se o fluxo narrativo apresenta um modo de conhecer, ele se afasta de uma posição epistemológica de posse com o objeto dado de antemão; convoca-nos e arrebatamos para o inédito provável, em seus campos sensíveis e de desdobramentos de inacabamento, e com isso, movimentamos a intensa processualidade cotidiana da vida;
- I. No ato do contar reconhecemos que há uma posição diante do fato, nenhum contar é ingênuo; e, as nove narrativas inventadas, fundem planos de memórias afetadas pelo campo com planos de tempos outros, para além campo, realizando choques e estrangeirismos a determinadas lógicas de escuta; e, isso é intencional;
- J. As nove temáticas apresentadas nas narrativas constituem uma entrada para travessia do plano da ética do cuidado, isto porque criamos um mecanismo temático para alojar um narrador analisador à condição imensurável da ética do cuidado. Apresentamos as narrativas como modos de práticas, com seus processos e pulsações, com uma fraca potência de instigar uma ética do cuidado, outra. Quebra de regimes de verdades e certezas;
- K. As narrativas, distintas de uma literatura em si, num plano de arte enquanto objeto sagrado são fragmentos de nossa condição ativa e reativa à produção de um corte radical à produção de extermínios. As palavras borram no processo de subjetivação aspectos de objetivação, mas indagam uma condição de expansão à existência, pela fresta que ultrapassa qualquer mensuração e domesticação;

- L. A narrativa conclusiva da tese, escrita em forma de diálogo, é uma alegoria à ética do cuidado, outra. É uma fusão de tempos de uma história em curso, aberta. É um convite ao inclinar-se sobre uma resistência pela via indireta, pela desistência.



Obra: Cicatrizes e Marcas

Autor: Ronaldo Vieira

V ENSAIO SOBRE ANÁLISE E CONSIDERAÇÕES FINAIS: NARRATIVAS ANALÍTICAS

“Essa rua de mão única é também uma forma de contramão, lugar de choques e desencontros, rua na qual o destino dos acontecimentos não está previsto, rua na qual as coisas podem ter qualquer sentido ou não ter sentido algum”.

(MATOS, 1998, p. 43)

Narrativas, fotografias⁴⁶ e pinturas das imagens éticas do tempos-do-agora⁴⁷

Esse ensaio é uma aproximação intertextual com a obra **Infância Berlinense (1932)**, de Walter Benjamin. Capturamos ideias e conceitos dos ensaios: **Experiência e Pobreza (1933)** e **O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov (1936)**, para criar e compor essas narrativas analíticas, por meio do material acolhido durante o percurso de campo da pesquisa. O tempo e o espaço são uma fusão concêntrica com o presente, a intensidade e os afetos. Há quebra intencional do tempo cronológico e do espaço fixo e descritivo. É o tempo-espaço acontecimento, em seus labirintos de alianças com a ética do cuidado em saúde.

Portanto, é um corte com os modos de apresentação de trabalhos científicos clássicos. Entretanto, esse corte vem agregando possibilidades concretas em espaços acadêmicos brasileiros e internacionais, em diferentes formatos. Os trabalhos de Adil (2014)⁴⁸ e Sousanis (2014)⁴⁹ vêm ampliando possibilidades à ciência, produzindo aberturas para a diferença.

⁴⁶ Sobre a temática da fotografia sugerimos a leitura do artigo de Chaves (2003) *Retrato, Imagem, Fisiognomia: Walter Benjamin e a Fotografia*, o ensaio de Benjamin (1985) *Pequena História da Fotografia*. Indicamos, também, os livros de Andrade (2002) *Fotografia e Antropologia*; o livro org. por Zanella e Tittoni (2011) *Imagens do Pesquisar* e o livro org, por Mammi e Schwarcz (2008) *8 X Fotografia: ensaios*. Além desses, indicamos o clássico livro de Barthes (1984) *A Câmara Clara*.

⁴⁷ Esse termo faz referência ao conceito de *Jetztzeit*, de Benjamin. Segundo Matos: *Jetztzeit – o agora – é para o tempo: interrupção do passar homogêneo do tempo, de seu devir abstrato e vazio; é a concentração abreviada no átimo do presente [...] Não existe uma figura terminal do passado, tampouco do presente: a obra se compõe, assim, como um mosaico, a partir de micro materiais e microanálises, em contrapartida ao olhar de sobrevôo dedutivo, para o qual desaparece, a um só tempo, o qualitativo e a experiência singular [...] O Jetztzeit é um “tempo concêntrico”, que por um secreto heliotropismo se organiza ao redor do presente, abrindo novas possibilidades [...] Lá também, por meio da circulação, brilham nas encruzilhadas sinais fantasmagóricos; lá também se inscrevem na ordem do dia inimagináveis analogias e o entretecer-se dos acontecimentos. São os encontros ao acaso... (MATOS, p. 48).*

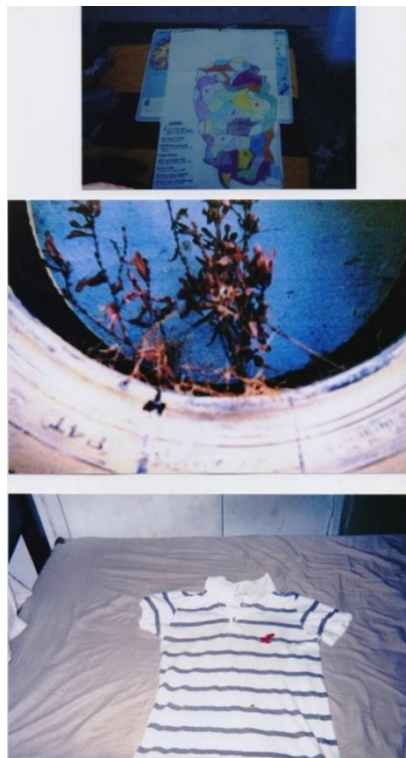
⁴⁸ Acesso em: <http://repositorio.furg.br/handle/1/4877>

⁴⁹ Acesso em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2015/07/26/professor-publica-tese-de-doutorado-em-forma-de-quadrinhos-nos-eua.htm> Tese feita totalmente em quadrinhos e publicada pela Universidade de Havard.

É importante esclarecer que trazemos à baila uma montagem de narrativas vagantes, viajantes, indisciplinadas. Isto é, narrativas fundidas em diferentes datas registradas em nosso diário de campo, em dias diversos. Há uma mistura de datas e de locais, na tentativa de concentrar um atravessamento em torno da ética do cuidado em saúde. Portanto, o inconcluso, o inacabado. A quebra da narrativa linear e sequenciada é uma distorção da representação pura. Um esforço para desterritorializar a narrativa em si, mas para produzir planos fora da linguagem comunicacional, por via das imagens acopladas, dos desenhos e de seus efeitos de distorção e desconcerto. Uma espécie de contar o inominado, o não dito pela escrita, mas delineado através da escritura.

Territórios e trajetos afetivos: trânsito viajante

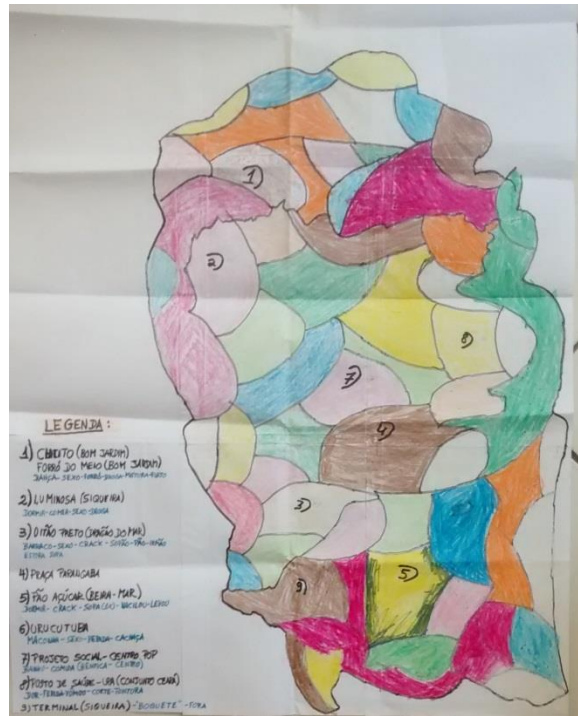
Fotografia 4 - Imagens clicadas pelos adolescentes participantes da pesquisa, em máquina fotográfica descartável



Fonte Elaborado pelo autor.

Pronto! Está feito o mapa. É por esses cantos que ando. Lá tem diversão e amigos. É esconderijo e alegria.

Fotografia 7 - Imagem do mapa feito por um adolescente, participante da pesquisa



Fonte Elaborado pelo autor.

Se ele anunciou na conclusão do mapa, sua representação de proteção e cuidado, nós juntos a ele adentrávamos para o além-mapa. Para fora da representação. Transitávamos em territórios moveáveis para pensar-fazer, de modo interventivo, uma ética do cuidado, outra. Distorcida da moral maniqueísta e de julgamentos, transgredindo um mercado de financeirização global da pobreza, miséria e desigualdade.

A peça mapa enquanto produto era vazia de composição. Era ausente de uma análise narrativa-vagante em torno da ética do cuidado em saúde. Estampava meras representações visuais que procurávamos nos desvencilhar, distanciar. Ousávamos tecer composições: pelas bordas, pela diferença, pelo ínfimo, pela processualidade agregadora antes da materialização do mapa.

Era prudente remoer os detalhes, ampliar e sair de uma mera descrição. Os afetos eram tensionados pela travessia, sem manuais prévios. Entretanto, havia uma questão continuamente presente: como produzir encontros e práticas de cuidado com forças ativas para a condição da estética da existência?

Apesar da ausência de âncoras e coordenadas tínhamos uma implicação com o rigor científico. Essa ciência que produzíamos poderia ser de grande valia para a consistência da efetivação de políticas públicas que ficam por vezes

propostas, implantadas e avaliadas, exclusivamente, em seus elementos quantitativos e descritivos. E quando não, oferecem recomendações pragmáticas e protocolos para sua efetivação. Por vezes, nos lembram de protocolos-receitas (im)postos por uma assessoria-gestão externa distante, estampada na imagem de uma força de autoridade impositiva, advinda em figuras de medalhão da área do mercado dos *expertises*, lançadas de cima para baixo, sem uma realização de fato democrática e coletiva.

O mapa é um pretexto para um deslocamento. O território e os trajetos afetivos que tocamos são delineamentos da ética do cuidado em saúde. São práticas discursivas de subjetivação, verdade e relações de poder⁵⁰. Com ele, acoplamos mapa-gente-cuidado e prosseguimos no vaguear em torno da ética⁵¹.

A construção do mapa surgiu pelo pedido de um dos garotos, conhecido numa das instituições públicas. Sua saída e retorno da instituição se davam de modo livre. Era um bumerangue em trilhas de andanças. Ia e voltava conforme os ares do momento.

Nesse dia ficamos afastados dos outros garotos que estavam ocupados com seus ócios frequentes.

Uma TV ligada, posta em programas de canais abertos, assistidas por três deles e por dois educadores sociais; um dormitório, com colchões finos e surrados, postos em seis beliches, onde dois deles se encontravam recolhidos em camas diferentes, no horário pós-almoço. E, outro garoto mais isolado, sozinho, a fazer com paciência e determinação suas dobraduras, transformando-as posteriormente, através de pequenos encaixes precisos, no que denominavam pata e jarra.

⁵⁰ Alusão a Foucault (2010, 2014), in: *Em Defesa da Sociedade e Do Governo dos vivos*.

⁵¹ A questão da ética é um tema caro à filosofia. Reconhecendo nossa limitação nesse ensaio narrativo em Saúde Coletiva, sugerimos a ampliação da leitura através de leituras introdutórias do pensador Savater (2003 e 2015). Recomendamos, ainda, a coletânea de textos publicados pela Revista Filosofia Política, com número temático envolvendo Ética e Estética, publicada pela editora Jorge Zahar, através do programa de pós-graduação em filosofia, da UFMG (2001). Quanto a nossa compreensão sintética em torno da ética a entendemos como posição exercida frente ao mundo que antecede a uma classificação valorativa. Diz respeito ao *ethos* no mundo. Assim, por mais que seja feita uma fusão e indistinção entre a ética e a moral, elas são concebidas como distintas. Portanto, registramos e esclarecemos que os códigos de ética profissionais, a avaliação e a aprovação pelo parecer da Comissão de Ética em Pesquisas Científicas envolvendo seres humanos em saúde, a nós são estruturas normativas de um determinado grupo em consenso. Fique claro que apesar de haver uma estreita relação entre ética e moral, nós a entendemos em sua concepção ampla, modos de constituir-se em seu modo de vida, distinto de uma moral normativa. Aproximamos à Nietzsche na concepção de vida enquanto obra de arte e a recorrência de Foucault à Nietzsche em sua concepção de estética da existência.

Fotografia 8 - Imagem da pata segurada por um adolescente participante da pesquisa



Fonte Elaborado pelo autor.

Era uma montagem delicada e refinada, finalizada com cola e água, borrifada de um franco plástico pequeno de desodorante *spray*.

Fotografia 9 - Detalhe do adolescente borrifando cola com água na pata



Fonte Elaborado pelo autor.

Miúdas peças cuidadosamente feitas, postas em caixas de papelão, separada pelas cores dos papéis de *Totolec*, mantidos pela doação contínua de uma casa lotérica local.

Fotografia 10 - Imagem de caixas de papelão, com peças de dobraduras feitas e papéis de Totolec



Fonte Elaborado pelo autor.

O refugio dos papéis vencidos, em apostas não realizadas pelas pessoas da cidade, eram matérias primas para as apostas e fabricação disciplinares dos garotos. As miúdas peças encaixadas eram movimentos em suas mãos ágeis e cautelosas, apresentadas pela maestria de mágicos, com intenso encantamento.

Fotografia 11 - Detalhe do adolescente fazendo dobraduras



Fonte Elaborado pelo autor.

Voltemos ao mapa... Foi no movimento do processo de sua elaboração que fomos pensando sobre uma ética do cuidado em saúde, outra. Sua processualidade agregou intensidades, fora do âmbito de protocolos. A produção de afetos, inalcançável pelo registro descritivo da linguagem escrita, fez uma brecha de entrada na relevância de pensarmos sobre o corpo.

Fotografia 12 - Detalhe de um adolescente participante da pesquisa realizando um mapa



Fonte Elaborado pelo autor.

O produto mapa, apesar de conter informações, constitui vestígio de uma experimentação de cuidado interventiva vivida pelo encontro. Seu processo foi feito às quatro mãos. Interagimos durante sua feitura. Criamos conversas frouxas, displicentes e amistosas. Exercíamos naquele instante uma aproximação e encontro. Estávamos livres para estar e permanecer, num movimento de escolha, mesmo fugaz.

Mãos determinadas e firmes rabiscavam um feito inédito de inventividade e autonomia. Se a imagem de um atlas mundial, utilizado da biblioteca sempre fechada, convidava a uma cópia e repetição, os traçados esboçados, no ato de sua realização, criavam novos contornos e demarcações.

- Depois, você vai pintar os locais diferentes?

Fotografia 13 - Detalhe da feitura do mapa



Fonte Elaborado pelo autor.

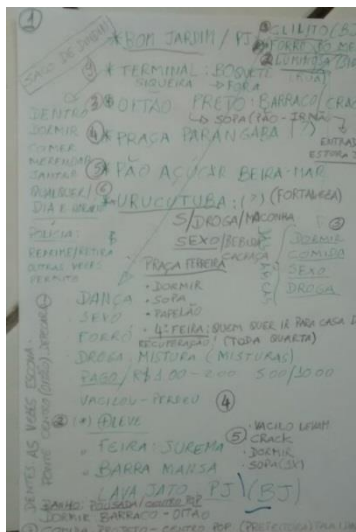
Fotografia 14 - Detalhe em zoom da feitura do mapa com outro mapa de suporte



Fonte Elaborado pelo autor.

A caixa de lápis de cor e de giz de cera eram corpo-extensão-território de um devir aberto e inconclusivo. O esboço do mapa foi tecido no caos da folha de papel. Eram nomes-estrangeiros a nós que acolhiam tons e ecos de fragmentos narrativos que ele ia contando. Festas, alimentos, drogas, dormida, amigos... Gargalhadas, perguntas de mão dupla, olhares, sorrisos e silêncios.

Fotografia 15 - Imagem do esboço da legenda do mapa realizado com o adolescente



Fonte Elaborado pelo autor.

O processo da feitura do mapa bordava a desterritorialização do tempo cronológico do cuidado. Condensavam planos distintos, em dias diferentes. Rememorávamos o primeiro dia que adentramos àquela instituição, quando tivemos um choque ao verificar a biblioteca fechada e inabitada. Depois, soubemos que abrir a biblioteca e realizar qualquer atividade lá dentro era exceção.

Aqui não temos nenhum educador social ou responsável pelas atividades escolares que os meninos faziam na biblioteca. Os computadores estão quebrados e inutilizados.

Na coordenação da instituição: ar-condicionado, computador, internet e caverna de proteção blindada.

Estávamos escavando⁵² um achado de um museu-lei, *Diante da Lei*⁵³, onde nem a coordenação, nem os meninos adentrariam: *conclusão de que esperar é melhor até que lhe seja outorgada a permissão para entrar.*

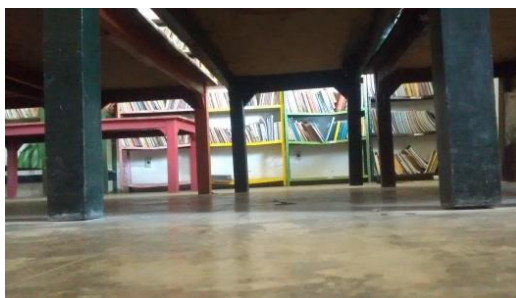
Uma dobra de lembrança nos arrebatava à escola secundarista, quando a má conduta em sala de aula era motivo de passar algum tempo na biblioteca. Por vezes provocávamos tal feito, pois a biblioteca nos oferecia mais encantos que as palavras de ordem de alguns professores.

Podemos utilizar a biblioteca para uma atividade com o pequeno grupo que assinou a colaboração com a pesquisa?

Claro! Pode sim!

A abertura da porta da biblioteca, junto ao convite da atividade feito ao grupo, repercutiu grande algazarra.

Fotografia 16 - Imagem da biblioteca em perspectiva horizontal, pela parte de baixo, no ângulo entre as pernas das mesas, de um Albergue

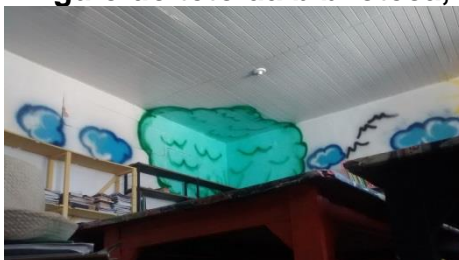


Fonte Elaborado pelo autor.

⁵² Fazemos referência ao fragmento de Benjamin (1995), **Escavando e Recordando**. Citamos: E certamente útil avançar em escavações de segundo planos. Mas igualmente indispensável a enxada cautelosa e tateante em terra escura. E se ilude, privando-se do melhor, quem só faz o inventário dos achados e não sabe assinalar no terreno de hoje o lugar no qual é conservado o velho. Assim, verdadeiras lembranças devem proceder informação muito menos do que indicar o lugar exato onde o investigador se apoderou delas. (Benjamin, p.239).

⁵³ Referência feita ao fragmento narrativo de Kafka (1987): **Diante da Lei**.

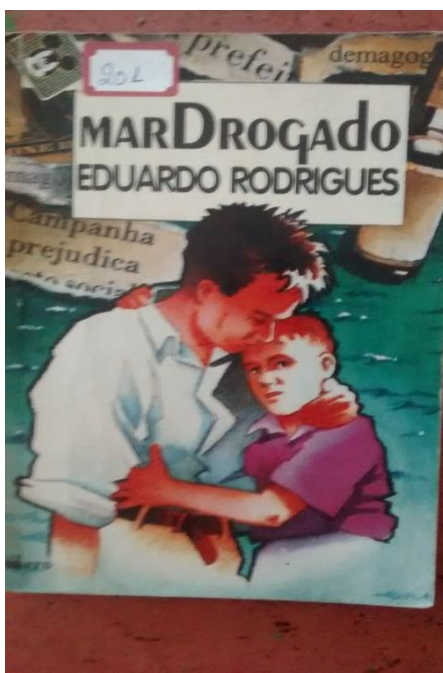
Fotografia 17 - Ângulo do teto da biblioteca, do canto esquerdo



Fonte Elaborado pelo autor.

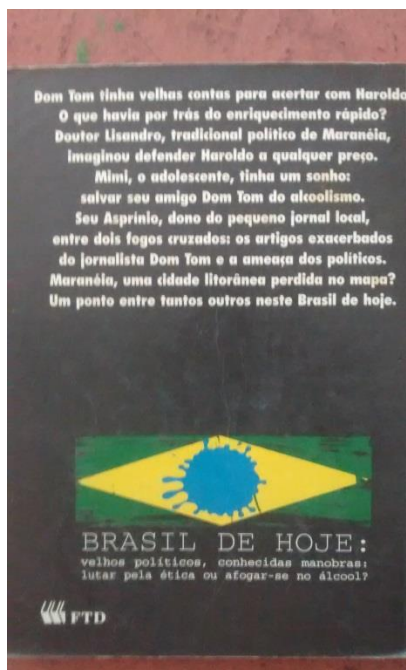
Suas cores, misturada ao cheiro de mofo e aos desenhos postos nos cantos das paredes pareciam mostrar segredos e esconderijos. Livros fora do arsenal de curiosidade daquele público deixavam escapar um título curioso e familiar:

Fotografia 18 - Imagem frontal da capa de uma das obras da biblioteca



Fonte Elaborado pelo autor.

Fotografia 19 - Imagem frontal da contra capa da obra referida acima



Fonte Elaborado pelo autor.

Brasil-Mar-Hoje-Conhecidas Manobras-Drogado-Velhos Políticos-Lutar-Afogar-se-Ética-Álcool.

O Brasil de 2017 é bárbaro de planos sobreposto: conforme o interesse de jogos de forças e de poder sobe e desce, como bolsa de valores. O por vir é a garantia e efetivação da democracia. Existe? Quais as fissuras, brechas e margens para a existência ética do cuidado? Um mero ato de bajulação e corpo adestrado por interesses individuais?

Fotografia 20 - Imagens acopladas de livros nas prateleiras da biblioteca



Fonte Elaborado pelo autor.

Sabino-Lobato-Bauman-Orwell-Assis-Gattai-Bergman-Leis-Constituição do Estado do Ceará de 1989 eram abrigo sem mãos, olhos, leitores. A invisibilidade se escondia na paisagem reclusa do não acesso, quase obra sagrada, privada de

manuseio e uso, mesmo com marcas visíveis de livros passados por outras mãos. Outros templos, outros campos.

As imagens carcomidas das estampas de colagens distorciam o passado num tempo do agora. Desbotadas e amarronzadas traziam à tona o novo do velho.

Fotografia 23 - Detalhes de colagens realizadas nas cadeiras, feitas por outros adolescentes que passaram pelo Albergue



Fonte Elaborado pelo autor.

Fotografia 24 - Detalhes de colagens realizadas nas cadeiras, feitas por outros adolescentes que passaram pelo Albergue



Fonte Elaborado pelo autor.

A cadeira apagava sua moldura e apresentava vestígios e ruínas para assinalar um feito em obra esquecida pelas mãos de crianças e adolescentes, num tempo vazio e homogêneo.

Fotografia 25 - Imagem de uma das cadeiras da biblioteca, decorada com colagens



Fonte Elaborado pelo autor.

Num outro canto da biblioteca procuramos criar junto um espaço para nos aproximar. Um espaço sem prerrogativas de instruções prévias e condutas. As crianças e adolescentes presentes eram cientistas curiosos a vasculhar algumas poucas revistas coloridas encontradas na sala. Uns sentavam no chão, outros em cima das pequenas mesas, outros ainda, ficavam de pé, no balbucio dos livros e revistas que encontravam à frente, numa comemoração de brincar com a leitura e o som que emitiam. Eram oradores de si e do outro, desbravam o mundo dos afetos.

Resolvemos utilizar as laterais das mesas, com televisores danificados e com os computadores-adereços para afixar uma folha de papel ofício, com fita gomada contendo o escrito: *Saúde, Cuidado Integral em Saúde*.

Dispomos folhas de papel, caneta colorida, giz de cera, lápis de cor e lápis pretos pelo chão, trazidos em nossa pequena maleta de cientista-viajante-força.

Lembramo-nos das exposições visitadas em ocasião do Doutorado Sanduíche, em Portugal. 1. Planeta Tangerina, em 23 de outubro, Colégio das Artes; 2. I'm a beautiful monster, em 17 de novembro, Oliva Creative Factory e 3. Quatro variações à volta de nada ou falar do que não tem nome, em 12 de dezembro, Museu Coleção Berardo. Coimbra, São João da Madeira e Belém. Todas, no ano de 2015.

Entre o tear de obras infanto-juvenis, o lado de lá da monstruosidade e a insólita materialização do nomear variações e movimentos. Uma mistura de tempos e pretextos à convocação da diluição representacional e classificatória de crianças e adolescentes em situação circular de rua.

Como se desviar de coordenadas dadas, sem perder instruções? Quais as linhas potentes que podem traçar planos de desistência-resistência à efetivação de políticas públicas, ainda, violadas e não efetivadas?

Imagem infância-monstro-devir cria experimentações de pulsações e choque narrativo, onde a impossibilidade de um fio condutor único está anunciada. E, uma narrativa por dizer, sem dizer, anuncia o que há. Mas, produz outros modos de fazer-pensar-existir. Frágeis, abertos e inacabados.

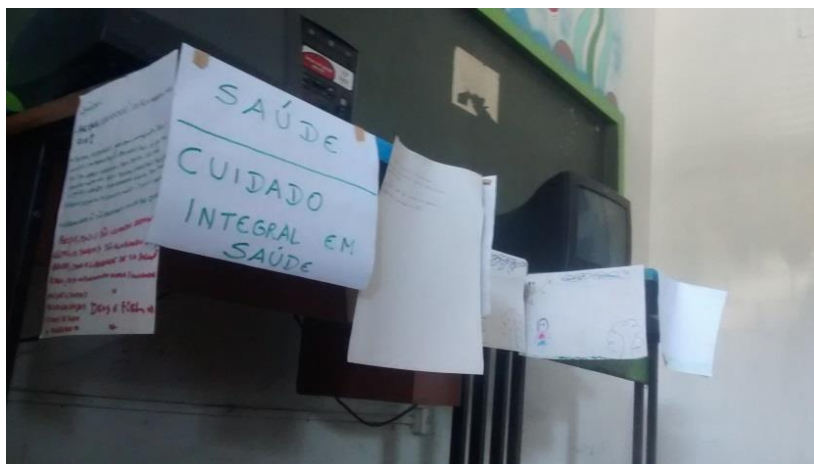
Figura 14 - Cartaz da Exposição Planeta Tangerina, com manipulação digital – efeito extremidades bllhantes



Fonte Elaborado pelo autor.

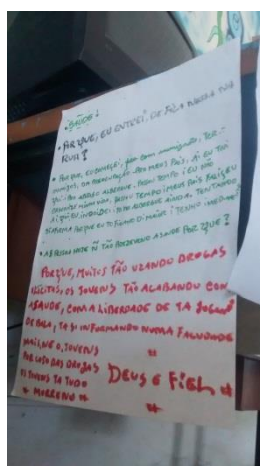
Foi acoplada, de carona com as exposições visitadas, a proposta de uma primeira exposição, materialização dos materiais compostos por eles.

Fotografia 26 - Imagem geral de produções realizadas por adolescentes participantes da pesquisa e detalhe de uma das produções, respectivamente



Fonte Elaborado pelo autor.

Fotografia 27 - Imagem geral de produções realizadas por adolescentes participantes da pesquisa e detalhe de uma das produções, respectivamente



Fonte Elaborado pelo autor.

Foram bons meninos, fizeram bem os seus *deveres de casa*. Entretanto, tencionávamos o insólito, o inesperado. Fugíamos dos deveres e das obrigações, estávamos criando o inominável, inventando acontecimentos para ele, naquela intensidade de produção e de encontro. Intencionávamos distorcer o fora da pura representação. Trabalhávamos implicados com afetos e produção de cuidado. Estávamos afetados.

Nesse fluxo propomos um segundo momento, um desdobramento do primeiro. Para tanto, precisávamos de suas permissões para que os desenhos pudessem ser transformados pelas mãos de outro.

Eles fisgaram a proposta e queriam saber como.

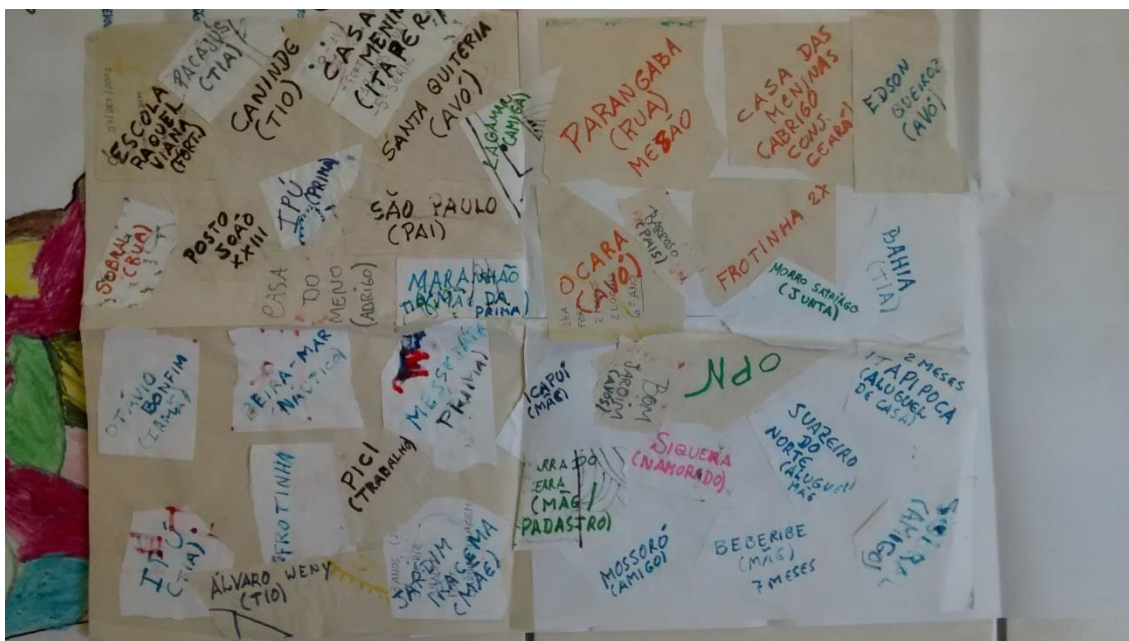
Despertamos a curiosidade, iniciávamos uma produção improvisada. Entregamos a cada um o desenho de um colega. Pedimos que virasse a folha, a parte sem desenho. Depois, deviam pensar nos locais que se lembravam. Locais que passaram, locais que cuidaram deles. Locais que dormiram, passearam, ficaram, brincaram... Locais que conheceram, locais que gostariam de conhecer, locais inventados.

Com isso, foram dizendo nomes e colocando na parte de trás da folha. Algumas vezes ajudávamos com essa coisa misteriosa e mágica que chamamos de palavras.

As histórias e narrativas começaram a eclodir, *causos* variados, lugares com cheiro, sabores e imagens começaram a ser lembrados. Começamos a ouvir e contar narrativas, falar de nomes e de pessoas. Falávamos da força da ética do cuidado, posta em um feito indescritível.

Depois, pregamos quatro folhas de papel ofício com durex, para montar uma única folha, onde foram afixados os locais e nomes. Fazíamos o mapa dos territórios-desterritorializados da ética.

Fotografia 28 - Fotografia 28 - Imagem do mapa produzido coletivamente pelos adolescentes, com apoio de escrita pelo investigador, quando necessário



Fonte Elaborado pelo autor.

Escola Raquel Vieira-Pacajús-Canindé-Otávio Bonfim-Ipú-Álvaro Weyne-Frotonha-Jardim Iracema-Barra do Ceará-Mossoró-Messejana-São Paulo-Maranhão-

Casa do Menor-Casa das Meninas-Lagamar- Rua Parangaba-Ocara-Icapuí-Bom Jardim-OPN-Edson Queiroz-Siqueira-Beberibe-Sobral-Juazeiro do Norte-Itapipoca-Bahia-Barroso-Pici-Morro Santiago-Beira-Mar-Santa Quitéria-Rua Sobral. Mãe-Mãe-Mãe-Mãe-Mãe-Tia-Tia-Tia-Tio-Tio-Tio-Prima-Prima-Amigo-Amigo-Amiga-Pai-Pai-Avó-Avó-Avó-Avô-Namorado-Abrigo-Abrigo-Abrigo-Abrigo-Rua-Rua-Rua-Saúde-Saúde-Saúde-Ensino-Trabalho.

Peças de trajetos-afetivos, repletas de passagens e trânsitos, compondo mapas, o inominável e a vestimenta sem sujeito-identidade, através das marcas e cicatrizes de existir.

Marcas, tatuagens e cicatrizes

Quais forças ativas potencializam as marcas, tatuagens e cicatrizes que compõem uma ética do cuidado, outra? Força expansão, alargamento e corte com o nomeável. Na floresta cidade vestígios de passagens e trânsitos são embaralhadas miopias de nossas práticas, por vezes com lentes higienista de saúde.

Fotografia 29 - Imagens em via pública, de carros embaçados pela alta velocidade e a visão de muros pichados, colchonetes e cobertas na calçada do outro lado da avenida



Fonte Elaborado pelo autor.

A velocidade embaraça a narrativa. Proibido contar e ouvir histórias! Estas estão fadadas ao fracasso e se instauram agregadas aos fatos jornalísticos sensacionalistas, com estampados jogos reducionistas, soluções imediatistas e mágicas. Os regimes de verdade e as evidências⁵⁴ tencionam, comumente, forças

⁵⁴ Esclarecemos aqui o uso desse termo está fincado numa epistemologia positivista, por vezes, nos produzem regimes de verdades que ultrapassam a nossa capacidade de um pensar interrogante, estabelecido através do espanto, em exercício constante de desconfiança da mesma evidência. Pois, ela em si, é uma produção que justifica um plano de força de poder, de regime de verdades, nem sempre ativas aos processos de subjetivação quando é capturada pelo padrão e pela uniformidade de uma ética do cuidado, outra.

reativas. Enquanto a proliferação de morte e extermínio aumenta. Qual o ganho humano disso? O tempo não para: atropela, elimina e fabrica nos instantes acontecimentos do meio fio.

Enquanto a noção de tempo parece ter se tornado virtual, acelerada, abstrata, intensa e vazia de significações, repleta de imagens que nos escapam a todo instante; enquanto as grandes narrativas da história parecem ter sido exterminadas pelas pequenas narrativas, marcadas pela fragmentação, pelo individualismo e reducionismo; enquanto a tradição parece ter se transformado em sinônimo de atraso e de algo ultrapassado; enquanto a experiência (*Erfahrung*) parece ter sido decaída e acoplada apenas à ideia de vivência (*Erlebnis*); enquanto o hiperconsumo parece ter aberto espaço para a constituição da existência e para o fracasso do valor de uso das coisas; enquanto a ideia de identidade⁵⁵ parece ter produzido fanatismo e racismo, enfraquecendo a concepção de pertencimento, multiplicidade e singularidade; enquanto a objetividade, a clareza e a síntese parecem ser a única forma de produção de um diálogo com a subjetividade, os afetos e a ética da existência consolidando a ilusão de um mundo organizado e linear. Enquanto isso tudo vai se corporificando, parece transgressor pensar sobre o cuidado de si (*epimeléia heautoû*).

As ruínas e os destroços são ínfimos resquícios que nos interpelam para remontar o enunciado: ordem e progresso. O símbolo de bandeiras é forjado de intenções que escapam o controle quando as vibrações da cidade são desprezadas e reverberam em consonâncias de financeirização mercadológica global. Teoria da conspiração e do medo como dispositivo de controle de biopoder⁵⁶ da vida?

⁵⁵ Reportamo-nos a uma citação de Foucault (2004), na entrevista intitulada **Sexo, Poder e Política de Identidade**: *Mas as relações que devemos estabelecer conosco mesmos não são relações de identidade, elas devem ser relações de diferenciação, de criação, de invenção [...] Nós não devemos excluir a identidade se é pelo viés dessa identidade que as pessoas encontram seu prazer, mas não devemos considerar essa identidade como uma regra ética universal (p. 15).*

⁵⁶Citamos o comentário de Perbart (2008): *o biopoder passa agora a funcionar na base da incitação, do reforço e da vigilância, visando otimização das forças vitais que ele submete, cuidando da natalidade, epidemias, mortandade, longevidade, etc. [...] o biopoder contemporâneo já não se incube de fazer viver, nem de fazer morrer, mas de fazer sobreviver. [...] Agamben chama de vida nua. [...] de que estamos todos nessa condição terminal [...] A condição de sobrevivente, de mulçumano, é um efeito generalizado do biopoder contemporâneo, ele não se restringe aos regimes totalitários, e inclui plenamente a democracia ocidental, a sociedade de consumo, o hedonismo de massa, a medicalização da existência, em suma, a abordagem biológica da vida numa escala ampliada, mesmo quando promovida num contexto de luxo e sofisticação biotecnológica (p. 4-5)*

Esquecemos que a saúde se compõe para além do miúdo corpo físico. Leis e projetos de emendas constitucionais⁵⁷ são documentos da cultura que anunciam documentos da barbárie⁵⁸, são campos de batalha constantemente proliferados pela sofisticação de saídas imediatas e reducionistas.

Nossas raízes terrestres apresentam covas de sobrevida visível e rasteira. Desistir para resistir?

Fotografia 31 - Fotografia 31 - Detalhe da parte inferior de uma árvore, plantada na entrada de um Abrigo, com raízes compactas e externas



Fonte Elaborado pelo autor.

É prudente desconfiar do corpo indivíduo apenas consigo, o corpo expande e estende para além de órgãos. Corpo mercadoria, máquina, étnico, moral, religioso, jurídico, cultural, lúdico, midiático, educacional, médico... Corpos! Adentramos aos corpos marcados, provisoriamente, na pele, na superficialidade do visível. Lançamo-nos num abismo para delinear entre esfacelamentos e saídas pelos suas margens.

⁵⁷Apontamos apenas a PEC 21/2013 que versa sobre a redução da maior idade penal de 18 para 16 anos, numa solução reducionista e imediatista aos crimes hediondos cometidos. Entretanto, não desconfiamos que *o corpo é aquele que não aguenta mais* (PELBART, 2008). Nisso, vale contextualizar que *o corpo não aguenta mais tudo aquilo que o coage, por fora e por dentro; não aguenta mais a docilização que lhe foi imposta pelas disciplinas, nas fábricas, escolas, no exército, nas prisões, nos hospitais, pela máquina panóptica; não aguenta mais a mutilação biopolítica, a intervenção biotecnológica, a modulação estética, a digitalização bioinformática do corpo, o entorpecimento sensorial que esse contexto anestésico lhe inflige; enfim, não aguenta mais é a mortificação sobre vivencialista, seja no estado de exceção, seja na banalidade do cotidiano* (p. 11-12). Desse modo, fica a desconfiança que a redução da maior idade penal é, apenas, fabricar novas ramificações ao insuportável corpo, desassistido e eliminado de *sua dor no encontro com a exterioridade, sua condição de corpo afetado pelas forças do mundo, e capaz de ser afetado por elas: sua afectibilidade* (p. 12).

⁵⁸ Referência ao título do livro org. por Bolle (1986), contendo vinte e dois escritos de Benjamin.

Fotografia 32 - Zoom de uma cicatriz de um dos adolescentes participante da pesquisa



Fonte Elaborado pelo autor.

O que pode ser narrado em torno da ética do cuidado pelo corpo? De qual corpo falamos? Há corpo? Físico, psíquico, social? Nenhum e todos? O que contamos quando narramos? O corpo da rua, da casa, das instituições, da cidade? O que fazemos com o que fazem nesses corpos? Há uma unidade de corpo ético? Se há, qual seria? Podemos pensar, simplesmente, nesse minúsculo corpo humano quando tocamos uma ética do cuidado? Quais forças incidem para compor em sua absoluta vontade de potência o atravessamento de forças sobrepostas e coexistentes, múltiplas? Como tocar o corpo-ética-cuidado sem considerar esses jogos de forças e de práticas discursivas, verbais e não verbais?

E, se ao invés de conceber um corpo invólucro de órgãos, pensarmos num corpo-força-campo? Um amálgama de forças, devir? Na processualidade do movimento e de sua intensidade, na diferença da diferença?

Lembramos e repetimos que tratamos um pensar-fazer a ética do cuidado. Estamos distantes de pensar soluções imediatas e receitas prontas. Estamos perdidos nesse trânsito, sem ordenada posta. Estamos numa gagueira com a vida. Condição real sem poder dizer, fechar a questão. Somos consoantes de ecos em vibrações, em condições finitas e frágeis de borrar as respostas não dadas, por vezes postas como soluções redentoras e milagrosas. Estamos num longe, numa miragem. E, se vemos, reconhecemos nossa cegueira.

Se delineararmos corpo como potencialização de produção de vida e de existência, teríamos como pensar a ausência do corpo em si e a produzir no acaso, no dentro-fora sem uma forma previamente dada, domesticada, disciplinada e fabricada?

Teria como pensar em uma ética: entre a sacralização do profano e a profanação sacralizada? Uma tessitura numa estética da existência?

Como compor uma aventura sobre a ética que não tem acabamento, nem conclusão? Saídas provisórias para sobreviver numa derrapagem transgressora em inquietantes experimentações narrativas.

Estamos como andarilhos na Beira-Mar. Calçadão, Praça dos Estressados.

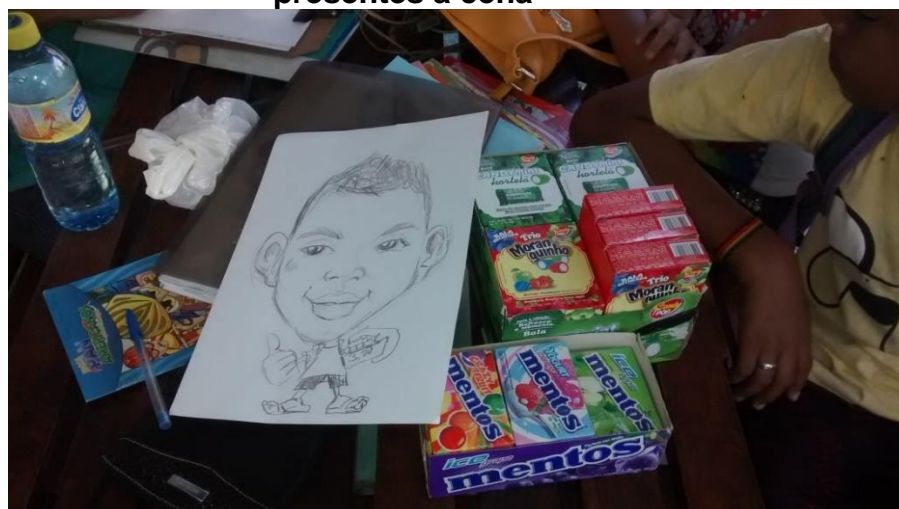
Fotografia 33 - Grupo de Educadores Sociais em abordagem em cenas de rua, com crianças e adolescentes que realizam vendas de miudezas



Fonte Elaborado pelo autor.

A *Casa do Livro: tudo de graça* estava de portas abertas. Mas, a graça estava na venda de pastilhas e dos desenhos de figurações que saíam de modo tão ágil das mãos do educador de rua⁵⁹.

Fotografia 35 - Fotografia 35 - Detalhe de uma caricatura feita por um Educador Social e mercadorias vendidas pelas crianças e adolescentes presentes à cena



Fonte Elaborado pelo autor.

⁵⁹ Esse termo foi utilizado por ele. Entretanto, são conhecidos como educadores sociais. Sugerimos a leitura do livro de Adad (2011): **Corpos de Rua: cartografia dos saberes juvenis e o sociopoetizar dos desejos dos educadores.**

A caricatura do menino-vendedor fisga e seduz olhos ambulantes infantis.

- Faz o meu desenho!

Nesse íterim ia aos poucos sondando nomes, fazendo anotações e registros das crianças. Idade, moradia, escola. Fiscalização da ordem e de uma cidade distante de condições mínimas de sustento.

- Estou na escola, sim! Estudo pela manhã!

Entre as respostas dadas, desconfianças daquela abordagem.

- Você é fiscal? Leva as crianças presas? Eu estudo, viu! Meu irmão, também. Minha irmã vai chegar já, já. Não estamos sós! Só ajudamos a ela nas vendas.

Embalagens coloridas das caixas das gomas isolavam seus sabores pelo lacre plastificado. Seriam eles privados aos doces? Seria essa atividade um doce para prosseguir a condição resto de sobrevivida?

A menina ultrapassava o pedido suave e delicado e mostrava a inquietação e aceleração do *tempo é dinheiro*.

- Faz logo meu desenho, preciso vender as pastilhas.

Na pressa desassistida do tempo das necessidades fundamentais violadas, a mão tece uma marca com a caneta exposta: preta como breu em beco sem saída.

Fotografia 36 - Detalhe da pintura feita por uma adolescente em si, em espaço público



Fonte Elaborado pelo autor.

Suas saídas estavam dispostas nas ruas, seus desejos de andarilhos e sobrevidas produziam zonas equilibradas de prosseguir, com a fúria dos inominados, entregues aos grandes braços da via pública, abraçados pelas avenidas e pelo uso de ferramentas rudimentares para driblar a dor.

Fotografia 37 - Minúsculo corpo em movimento de uma criança em via pública, durante sinal fechado



Fonte Elaborado pelo autor.

Fotografia 38 - Adolescente conduzindo carro de materiais recicláveis em cruzamento paralelo com automóvel particular



Fonte Elaborado pelo autor.

Eram ruas de mão dupla: numa carregavam apetrechos para recolherem resíduos e noutra carregavam cenários turvos pela velocidade dos veículos e coletivos em ritmos frenéticos no asfalto.

O semáforo compunha o jogo infantil há muito conhecido, brincados em novas-velhas edições do século XXI: no sinal vermelho corriam livres e visíveis, costuravam carros em pedidos e olhares; no sinal verde recuavam, tornavam-se camaleões misturados à paisagem da rua. Jogo de pega-pega, esconde-esconde.

Fotografia 39 - Fotografia 39 - Imagem da parte de um corpo de uma criança, em movimento, durante semáforo que acabara de abrir



Fonte Elaborado pelo autor.

Nas trilhas da cidade, das ruas, dos matagais, das pontes, bueiros, vielas e becos nos ensinam uma verdadeira aula de anatomia. A divisão das partes do corpo grita em cenas de linchamentos. É preciso força para atravessar a dor de existir em corpos máquinas. A moral dos homens de bem(bens?) justificam ressentimento e ódio aos miúdos, que cometem pequenos furtos.

- Se ninguém faz nada, nós fazemos!

Comando, segurança pública, facção, turma, paralização, greve, gangue, *black bloc*, grupo, torcida... Embarço! Criança, adolescente, jovem, mulher, idoso, homem, travesti, transexual, heterossexual, bissexual, homossexual, transgênero, assexuado... Vitrines multiplicadas nas alamedas da vida nua! Trabalhador, patrão, empresário, desempregado, político... Pegados! Famílias, arranjos familiares e desarranjos... Atados!

Fazem com primor artes em pedaços de corpos. A cabeça ganha um novo estilo para justificar de quanto à vida é re-feita. Mesmo num desfeito à vida.

Fotografia 40 - Detalhe da cabeça de um adolescente inchado, participante da pesquisa



Fonte Elaborado pelo autor.

A escritura no braço rompe a ausência de papel, escola e faz a dor sair.

- Como não aguento a dor faço isso para ela sair. Faço até parar a dor aqui dentro.

Fotografia 41 - Detalhe do braço do mesmo adolescente com sinais de automutilação e cicatrizes



Fonte Elaborado pelo autor.

Nas escoriações e mutilações algo é trôpego e sem palavra. O real da cidade apresenta seus trajetos frágeis de constituição de saúde, distante de manuais de ordens impostas. Algo que rompa o sufocamento do silêncio e comporte um acolhimento em silêncio, sem manchetes de jornais e *glamour*, nem holofotes. Já somos bem vigiados! Mas a lente da câmera de monitoramento se esqueceu de resguardar vidas. É o grande investimento de monitoramento da cidade: fazer

circular ônus. O bônus dessa história, dependendo da versão narrada, é invisibilizado, serve para capturar e fabricar novas mercadorias. Nada é dispensado!

No jogo de forças de poder e de tensões quem tem uma mão mostro pode lançar a última peça. O jogo estará frequentemente perdido, mas não derrotado.

Fotografia 42 - Detalhe da mão inchada e de hematomas, devido o linchamento sofrido



Fonte Elaborado pelo autor.

As feridas dessa cidade são cicatrizes abertas em traçados de trânsito-infância⁶⁰. O joelho que articula o chute, articula as marcas da supuração. E, é com essa articulação que chutamos, com um pé na cabeça, os olhos nos braços e um corpo sem órgãos. Sempre avistando a cidade invisível, a ética por inventar modos de cuidado, outro.

⁶⁰ A palavra infância tem em seu prefixo in designando ausência. In-fância é aquele que, ainda, não fala. E, nessa ausência de fala que ele possui um devir fala, um devir invenção de uma fala grunhido, gaguejante, repetitiva. Uma fala trapaceira, vagabunda, displicente, viajante. Uma ciência fora da representação do dado, do conclusivo. Uma ciência dos afetos, dos tecidos do corpo intensidade, delineados pela lembrança de uma travessia perdida, de um campo que não é mais. Uma ciência infância do homem, alinhavada na escritura do presente.

Fotografia 43- Detalhe de um joelho de um adolescente participante da pesquisa, com pus e feridas em processo de cicatrização



Fonte Elaborado pelo autor.

- Já fiz duas tatuagens. Minha mãe sempre dava bronca quando chegava a casa. A primeira eu fiz sozinho. Foi bem simples. É simples mais é muito importante. Meu amigo que me emprestou a máquina. É uma letra importante.

Fotografia 44 - Detalhe de uma tatuagem feita pelo próprio adolescente em si



Fonte Elaborado pelo autor.

Ele falou de uma letra, vimos um encontro entre a abertura do dedo polegar e do dedo indicador. Vimos seus traços cuidadosos na tatuagem feita. Quase uma letra com franja gótica que se alegrava com sorriso na emoção do narrar. Vimos um povoamento de trajeto agregador na sua própria condição de movimentar a mão, mesmo paralisada no instante do clique fotográfico. Mata-piolho

e fura-bolo encontraram aliados. Juntaram-se ao pai-de-todos, seu-vizinho e o mindinho. Trazem resquícios de alegria, uma mão e um olhar que começam a narrar.

- A segunda *tattoo* foi mais demorada. Foi meu amigo que me deu de presente. Trabalha com isso. Sabe como é, né? Ia prá casa dele e lá ficava ele e uns colegas conversando, bebendo, ouvindo música. Ai ele ia fazendo aos poucos.

- Só rolava bebida?

- Sabe né? Rolava mais... Mais era de leve! Uns tragos de maconha e uns goles de cachaça. Ele fez a *tattoo* em três vezes que fui lá. Gosto muito dela! Eu sou isso: uma fênix. Quando sair vou atrás de trabalho. Estou preocupado. Já tenho dezessete anos. Agora a coisa é diferente.

Fotografia 45 - Imagem da tatuagem num braço de um adolescente, feita por um amigo dele tatuador



Fonte Elaborado pelo autor.

Lembramo-nos da fala de um dos educadores sociais do estabelecimento. Dizia-se ter mais de quinze anos trabalhando com esse grupo de meninos e meninas. Apontou para um cumprido painel-mural de fotografias, contendo vários garotos que haviam passado por lá.

- Desse painel aí só dois são alguém. Todos os outros estão mortos ou presos.

Fotografia 46 - Fotografia 46 - Painel de fotografias de oficinas com adolescentes realizadas no passado



Fonte Elaborado pelo autor.

O vazio do banco estava povoado pela aquela narrativa que enunciava a naturalização do extermínio. Esquecíamos-nos de contar as sofisticadas armas que fazíamos uso cotidiano para fabricar essas mortes. Mas, o educador tinha a garantia de seu emprego e ia abrindo portas para receber outros mais, tantos outros que precisassem daqueles cuidados e abrigo. E, nisso, nós íamos garantindo nosso material de campo. Para produzir outros tipos de extermínios? Para aumentar títulos e fazer uma carreira acadêmica?

O desconcerto e mal-estar nos arrebatam e nos trás um calafrio nos ossos dos corpos.

As forças da vida nua eram maiores do que imaginávamos. Entrar numa ordem de julgamento e interpretação não levava a uma produção potente. Precisávamos abrir brechas, tencionar saídas e produzir aliados. A ética do cuidado em saúde ultrapassa compêndios de filósofos puros e artigos científicos saturados de recomendações e conclusões. Era um bordado fraco e tênue que nos jogava e trapaceava com nossos próprios afetos alegres e potentes. O conhecimento tem desvios e, não são produzidos apenas com a racionalidade linear e de mentalidade cartesiana. Desejávamos criaturas distorcidas, deformadas, mas acolhidas pela implicação estética de existir. A condição pessoal e individual era vazia, diante de algo tão complexo e delicado quanto à vida. Desejávamos povoar a multidão, mesmo nessa escritura narrativa sem acabamento.

Foi então, que perdemos qualquer possibilidade de representar o que sentimos em nossos corpos. Rua-arte-corpo poderia ser uma entrada para ética do cuidado, poderia desdobrar credos e espiritualidades, numa fresta de intuição e simpatia⁶¹.

Fotografia 47 - Tatuagem de uma carranca num adolescente, estirada horizontalmente com manipulação digital



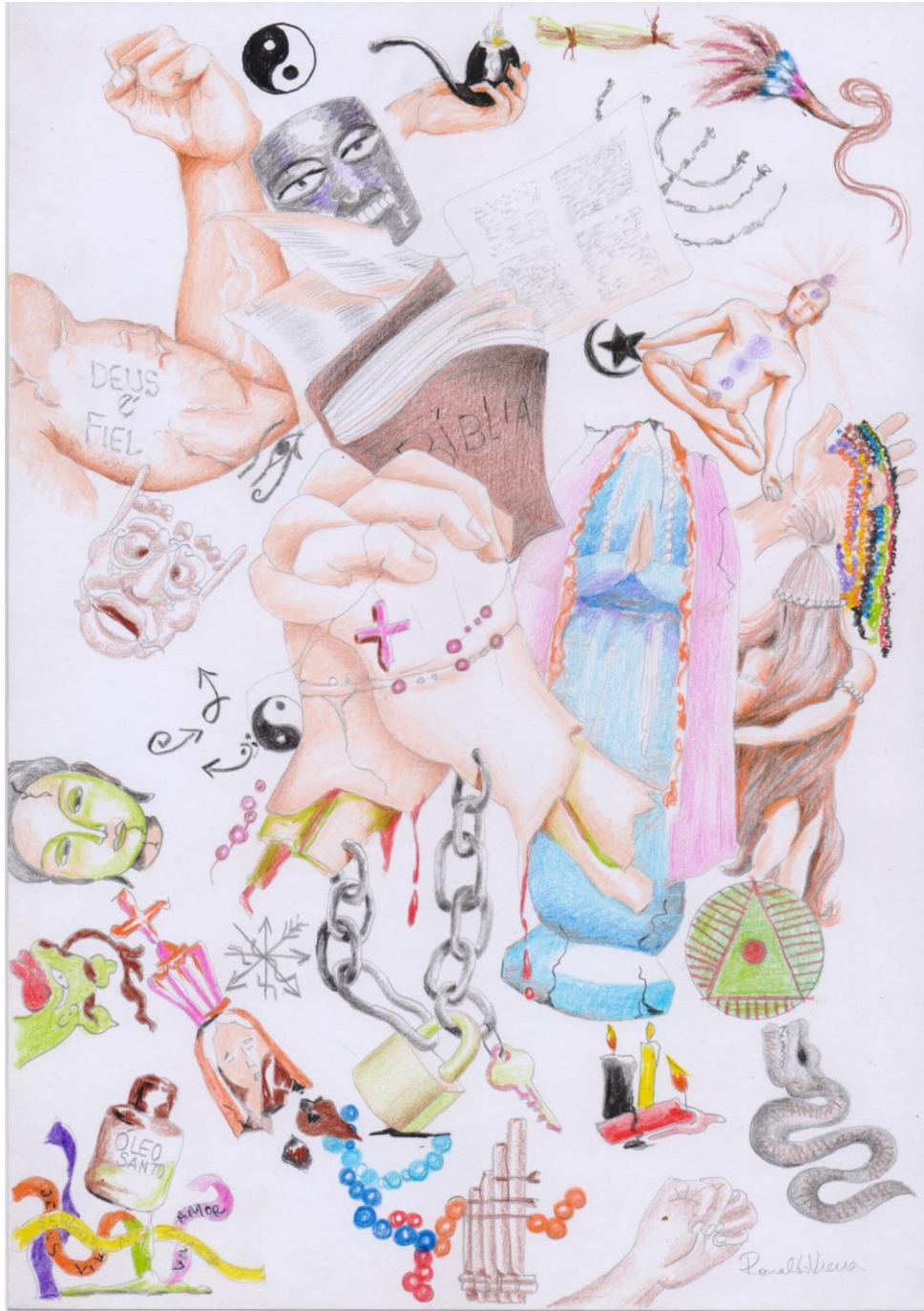
Fonte Elaborado pelo autor.

Fotografia 48 - Imagem frontal do grafite feito em decorrência da chacina do Grande Curió, disponibilizada pelo artista Rafael Limaverde



Fonte Elaborado pelo autor.

⁶¹ As manifestações de diferentes credos foi muito presente durante todo o processo de campo. Nas instituições, nos trajetos e nos encontros ficamos tocados com tal temática. Desse modo, começamos a pensar em torno da questão, procurando expandir nosso pensar-fazer. O termo intuição e simpatia foram encontrados com o pensador Bergson, através de ensaios de Lapoujade (2013). Apesar de nossa extrema limitação de compreensão, na complexidade do pensador, consideramos relevante apontar esse esforço de leitura e de reflexão.



Obra: Sagrados-Profanos

Autor: Ronaldo Vieira

A arte espiritual da ética do cuidado: o plurireligioso⁶²?

A tatuagem no braço é entrada para tencionar a ética do cuidado, pela via das práticas de crenças e não crenças. Habitam em suas manifestações regimes de verdades. A liberdade é consentida para manifestações multifacetadas de mentalidades e jogos de poder.

Fotografia 49 - Tatuagem apresentada por um dos adolescentes participantes da pesquisa



Fonte Elaborado pelo autor.

Nesse trânsito narrativo poderíamos aportar na direção de um *Deus* uno e indivisível? Onde encaixar as crenças politeístas, animistas?

Se *Deus é fiel*, o homem é o que? Pensávamos sobre a onipresença e onipotência de deuse(s), nas crenças com elementos da natureza e com suas divindades.

Haveria uma prática intensa de relações e reconhecimentos entre as diversidades de cultos, credos, religiões e não cultos? Com quais regimes de verdade e atividades espirituais apontamos a salvação e purificação dos corpos? Qual o corpo ético de cuidado dessas manifestações espirituais? Onde os deuses potentes e de expansão da vida, com seus ritos e manifestações colaborariam com a composição de uma ética do cuidado pela diferença, em relação intensa com a vida mundana? Sem hierarquia e superioridade?

⁶² Diante de nossa Carta Magna, a Constituição Federativa do Brasil, nos artigos 19, I; Artigo 5, VI, VII, VIII; Artigo 150; Artigo 200 § 1º e Artigo 213, consideramos esse termo mais adequado. Isto porque reconhece todas as crenças religiosas e a não crença, sem nenhuma discriminação. Citamos: *O Estado brasileiro, de acordo com a sua Constituição, deve dispensar tratamento igualitário a todas as crenças religiosas, incluindo a não crença, sem adotar nenhuma delas como sua religião oficial.* Acesso: <https://www.conamp.org.br/pt/biblioteca/artigos/item/524-o-estado-laico-e-a-democracia.html>

Afetados produzimos e somos produzidos com os materiais do campo da pesquisa. Narramos histórias que tocam em concepções de *parrhesia*⁶³, tecem a tentativa de alargar a estética de existência, com a palavra-sagrada-profana-gaga que nos é possível. No plano de vestígios de credos, sem nos salvar e nos redimir de nossa escolha-implicação científica.

Pensar-fazer uma ética do cuidado parece criar fendas em pedras escorregadias, encharcadas por águas revoltas.

A água é elemento de purificação, batismo, saciedade e higiene. É benção e tragédia. Água pura e poluída. Águas em dilúvio, maremoto e catástrofe. Em córregos, fontes públicas e bicas. A ausência de água como excesso de miséria. Nas vias públicas lançam desafios sucessivos para quem habita as ruas. Quando um Projeto-programa-experimental do estado⁶⁴ oferece uma única ilha que é

⁶³Foucault (2006) na obra *Hermenêutica do Sujeito* vai se interessar pelos processos de subjetivação e pela redefinição um modelo de ética, através do que nomeia *ontologia crítica da atualidade*. Nesse esforço, compõe a obra com vinte e quatro aulas, entre os anos de 1981-1982. Em nossa investigação em torno da ética do cuidado, o termo da *parrhesia* – dizer verdadeiro, fala franca, franco falar – é de relevância em nossa investigação. Este termo, conforme aponta GROS (2004), está dissolvido em aulas proferidas por Foucault entre 1982-1984. Com isso, demarcamos doze aulas, envolvendo primeira hora de aula e segunda hora, onde reconhecemos referência a *parrhesia*. Importante destacarmos aqui que o termo vai possuir abordagens negativas e positivas, traçados numa análise histórica. Podemos demarcar, conforme Gros (p.156), a partir de jogos de oposições, os seguintes aspectos diferenciais: *parrhesiae* confissão; *parrhesiae* retórica e *parrhesia* em face dos discursos do oráculo, da sabedoria e da técnica. Em sua análise histórica podemos dividir quatro momentos problematizados por Foucault: o momento político, o momento socrático, a *parrhesia* cínica e o momento helenístico. Aqui nos interessa reconhecer que a dimensão positiva original da *parrhesia* é fundamento ético da democracia. Entretanto, a *parrhesia* parece incompatível com a própria estrutura da democracia (p.159). É com essa incompatibilidade que produzimos nossas narrativas analíticas, diferente de uma resposta à ética do cuidado conclusiva e com regime de verdade fechado, procuramos as tensões, entre um estilo de vida e certa veridicção. Nesse sentido, nos distanciamos de uma ética estoica e nos aproximamos de uma ética cínica. Mesmo, contudo, reconhecendo as duas concepções como tensões e coexistentes, em jogos e forças de poder. São dois sentidos profundamente diferentes da verdade: *a verdade como regularidade e estrutura harmoniosa e a verdade como ruptura e escândalo intempestivos* [...] Duas estéticas de existência, dois estilos absolutamente *diferentes de coragem da verdade*. [...] *não se trata da fundação de uma moral que busca o bem e se fastia do mal, mas da exigência de uma ética que persegue a verdade e denuncia a mentira*. (p.165-166). Parafrazeando GROS: *Essa não é uma moral de cientista, é uma ética do pesquisador implicado*.

⁶⁴ Fazemos referência ao Projeto *Corre Pra Vida*. Coordenado pela Copod, da SPD, oferecia um local de referência num contêiner adaptado com dois banheiros e uma sala, para oferecer atendimento, higiene básica e banho às pessoas em situação de rua. O contêiner ficou instalado até o final de 2016, na localidade Oitão Preto, por trás da Santa Casa de Misericórdia. Com a retomada do Projeto, em agosto de 2017, eles ainda procuram uma nova instalação para o contêiner. Segunda matéria oficial, a equipe do Projeto realizará atividades até o final de 2017. Por que tão curto tempo? Qual a intenção de estratégia e de ação nesse curto espaço de tempo? Desconfiamos, conforme práticas imediatistas e reducionistas que possa haver uma intenção de convencer e realizar internações voluntárias em “clínicas de reabilitações de dependentes químicos”, denominadas de Comunidades Terapêuticas. Fica a pergunta feita. Acesso: http://www.spd.ce.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=44832:planeja&catid=3:list-a-de-noticias&Itemid=21

banhada por água, vale a peregrinação para o banho sagrado e pouco frequente. Mesmo num tempo de 15 min.

Fotografia 50 - Criança brincando com a mãe em espaço público, em frente ao Projeto Corre prá Vida



Fonte Elaborado pelo autor.

Água posta em copos de plásticos, padronizados e compartilhados pelos adolescentes, em albergues e instituições. Beber muita água, beber e encharcar até o chão seco e árido.

- Esse menino sai toda hora do quarto para beber água. Só para não dormir. E, ainda fica desperdiçando água.

Copos-água-uniões. Uma comunhão de confraternidade e irmandade?

Somos um e outro. Somos o mesmo, nos padrões da quantidade. Somos números e adjetivos. O nome que cabe é o divino. Mas, ele está acima de nossas posses, condições. Esquecemo-nos de nossas intensidades de forças e relações potentes para com a vida.

No dia da criança e do natal há um excesso de cultos e práticas espirituais. Demarcamos três atividades diferentes, de pessoas externas que vieram trazer a palavra sagrada. Pensávamos que já éramos sagrados, mesmo em nossa condição mundana. Esperamos que as palavras dos homens tenham ficado, sacralizadas nas relações de cuidado com outros.

Um jovem evangélico conversa com dois adolescentes. Dá conselhos sobre o mal das drogas, o mundo pecaminoso e sujo. Diz que Jesus salva. Oferece exercícios de purificação. Profere orações, num ritual de corpos. De pé, mãos dadas, olhos fechados. O jovem fala uma frase e depois, os outros repetem.

Ficamos observando a cena. Adolescentes abriam olhos e manifestavam sorrisos em nossa direção.

Eles repetem em coro as frases proferidas. Por vezes, tropeçavam nas palavras e criavam outros sons. Inventavam uma escritura meditativa com aquele instante? Os sons das palavras eram intensificados pelo som do vento e o mormaço de quase onze horas.

- Olá. Vocês são pesquisadores?

Esclarecemos um pouco nossos estudos naquele local. Os adolescentes já estão sentados na mesa do refeitório. Não sem antes agradecer e seguirem o ritual de corpos em fila, por nome.

O jovem pregador, ao nosso lado, começa a relatar sua própria história de vida. Escutamos com todo cuidado que nos é possível, naquele instante. De longe avistávamos os adolescentes a comer.

Sentimos que o silêncio de estar disse o que podemos realizar, naquele instante. Uma história forte e ácida, repleta de dor. Mas, intencionávamos dar escuta. Haveria um encontro possível de comunhão e reconciliação na intensidade das relações e forças potentes do cuidado?

Uma ética sem testemunho, verdade conclusiva. Apenas, repleta de um vagar displicente e atento nos processos que nos ocorriam.

A cena da história de vida nos transporta a outro adolescente. Dezesete anos, numa instituição de fundamentação católica.

- Vou ser padre quando crescer.

Ele nos apresentou toda a instituição. Perambulamos pelos locais da casa que estava morando, seu quarto e o grande espaço descampado. Quadra poliesportiva, sala de leitura e sala de atividades de teatro. Um grupo ensaiava uma apresentação de dança na quadra.

- Quero ainda tirar a minha mãe da rua. Ela, ainda, mora na rua. Sei até onde ela fica no centro da cidade. Ainda vou juntar toda minha família.

Seu corpanzil contrastava com a voz de uma criança. Um olhar sereno, em sucessivas referências as passagens bíblicas, apresentava um paraíso terreno e harmonioso, em contraste com os desencontros e violências físicas vividas entre dois de seus irmãos, numa família de oito irmãos.

- Passei oito anos nas ruas. Hoje sou coroinha nas missas daqui.

Ao mesmo tempo em que falava de sua determinação e dedicação de ser padre, contava da dor da separação da família. A família ultrapassa, e muito, o plano do ideal. Ela é o que nos avizinha da produção de vida e modos de existir. E, por vezes, separar e romper podem ser um ato de cuidado.

Aquela trama nos reportou a outra passagem de campo. A frequência com que os educadores sociais portavam a bíblia nas instituições. Bíblia-amuleto-leitura das escrituras sagradas em momentos de repouso dos adolescentes. Se a bíblia era ponte de aproximação nas relações entre educadores sociais e adolescentes isso não sabemos. Mas, que eram extensões de seus corpos, não temos dúvida. E, nessa extensão, propagavam explicitamente que a condição de salvação estava em praticar e ter um credo. Onde ficava o estado laico?

Foi o que ocorreu no turno da tarde, no dia das crianças, numa instituição adepta a receber grupos de cultos.

- Agora vocês vão descansar, para depois receber os três jovens que virão aqui louvar Jesus com vocês.

Pensávamos que era dia de louvar, parabenizar e de lembrar a existência das crianças. Entretanto, nenhuma menção foi verbalizada a eles. Já passava do turno da manhã. Eles não deviam escutar que são crianças pelas bocas dos educadores? Apenas pelas leis postas e medidas socioeducativas?

Ficávamos em choque. E, repetíamos: - Feliz dia das crianças!

No turno da tarde, a mesa comemorativa estava sendo posta. Um garoto espontaneamente se aproxima e começa a organizar conforme sua intuição.

Uma trabalhadora até fez um ato privativo, inicialmente. Depois mudou de ideia:

- É... Pode arrumar. Ajeita a mesa.

Fotografia 51 - Garoto organiza mesa de confraternização no Dia das Crianças, num Albergue



Fonte Elaborado pelo autor.

A atenção do garoto e concentração em sua atividade demonstrava o quanto estava empenhado e inclinado para produzir o melhor de si naquela relação tão intensa, cuidadosa e delicada. Os doces e guloseimas eram postos em ordenação espacial da mesa. Naquele feito tão simples o garoto parecia nos dar lições de ética do cuidado. O tempo instaurado era o do acontecimento. Ele havia subvertido o tempo da instituição demarcado com seus horários tão definidos e rígidos. Por mais que o tempo fosse rígido, a impressão que quase nada se agregava a produção de práticas de cuidado e de vida. Havia excesso de tempo cronológico. O tempo vida escapava, escorregava sem relações alargadoras à existência. O sinal de comando era obedecer e ser disciplinado, bom menino. Entrar e se enquadrar nos padrões. Prontos, determinados e postos. Nem que seja com pressões e intimidações.

E, isso foi explícito e nítido quando o grupo de jovens chegou. Os garotos disseram que não estavam com vontade de participar. Mas, a única opção era ter que participar.

- Eles vieram aqui e vocês vão ficar sem participar? Vamos todos, nós também vamos participar.

Nesse dia a instituição contava com dois garotos. Era dia das crianças, naquele equipamento crianças entram e saem à vontade. Eles podem sair no fim da tarde, se quiserem. Entretanto, se saírem, só poderia voltar depois de cinco dias.

Acho que os demais sabiam que aquele dia tinham outros cantos para transitar, para comemorar seu dia.

Assim, o som de um violão, brincadeiras com o corpo e a voz realizavam a atividade de louvor e cantoria.

Fotografia 52 - Detalhe de uma atividade desenvolvida por um grupo de três jovens evangélicos no Dia das Crianças, num Albergue



Fonte Elaborado pelo autor.

Pedia-se para eles repetirem um verso, eles criavam falsetes com suas vozes, na hora da repetição e, gargalhavam. Pedia-se para eles cumprimentarem pé com pé, eles procuravam se aproximar e criavam trejeitos engraçados para alegrar aquele instante. Procuravam estar próximos e juntos, mesmo em momentos que realizavam os comandos do violeiro com outros.

Fotografia 53 - Fotografia 53 - Imagem de ângulo inferior de uma atividade desenvolvida com música e dança pelos evangélicos, onde se visualiza a aproximação entre os dois garotos participantes da pesquisa



Fonte Elaborado pelo autor.

Calçados e descalços iam produzindo e improvisando sentido de participar daquele rito de louvação. Pareceu-nos que de maneira simples e íntima se pediam em suas liberdades aprisionadas. A expressão e expansão de seus corpos achavam brechas e criavam linhas de fugas, invisíveis a atividade espiritual de purificação e agradecimento a Jesus.

Depois, acontece um momento absolutamente inédito e inesperado. Outro jovem do grupo de evangélicos pega a palavra e começa a proferir um ensinamento sagrado. Começa a pregar. Cheio de conselhos e exemplos. Faz um testemunho de si, ele fala de suas dores passadas, drogas, prostituição. Remete ao mundo dos pecados e do mal. Diz o quanto ele está feliz hoje e salvo e puro.

Nesse momento, um dos garotos que estava sentado num dos bancos, visualiza na parede da instituição, o feixe de luz emitido pelo vidro de nosso relógio. Começa a olhar em nossa direção e parecemos iniciar uma conversa em silêncio. Ora olhava para nós, olha para o feixe de luz. E, com esse jogo lá e cá de olhares, ele se aproxima do relógio. Pega em nosso pulso e, começa a movimentar o pulso,

mudando a direção da luz. Lança o foco da luz para coordenação. Ela percebe e fica visivelmente incomodada. Vai até o garoto, pega pelo braço e o retira de nosso lado.

Sem dúvida, foi uma das brincadeiras visualizadas mais alegres naquele dia. A incerteza da incidência de luz na parede, pela luz solar que incidia no relógio e o movimento do pulso, vai materializar três elementos e princípios à ética do cuidado: implicação, imprevisibilidade e processualidade.

E, estas coisas, não estavam postas em manuais nenhum. Pois dependiam das entradas e intensidades das relações estabelecidas. Perdíamos âncoras, coordenadas, mas tínhamos instruções de navegações. A louvação era pretexto para uma ética de cuidado em saúde, outra. Ela está distante de ser uma evangelização por si.

Essa desconfiança nos fortaleceu mais, ainda, no memento final da atividade espiritual, quando a coordenadora pediu para os garotos e os participantes falarem do que mais gostou.

Os trabalhadores que participaram fizeram referências a pregação, oração e louvor. Os dois garotos que participaram disseram:

- Eu gostei da dança.

Fotografia 54 - Fotografia 54 - Visualização dos dois garotos abraçados e descontraídos em atividade bem próxima e movimentos de pernas e pés



Fonte Elaborado pelo autor.

- Eu gosto de bolo. Vamos comer!?

Fotografia 55 - Mesa de Confraternização do Dia das Crianças, num Albergue



Fonte Elaborado pelo autor.

Fotografia 56 - Detalhe do bolo da mesa



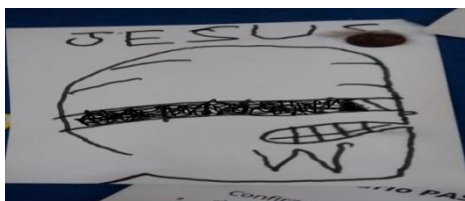
Fonte Elaborado pelo autor.

Fotografia 57 - Cartaz feito pelo Albergue, em decorrência do Dia das Crianças



Fonte Elaborado pelo autor.

Desenho 1 - Imagem de Jesus feita por um adolescente, em virtude do Natal



Fonte Elaborado pelo autor.

- Amém!

Quanto a nós que, não somos nem crentes, nem não crentes, dizemos: -
Que não nos faltem nem jogos, nem brincadeiras nessa ética do cuidado em saúde.



Obra: Brinquedos e jogos

Autor: Ronaldo Vieira

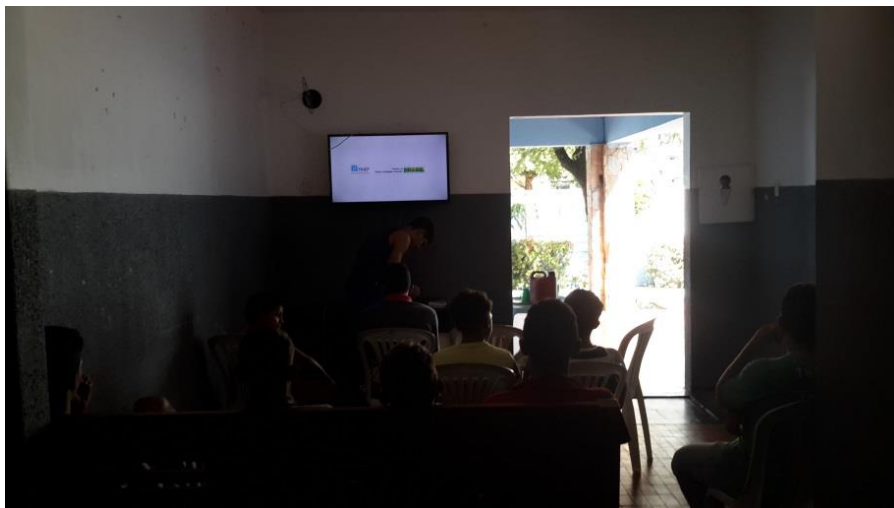
Jogos e brincadeiras

- Que tal uma sessão de cinema? Podemos assistir a um filme⁶⁵.

⁶⁵ Levamos e assistimos ao filme de animação **O Menino e O Mundo**. Uma produção brasileira de direção de Alê Abreu produzida com diversas técnicas que explora com cuidado um Brasil contemporâneo, através dos percursos do personagem infantil principal, que sai em busca de seu pai pelo mundo a fora. Essa travessia, o filme mistura universos da infância e do mundo adulto, provocando uma série de composições narrativas, entre o sonho e o pesadelo. Um aspecto interessante dessa produção é a quase inexistência da palavra falada. A linguagem fica acoplada nos

Criamos na sala da instituição⁶⁶ um espaço para passar o **Menino e o Mundo**. Praticamente, todos os que lá estavam, ficaram interessados e foram ver.

Fotografia 58 - Adolescentes participantes da pesquisa, assistindo ao filme O Menino e o Mundo, num Abrigo



Fonte Elaborado pelo autor.

O silêncio e o envolvimento transcorreram durante o filme. Algumas vezes comentários e gargalhadas acompanhavam a trama da animação.

A curiosidade de um adolescente, interessado em acompanhar o roteiro final do filme, nos chamou atenção. Seria uma alma de devir cineasta em formação? Olha detalhadamente a caixa do filme, contendo as informações e sinopse da película.

- Que filme, hein!

Depois, convidamos aos presentes⁶⁷ para uma atividade na varanda. Naquele instante, com o fio do filme e seus créditos da produção⁶⁸, lançamos improvisadamente, a seguinte questão:

sons, na inventividade dos toscos traços feitos em 2D, movimentos, ritmos e de sua forte capacidade sugestiva, tecida na trama do miúdo, entre abandono, desigualdade e miséria.

⁶⁶ Fazemos referência a uma instituição que acompanha crianças e adolescentes que tinham trânsito pelas ruas e que, também, eram encaminhados pela justiça, devido maus tratos, situações de violência e diversas explorações sofridas.

⁶⁷ Pelas informações da coordenação da instituição sabíamos que naquele instante, havia três garotos que tiveram passagens de moradia pelas ruas. Aquela instituição era, exclusivamente, de meninos.

⁶⁸ No DVD que passamos havia a parte dos créditos da produção, envolvendo toda a equipe de profissionais que realizaram a animação. Falavam do processo, apresentaram a criação dos personagens e as montagens das cenas. Foi um trabalho artesanal e de fôlego, onde muitos desenhistas e técnicos de informática construíram um corpo de equipe para a montagem do filme. Traziam detalhes e curiosidades no decorrer da criação da película.

- Imaginem que vocês foram convidados para participar da equipe de um filme de animação. Vocês fazem parte dessa equipe. Devem fazer um desenho como souberem, para fazer parte do filme que vocês vão criar.

Dispusemos nosso material na varanda. Colocamos o tapete-toalha no chão e distribuimos os materiais da pequena maleta de viajante.

Fotografia 59 - Fotografia 59 - Detalhe de uma atividade expressiva realizada na varanda de um abrigo, depois do filme



Fonte Elaborado pelo autor.

Pegaram folhas de papel de ofício e iniciam, de maneira animada e implicada, a realização de criações. Cada um foi se acomodando onde melhor conviesse. Distribuídos pelo chão, mesas e na toalha-tapete. Uns foram utilizando livros infanto-juvenis para apoiar o papel, outros nas mesas de plástico.

Fotografia 60 - Detalhe do processo da atividade depois do filme



Fonte Elaborado pelo autor.

Vivíamos a construção de um espaço de liberdade que traziam sutilezas e delicadezas naquele momento. Alguns preferiram fazer outra coisa, ou até mesmo, ficar a conversar e, observar a atividade em curso.

Algumas imagens iam aparecendo e traziam certas semelhanças com as do filme. Cópias? Repetições?

Fotografia 61 - Fotografia 61 - Detalhe do processo de um adolescente realizando um desenho



Fonte Elaborado pelo autor.

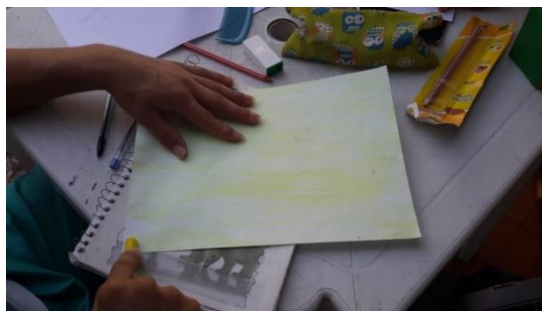
Fotografia 62 - Detalhe do processo de um adolescente realizando um desenho



Fonte Elaborado pelo autor.

Outras apontavam um traçado-quebra da similaridade do filme. Corte?

Fotografia 63 - Detalhe do processo de um adolescente realizando um desenho



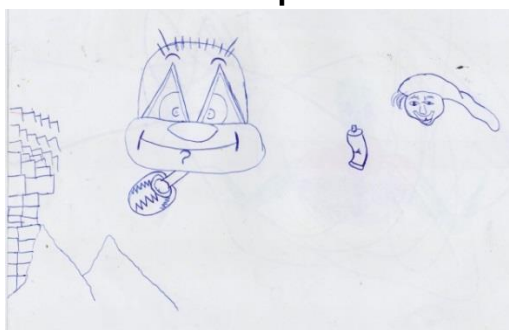
Fonte Elaborado pelo autor.

**Fotografia 64 - Detalhe do processo de um adolescente realizando um
desenho**



Fonte Elaborado pelo autor.

Desenho 2 - Desenho feito por um dos adolescentes



Fonte Elaborado pelo autor.

Desenho 3 - Desenho feito por um dos adolescentes



Fonte Elaborado pelo autor.

Desenho 4 - Desenho feito por um dos adolescentes



Fonte Elaborado pelo autor.

Pererê, no plano da folha, olhava para nós no embaraço dos fios e bordados de uma ética em saúde. A indagação de seu queixo nos fazia embrenhar pela esperança, ainda, por germinar de seu corpo-mundo, em processos de intensidade. Os edifícios sumiam e traziam o pouso de um homem-asas? A felicidade deveria ser a multiplicidade, no meio a tamanhacomplexidade. Meio e entre... Entre as atividades iniciadas, oferecemos a máquina descartável. Cada um passava para o outro, tirando fotos e descobrindo que as lentes são pequenas e, por vezes, o foco despreza e esquece das beiras, bordas.

Fotografia 65 - Sequencia de fotografias tiradas por um adolescente, em máquina descartável



Fonte Elaborado pelo autor.

Nessa brincadeira de clicar o dentro e o fora expandíamos nossos olhos para imensidão do concreto e da natureza. A energia se aproximava de pipas perdidas nos fios da memória-inventada, sem direção e itinerário. Íamos vagantes furtando cenários sem muros, entre edifícios, árvores e plantas. A estética da existência se alinhava com a ética do cuidado, faziam piruetas e adentravam outros planos.

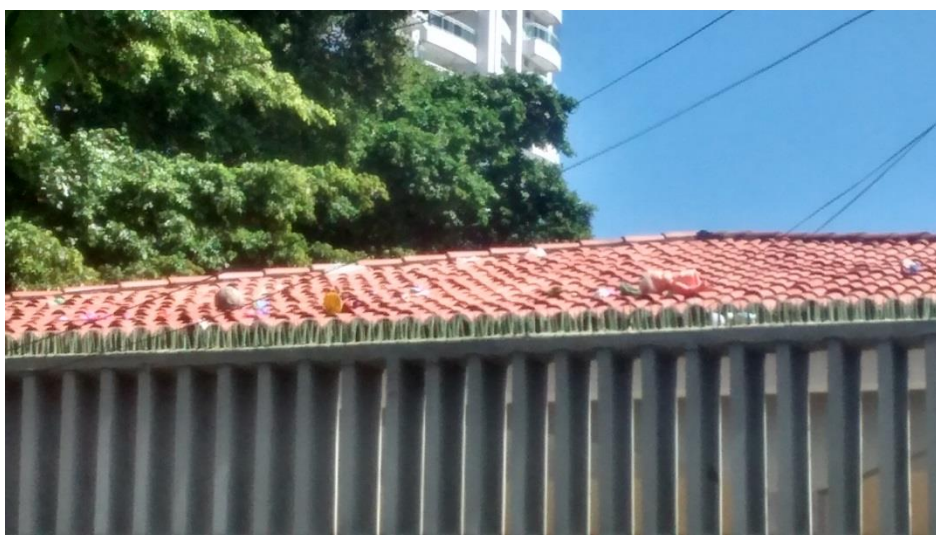
Fotografia 68 - Imagem clicada por um adolescente em máquina descartável



Fonte Elaborado pelo autor.

A forte luz incidia vários tetos, por vezes, moradas de restos de brinquedos. A passagem deixava vestígios e rastros do corpo industrial, doado aos telhados. Deveria ter dentes jogados, para garantia de tantos outros que deveriam multiplicar.

Fotografia 69 - Fotografia 69 - Telhado de um Albergue não autorizado à realização da pesquisa, repleto de pedaços de brinquedos



Fonte Elaborado pelo autor.

Nas ruas, em trânsito com a algazarra e a diversão, irmãos brincavam na hora do banho, ora sozinhos, ora acompanhados. iam e vinham com suas peraltices

infantis. O brinquedo⁶⁹ era pedra e copo descartável. Eram rodo e pano que secava os respingos do banho. As crianças eram pedra e copo descartável, rodo e pano. Refutavam brinquedos fabricados, deixam entregues nos braços da cadeira. Os braços das crianças pareciam convidar para um encontro despretenhoso, de movimentos e relações intensas, sem produtos finalizados e concluídos. Levavam a desbravar o insólito encontro com seus miúdos corpos, repletos de sensibilidades e espontaneidade. Pareciam ensinar lições seculares entre alegria e fantasia.

Fotografia 70 - Imagens de processos de brincadeiras de dois irmãos, uma menina e um garoto, na frente do Projeto Corre prá Vida, em via pública



Fonte Elaborado pelo autor.

No canto encosto do azul celeste tem aliados transportes que se triscam, a imponente escavadeira e o caminhão de terra são sustentados pelo chão batido.

Fotografia 73 - Brinquedos de plástico encostados num canto de um Albergue



Fonte Elaborado pelo autor.

⁶⁹ Numa passagem de Benjamin (1995) lemos: *...a Terra está repleta dos mais incomparáveis objetos da atenção e da ação das crianças [...]. Nesses produtos residuais elas reconhecem o rosto que o mundo das coisas volta exatamente para elas, e somente para elas (p.103-104).*

Desse chão, orgânico e inorgânico se fundem e formam tapete bicolor para abraçar e abarcar pés de crianças, com suas ferramentas infantis. Agora, pais acompanham a cena, em suas atividades de trabalho. E, as crianças trabalham e, como incansáveis artífices, inventam as maiores aventuras no trânsito e denso corredor da rua.

Fotografia 74 - Crianças brincam próximas aos pais em via pública



Fonte Elaborado pelo autor.

A cena espetáculo pede palco, de preferência, depois do fim do drama, quando a atriz principal já partiu e levou consigo a seqüência da representação de habitar praças, vias e ruas. O palco se transforma em laboratório com experimentações variadas. O roteiro é escrito na hora e o encontro de acontecimentos trás ecos em oceanos de liberdade.

Fotografia 75 - Crianças brincam no palco montado na Praça do Ferreira, depois da apresentação teatral



Fonte Elaborado pelo autor.

Que fique a Senhora dos Restos⁷⁰ do lado de lá, porque por cá se deseja o inteiro. Sua gargalhada pode convencer palcos, mas a vida não é assim de tanto sofrimento. Sem negar o sufoco que passamos, queremos passagens bem mais largas.

Nesse jogo e com a brincadeira da escrita precisamos alimentar a ciência. Se precisarmos renovar maletas de viajantes, estamos dispostos a criar. Só não venham com jogos e receitas dadas, pois essas estão enfadadas de tanta disciplina e boas maneiras. E, a rua de nossos corpos, foi mostrando passo a passo que todo passo é possível.

Atrizes bem badaladas, cantoras bem conhecidas, imitamos mesmo do jeito que queremos e ninguém me chame de gayzinho⁷¹.

Fotografia 76 - Dois garotos colam cantoras famosas na mala-viajante-pesquisador



Fonte Elaborado pelo autor.

Temos lados repletos de lados, se perdem no infinito. Mesmo finito somos dentro e o fora, desistimos dessa tal fabricação que impuseram perfil e classificação de nossas vidas.

Mostrem um beco sem saída que, mesmo assim, somos capazes de viajar em desenhos e outras narrativas. Se não tem pé nem cabeça, pense que a vida nos arrebatava nos sacode e nos liga com ventos, ventanias e tufões de outras narrativas.

⁷⁰ Referência ao espetáculo de Isabel Santos, apresentado dia 16/11/2016, na Praça José de Alencar, às 19:30h.

⁷¹ Durante o encontro com dois meninos que fizeram a composição na mala de viajante, seus colegas ficaram repetindo que eram gayzinhos porque dançavam e coreografavam a dança da cantora Beyoncé. Entretanto, eles não se inibiam e procuravam dançar com maior desenvoltura que podiam.

Fotografia 77 - Garoto concentrado e atendo na leitura do livro A Caminho de Casa



Fonte Elaborado pelo autor.

Nossas mãos cruzam e descruzam, no bordado com outras vidas. Com espaço criamos dobras e não sabemos só imitar. Deixamos cantoras de lado, adentramos em outros lados e criamos franjas suspensas em maletas por si criar.

Fotografia 78 - Detalhe de um garoto fazendo colagem bidimensional na mala, enquanto outra faz franja com papel pregado nas bordas da mala



Fonte Elaborado pelo autor.

Temos restos de revistas velhas, temos tesouros dessa ética, que há muitos se esquecem do jeito simples dos jogos e das brincadeiras de colar. Convidamos para encontros, sem julgamento, nem alarde. Se o dinheiro comprasse a ética eu colaria nessa maleta, para gargalhar sem parar, dos equívocos de aprisionamentos.

Fotografia 79 - Detalhe de um dos lados da mala depois da colagem realizada pelos dois garotos



Fonte Elaborado pelo autor.

Um anjo fosco é feito, colado, pintado e guardado, dentro da maleta pequenina, para saber que dele não precisamos, para salvar nossas vidas. Estar perto desse anjo, conhecer suas passagens, é reconhecer nosso não anjo, que movimentam com coragem.

Fotografia 80 - Processo da feitura de um anjo na parte interna da mala, realizada com desenho e revista



Fonte Elaborado pelo autor.

Mais ainda de perto deixo a imagem de um dedo. Isso vale lembrar, que anjo na terra existe, pelo chão de nosso tear. O meu é bem assim: asas-revistas suspensas, triângulo, círculos abertos, e pés de guarda-chuva. Se um dia precisares dele, nem se preocupe você vai encontrar toda a legião nas ruas dessa cidade. Acho bom advertir: sem fanatismo e exagero, abrigados nas fases da lua.

Fotografia 81 - Imagem frontal do anjo feita pelo garoto

Fonte Elaborado pelo autor.

Essa brincadeira está cansada de rodopiar com a escrita. Acredite, ela é nada, posta em sua desmedida.

Maior desmedida que bola não há. Tão pouco, tão preciosa. Mas, saiba que participar faz toda a diferença do jogo. Entrar numa fantasia, não basta bola em Shopping, precisa bola na vida, com toda sua fortaleza.

Fotografia 82 - Imagens de quadros com crianças em espaços públicos, num Shopping

Fonte Elaborado pelo autor.

Vitrines não nos bastam. Somos vorazes por existência. As bolas que falta no jogo podem estar guardadas sem nobreza. Por isso, no jogo que aqui fazemos falamos de várias bolas e bolos. Nem sempre jogamos da mesma forma. Bola de sinuca, meia e futebol. Cheia, furada, murcha e pisada. São tantas que até parece que estamos aqui alterados.

Fotografia 83 - Mini mesa de sinuca num Albergue

Fonte Elaborado pelo autor.

Pensamos até em deixar a cantoria de lado, principalmente, aquela forçada. Com força fazemos um xique-xique⁷² com nossas pernas de pau, dançantes e cheias de espinhos. Entre os corpos não nos arreda a partida final. Desistir sem problema, pois essa de disputas perdidas, sem alegria e dança, sem corpos espetados, fica tudo na mesma, criado do mesmo barraco.

Fotografia 84 - Relance do jogo de bola de meia, envolvendo adolescentes participantes da pesquisa

Fonte Elaborado pelo autor.

Queremos um trisco de feixe de luz. Pode até ser apagada, pois aí que ganha brilho, a invenção da saída.

⁷² Um tipo de ritmo musical e uma planta do sertão que contém espinhos.

Fotografia 85 - Outro ângulo do jogo de bola de meia

Fonte Elaborado pelo autor.

Podemos jogar em outras quadras, com outros jogadores, podemos criar artifícios para adiar a saída. Ainda que a partida seja protegida, construída e bem posta, fica sempre a dúvida, de um jogo histórico.

Por vezes estamos aquecendo, um campo de estética e ética, sem perdermos de vista a ciência e, torna-la mais amável.

Fotografia 86 - Jogo de bola de futebol de salão, envolvendo participantes da pesquisa e adolescentes da comunidade, numa das quadras poliesportivas do Projeto ABC

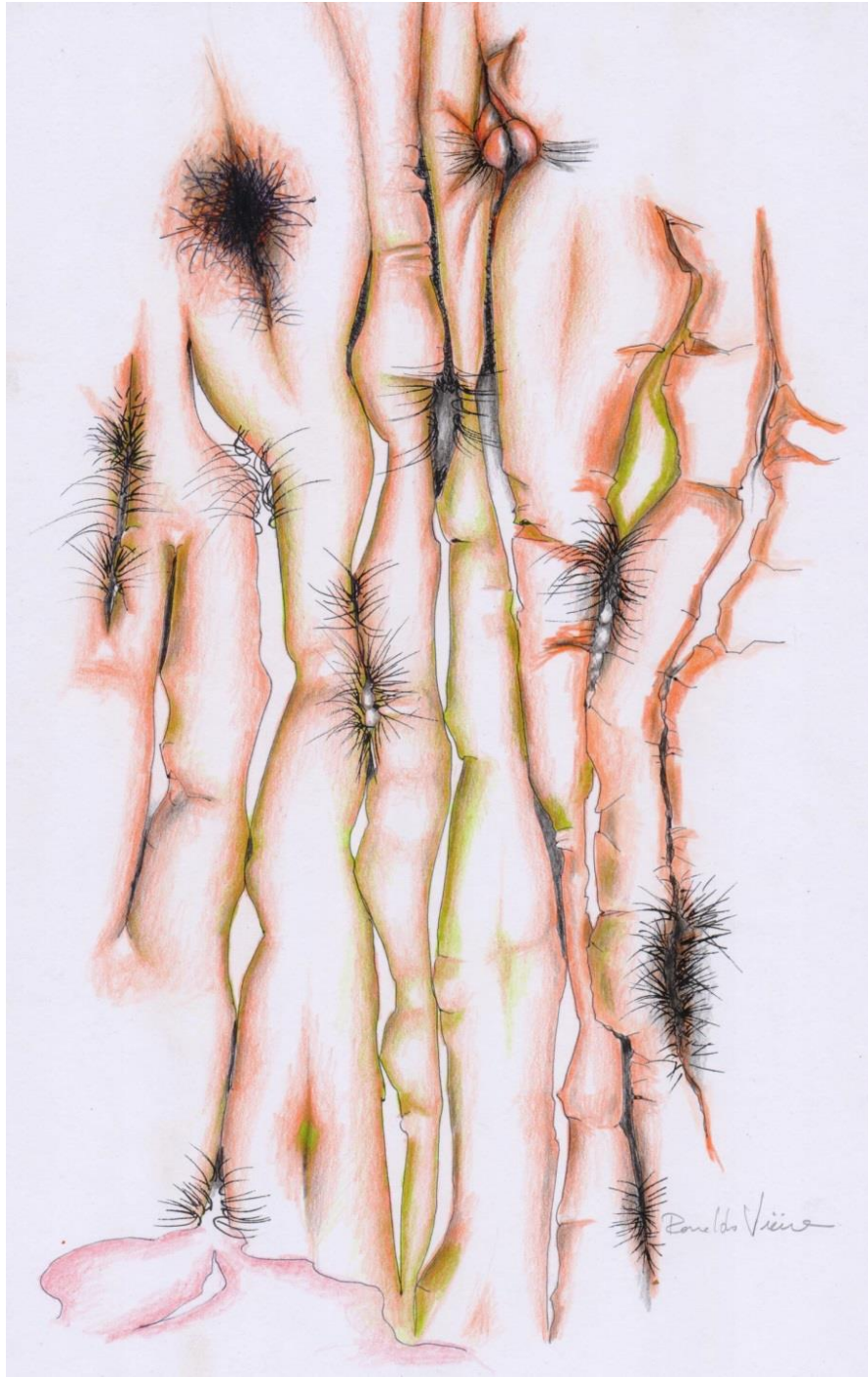
Fonte Elaborado pelo autor.

O técnico e o treinador devem saber de dor. Podem até ser dispensados, quando a força de nossas forças vier, numa partida por hora perdida, mas em resistência pela vida. E, essa falada aqui, afasta qualquer palavra. Traça, dribla, desvia, marca e chuta na imensidão da multidão de uma ética toda nua.

Fotografia 87 - Panorâmica da quadra e a saída de um dos adolescentes do jogo de futebol



Fonte Elaborado pelo autor



Obra: Entradas e Aberturas II

Autor: Ronaldo Vieira

Exames e sexualidades⁷³

- Eles vão fazer exames aqui perto.

A voz anunciava, após nossa chegada à instituição, uma ida de dois adolescentes ao Posto de Saúde, próximo dali.

Fomos a pé. Um garoto e uma garota, em torno de seus quinze, dezesseis anos. Acompanhados por um educador social. Caminhávamos em silêncio.

A garota parecia apreensiva com a situação.

À porta do Posto de Saúde, o porteiro foi abrindo passagem, chamando a responsável para coleta de sangue. O educador social era conhecido e informou a prioridade.

Na pequena sala de coleta, a garota verbaliza inquietação e receio.

Nossos olhares procuravam acalmá-la. O garoto foi direto. Pareceu confortá-la com maior precisão.

- Pode tirar o sangue. Não vai doer nada!

As palavras de conforto do garoto pareciam produzir confiança para a garota realizar a coleta.

- Doeu nada! Só uma pontada e pronto! É rápido.

O braço estendido da garota com o torniquete para visualização de suas veias trazia à tona a insegurança da situação. Seria a coleta em si? Seria o exame que realizava? Os dois? Uma mistura de corpo aflito, com movimentos dos braços.

Recolhia o braço, colocava na cadeira da coleta. Adiar o exame?

O garoto falava com palavras de incentivo. A atendente, nada dizia. O educador se impacientava:

- Vai logo!

Lembramos que comentamos algo na hora. – Você pode! Relaxa o braço! Voltamos à instituição. Nada foi comentado sobre os exames.

Soubemos que ele realizara o exame para HIV e ela o exame de gravidez.

Num outro dia, na instituição, ela vem conversar. Fala de coisas de família e da mãe. Depois comenta:

- Quero que chegue a hora prá mim receber o resultado logo.

⁷³ Diz respeito aos modos e manifestação que envolve o prazer. Numa concepção ampla, se funde às relações e força vital de práticas com os corpos-mundo.

No momento, estávamos na biblioteca. Raro momento estar aberta. Folheava uma revista de fotonovelas.

- Ele é bonito; ela também.

Estavam mais dois: um garoto de seus nove anos e um adolescente de sua idade, mais ou menos.

- Antes tinha piscina, quadra e estudo. Tinha tudo! Por que não colocam uma escola aqui dentro, falar de saúde?

A cena do banho trás a memória do diário:

- Não vou tomar banho com um monte de mulher, não sou nem sapa⁷⁴!

Talvez, aulas e oficinas sobre as sexualidades pudessem favorecer a outra convivência com a pluralidade de expressões afetivo-sexuais entre nós. Talvez! Pairavam indagações e desconfianças. Eram iniciados em jogos culturais de carícias e sexuais. Parecia pairar uma tênue linha entre o permitido e o que poderiam evitar?

A garota de banho tomado, a mesma da verbalização do incômodo de tomar banho com outras garotas, estava próxima a um garoto. As mãos de ambos tocavam genitais e seios. Excitação e visibilidade, aos olhos dos demais. Ausência de educador social próximo. Estavam à vontade para manifestarem seus desejos e jogos de sedução?

O contado do casal se torna frequente, contínuo e intenso. O fino calção cobria o pênis, mas demarcava sua excitação e prazer.

- Bora sair! Só para conseguir dinheiro. Tem que saber fazer. Eu faço quieto. Não vacilo, nem vou preso. Saber fazer quieto.

As carícias experimentam partes dos corpos: beijos no pescoço e beijos de lábios.

Naquele dia, ao sair da instituição, a coordenação troca umas palavras sondagens sobre a investigação. Aproveitamos a ocasião e perguntamos sobre a disponibilização de preservativos.

- Aqui não disponibilizamos preservativos, nem permitimos que eles entrem com preservativos.

- Qual motivo?!

⁷⁴ Termo pejorativo coloquial de mulheres que tem relacionamento com mulheres.

- Somos instruídos assim, mesmo sabendo que eles têm intimidades entre eles.

- Então vocês são cúmplices desse risco que eles passam?!

- Para nós, oficialmente, é como se isso não houvesse.

Pensar numa ética do cuidado, sem considerar uma fala franca que, ultrapasse práticas morais, parecia imprescindível. Desistir da moral vigente da hipocrisia e de assexuados, reconhecendo o exercício e jogos de sexualidades entre eles e nós seria uma saída?

A coordenadora comenta sobre o garoto que se encontrava com a garota, e produzimos uma afetação sobre pensar a sexualidade.

- Olha... O garoto que você viu com a garota, nessa situação de carícias, ele já passou por aqui várias vezes. Eu nem sabia que ele gostava de garotas. Uma vez ele veio para cá todo vestido de mulher. Pensei até que fosse travesti.

Qual a potência das identidades de gênero frente aos processos de experimentações sexuais com seus corpos e com outros? Haveria uma possibilidade de enquadramento e de fecho? As composições de manifestações sexuais e de suas sexualidades não deviriam estarem alinhadas diante das suas intensidades de relações produzidas no possível de existir e de seus contextos?

Se ele já passou pela aquela instituição ora vestido de mulher, ora não vestido de mulher, trocando carícias com uma garota, onde seus corpos se pediam em jogos de intimidades sexuais, como conceber uma identidade sexual? Parecia pouco convincente a classificação.

A garota, em suas manifestações de experimentações e jogos de sedução sexual, também, explicitou carícias com garotas.

- Elas estão namorando! São sapatas⁷⁵.

Numa de nossas idas, a garota estava encostada num canto sozinha e quieta. Ficamos ao lado dela, sem nada perguntar. Ela começa e falar da partida de sua amiga. Diz estar triste porque não vai mais vê-la. Namorada? Amiga? Namorada-amiga? Amiga-namorada?

Nesse embaraço, visualizamos a prática do cuidado e o reconhecimento ser a saída mais potente. A relação estabelecida entre ela e a amiga era forte e potente, produzia uma aliança à vida. Eram pares de diferenças, componham bem

⁷⁵ Termo pejorativo utilizado, culturalmente, às mulheres que tem atração efetiva-sexual com mulheres.

suas existências. E isso, nos tempos de indiferenças e padronizações, parece tocar a frágil-forte condição de uma ética de cuidado.

Em outra ocasião, estávamos em outra instituição. Um adolescente se aproxima e começa a relatar um episódio, ocorrido em instituições passadas.

- Eu já me envolvi com uma educadora social. Tinha quinze anos. Ela ficava de noite, de plantão. Aí dormia no mesmo colchão que eu. Não havia colchões suficientes. Ela ficava alisando meus dedos. Homem... Sabe como é?!

E se disséssemos que não sabíamos? Que estamos por vir saber? Talvez, soubéssemos o que era humano, um movimento intenso de processos imprevisíveis, numa tentativa de previsibilidade e estabilidade. Mesmo, sem haver. Ficamos calados, nada dissemos. Continuamos a ouvir.

- Pois é... Ela estava querendo algo. Passou a dormir todas as noites em meu colchão.

Diante desse algo, a conversa se fazia mais franca. Como ele havia iniciado seu relato, por vontade própria, nos sentimos à vontade para obter algumas informações que, naquele instante, rondavam nossas inquietações.

- E acontecia tudo?

- No colchão não. Só trocas de carinhos e ela me pegava. No sótão do local, ela fechou a porta, trancou a com chave e me beijou. Aí transamos. Com camisinha, ela levava. Ela dizia que podia até perder o emprego, mas não se importava. Nessa época eu fiz três fugas de lá, para a casa dela. Repassou o endereço e a chave.

Esse jovem, de dezessete anos, estava de saída da instituição. Ia voltar para o interior, casa dos pais. Ficamos a pensar sobre as manifestações do desejo e a intensidade das relações. A derrapagem e transgressão em nossos frágeis-fortes corpos de cuidadores. Quem cuida é cuidado por quem? O que fazemos do que fazem de nós?

Pensávamos sobre a ética do cuidado, para além de julgamentos e morais que fecham passagem à vida. Nosso tecido de pesquisador é por si só, repleto de bifurcações e labirintos. A nós, naquele instante, reconhecíamos o uso prático do preservativo e, vislumbrava uma fala franca que, nos parece, a coordenadora da instituição anterior, não foi capaz de produzir. Ainda, permanecia nos bons modos e condutas de uma força reativa que, sem dúvida, colocava em

risco os adolescentes e, talvez, justificassem a não prevenção, através dos exames para HIV e gravidez.

Alimentos e bocas

Quem poderia esquecer os alimentados? As bocas que alimentam: boca da rua⁷⁶, boca do céu⁷⁷, boca do corpo, boca da alma, boca de lobo⁷⁸, boca de Beckett⁷⁹. Boca, boca, boca, boca, boca, boca. Boca relação, boca intensa, boca força.

Fruto maduro, árvore desconhecida. Bocas pe(r)diam?

Ninguém soube dizer seu nome. Inventamos: árvore do cuidado. Fruto: cuidadoso.

Fotografia 88 - Detalhe do fruto de uma árvore plantada no interior de um Albergue



Fonte: Elaborado pelo autor.

Advertência e intervenção. Inofensiva e perigosa?

As copas do cuidado davam sombra, no mormaço da instituição. A pouca luz incidia no chão batido e aquecia o solo árido. O vento fazia redemoinho de poeira. Mas, cuidado com suas folhas grandes e frondosas deixava escapar a imensidão sem fim, entre planos de chão, fruto, verde e céu.

O cenário era composto pelo som do vento, o movimento das folhas, por vezes. Outras, as folhas paravam e o vento cessava.

⁷⁶ Expressão que significa o que está fora de nosso controle.

⁷⁷ Expressão que significa o que está fora de nosso alcance, apesar de reconhecer, ser afetado por ela.

⁷⁸ Essa expressão significa entrar numa situação perigosa.

⁷⁹ Referência ao monólogo Not I – Eu não, escrito em 1973. Nesse monólogo a boca e suas expressões possíveis é a única possibilidade visual cênica. Ela conta, numa narrativa não linear, a história de uma senhora de setenta anos. Acesso: <https://revistausina.com/2014/01/22/samuel-beckett-not-i/>

O som da TV, o jogo de dominó, a feitura de dobraduras, a boca-conversa dos presentes, pareciam ocupações sem produção. Os adolescentes interagem entre si. Amizade⁸⁰? Eram pastorados pelos olhos punitivos e reprovativos dos educadores sociais. A boca-advertência privava o alimento prazer. Ordem e disciplina mantinham dissabor ao alimento.

A árvore cuidado era generosa⁸¹. Assistia tudo, agia em silêncio.

Fotografia 89 - Copas da árvore



Fonte: Elaborado pelo autor.

Em sua força e intensidade, ela produzia alianças de cuidados. Potencializava a estética da existência, em sinal de consonância com a vida.

Eis que o milagre da natureza se faz: um fruto grande e robusto cai do alto de sua copa.

O barulho rompe o mormaço. Intacto, aveludado e amarronzado fica entregue aos braços do chão.

Chegamos a contemplá-lo, com quem contempla a sacralidade da existência.

Afetados por aquela magia intacta, movimentados por três pisadas sucessivas, despedaçamos o fruto, como quem reparte o alimento.

Naquele instante, dois ou três adolescentes faziam festa ao redor do fruto. Com olhos ávidos, mãos ágeis e bocas secas.

⁸⁰ Sugerimos: **O Amigo**, de Agaben (2013) e **A Amizade**, de Alberoni (1989).

⁸¹ Intertextualidade ao conto: **A Árvore Generosa**, de Shel Silverstein, com texto em português de Sabino (1964).

Dentro era liso, parecia coco verde. Tinha caroços graúdos e pretos, envolvidos por um tecido branco espesso, lembravam os da ata, plantada ao lado do muro.

Fotografia 90 - Detalhe do fruto esbagaçado com os pés



Fonte: Elaborado pelo autor.

A avalanche de perguntas iniciou:

- Que é isso?
- Come?

Na curiosidade e experimentação, um garoto leva a boca. Faz um comentário. Compara com água de coco. Pela primeira vez, parecia que aquela árvore era enxergada. Pela primeira vez, parecia que o fruto alimentara. O alimento se fez relação, potencializou intensidades e delineou uma sutil e frágil cena de ética do cuidado.

No outro canto do espaço, uma voz repreende e adverte, censura:

- Deixem isso aí! Venham para cá. Não se come isso, pode ser venenoso. Mas, nada além de boca normas eram ditas, ficava esquecido o cuidar corriqueiro.

Nas três mesas cumpridas de madeira, com bancos em seu mesmo cumprimento, sentavam diariamente para realizar as refeições. Prato de plástico padronizado, com locais determinados.

- Meninos nessas mesas e meninas nessa outra.

As refeições principais eram vigiadas sem conversa, nem descontração. O baião de dois, arroz, feijão com bacon, macarrão, posta de peixe ou frango alternavam. Por sinal, quantidade de refeições não faltava. Eram cinco refeições. Fartura? Café da manhã, merenda da manhã, almoço, merenda da tarde e janta. 7h, 9h, 11h, 15:30h e 18h. Calendário definido, sem atraso.

- Isso aqui é a engorda!

A frase quebrava o silêncio e transgredia a ordem do silêncio. Educadores sociais faziam seus papéis, com o máximo de dedicação:

- Fica calado e come! Hora de comer, não de conversar! Tira os pés da mesa.

Reconhecíamos que desenvolviam aquelas orientações com a máxima das boas intenções. Afinal de contas, todos têm boas intenções.

A cena passava despercebida e fria. O farelo de comida ao redor dos pratos.

- Aqui comemos feito bicho, com as mãos!

Éramos bichos soltos em nossos trotes de aprendizes. Por vezes, os grunhidos dos sons eram audíveis com a mastigação de bocas bem abertas. Outras vezes, a rapidez e voracidade empurrava todo o alimento para dentro. Sem mastigação, nem sabor. Entre os exercícios musculares e o engolir, indagávamos: - Havia sabor?

Ao final, corriam para pegar o pano e limpar todos os restos distribuídos na superfície da mesa. Outros restos, caídos pelo chão, eram varridos por eles.

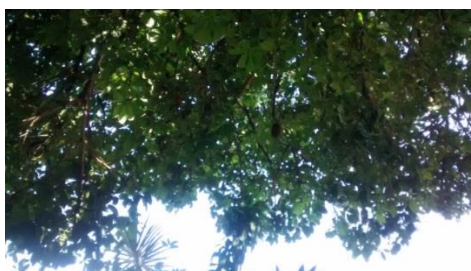
Depois, a escovação dos dentes.

- Olha como está a escova?! Presta mais não!

Ficámos a recordar dos sabores e saberes dos alimentos. De seu cheiro e consistência. Dos gostos e dos preparos mais demorados. Do tempo que acontece desacelerado e intenso.

Se aquilo era alimento, sem dúvida concordamos. Se aquilo alimentava uma ética do cuidado, tínhamos dúvida, escolhíamos se alimentar com a relação da árvore cuidado.

Fotografia 91 - Copas da árvore com abertura de luminosidade celeste



Fonte: Elaborado pelo autor.

O anonimato e a pata

Há muito desconfiávamos do embaraço de resguardar nomes e imagens dos participantes ativos da pesquisa. Conforme o estudo, pesquisa e material produzido, reconhecer seus nomes e imagens poderia ser uma desistência e resistência aos jogos de poder e práticas discursivas, mantenedoras de uma ética normativa reativa à vontade de potência?

Algo parecia contraditório e pouco convincente. Parecia um padrão produzido para manter a permanência e a identidade. E, nossa investigação, aos poucos foi delineando composições indomáveis e potentes à expansão da vida. Baníamos a permanência e a ideia de uma identidade.

Narremos mais um acontecimento de campo, que reverbera uma relevância e possibilidade de devir ciência.

- Pode tirar uma foto da pata comigo? Uma fica para o estudo e você me dá outra. Quero entregar a minha mãe!

Já havíamos explicado que não poderíamos tirar fotos deles, com suas identificações de rosto e corpo. Mas, como compreender isso, num campo de produção de subjetivação e força ativa, diante de um feito que ampliava horizonte, oferecia novas passagens e inventava novos caminhos?

- Que tal tirarmos uma foto da pata, você segura e aparece sua sombra refletiva pelo sol?

A resposta pareceu pouco convincente e provisória. Transgredir? Os olhos dos educadores sociais estavam orientados para acompanhar a não violação de registros fotográficos com crianças e adolescentes. Sistema de controle, vigilância e punição? Quanta ocupação!

Sem saída naquele momento, tiramos a fotografia. A questão inquietava, afetava. A sombra esboçava um contorno de dedo mindinho em sinal positivo.

Fotografia 92 - Sombra do adolescente próximo ao objeto pata feito por ele, com braço levantado em sinal de legal



Fonte: Elaborado pelo autor.

Em outra instituição nos deparamos com o mesmo adolescente-sombra-pata-potência. Sua força nos desconcertava e produzia novas e alegres relações. Sua capacidade interrogativa e reflexiva nos lançava em abismos e densas florestas com a ética do cuidado. Ele perguntava sobre a miséria, tanques de guerra e fome.

- Diz uma coisa... Tanto no Haiti quanto no Brasil tem miséria, né? A fome do Haiti é porque falta comida mesmo e por que aqui ainda tem fome? A guerra é a desigualdade, isso provoca violência, miséria.

Ficamos atônitos com intensa precisão e metralhadora analítica de nosso parceiro de pesquisa. Ele sabia o que todos sabiam, no entanto, parece que quase ninguém mais se espanta nem se indaga. Qual a saída... Há saída?

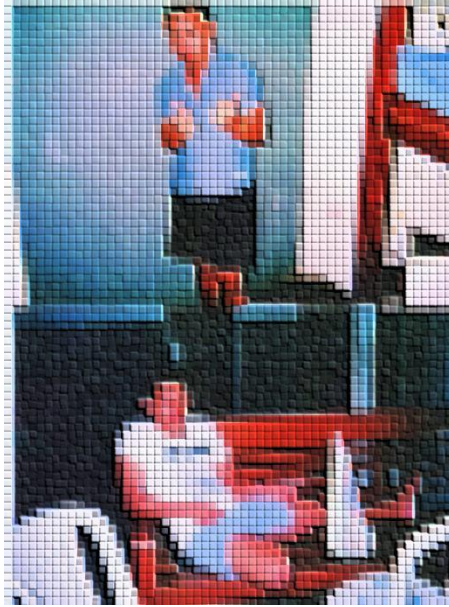
A máquina fotográfica descartável foi entregue em suas mãos.

- Tira fotos de coisas e cantos que você goste de estar. Sabe que não pode tirar de pessoas, nem rostos. O resto pode. Combinado?!

Com firmeza pega a máquina fotográfica do tipo *novocolor flash 27 photos*.

Ao revelar o filme vêm imagens intensificadoras de indagação e espanto. Entretanto, parecem postas na indiferença e anonimato.

Fotografia 93 - Fotografias tiradas pelos adolescentes de si, com a imagem do objeto pata



Fonte: Elaborado pelo autor.

Imagens-aberturas-forças-potências das modulações de uma ética do cuidado, que ultrapassa o pessoal, as coisas e os manuais. Que se bordam e tecem na imprevisibilidade implicada das relações.

No entanto, prosseguimos com as vias estreitas de classificações, e regimes de verdade, dissipadas num perverso maquinário armamentista de eliminações.

O contraste de uma enunciação, de uma jovem mulher, num bar de esquina, comentando sobre uma pata feita com dobraduras, nos apresenta o perigo e o cuidado da vida nua:

- Isso é coisa de presidiários!

Quanto a nós, sem certeza e tonto pelas travessias de um pensar-fazer diríamos... Isso é coisa da vida, de nossas prisões e liberdades! Que possamos recontar essa história, com nossas liberdades aprisionadas e nossas prisões libertadas. Sem sombra, permanência e identidade.

Fotografia 95 - Sombra do adolescente próximo ao objeto pata feito por ele, com braços relaxados



Fonte: Elaborado pelo autor.



Obra: Violências Indomáveis

Autor: Ronaldo Vieira

A mudez

Nossas palavras calam, ficam mumificadas em choques e traumas. Sem ética de cuidado viável, ficam barbáries, extermínios e destruição. Talvez, caiba deixar o entalo da desmedida violência, exclusivamente, em números e dados de senso. É preciso estômagos, vísceras e indiferenças. No plural. Não nos isentamos

de todos os atravessamentos, mas intensamente incapazes, recorreremos a Benjamin (1985):

Porque nunca houve experiências mais radicalmente desmoralizadas que a experiência pela guerra de trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela guerra material e a experiência ética pelos governantes (BENJAMIN, 1985, p.198).

Sim... Não estamos mais pobres, estamos inexistentes. E, precisamos inventar pensar-fazer outras saídas.

Desdobramentos inconclusos

- Filho, agora que acabamos essa travessia, preciso informar que não há prescrição, nem conselho a ser dado a ninguém.

O nevoeiro de inquietação bailava com o pensar do impensável. O que dizia com seus olhos movediços, a olhar a humanidade?

- Pai... Vim aqui para conhecer, preciso refazer em tese, a ciência perde seu sabor de criação.

- Equívoco, filho! A ciência traça seu sabor, mas há outros que serão apenas experimentados. Sem materialização de evidências e recomendações.

- Então, caberia compor um imaterial sem materialização? Seria uma metafísica?

- Entendas como pudes, mas vivemos uma mundanidade sem sujeito, nas brechas de feitos triviais e esquecidos... *Passear com Mona de pijama pela calçada, trazer pastel de carne do Leão do Sul, conversar com o taxista no trajeto do trabalho*⁸². Conversar, contar, pensar, fazer... As classes sociais estão falidas, a matança está em curso e cremos ser a saída.

- E há saída, pai?

- Abra mão da saída, viva princípios, sinta liberdade.

- Como viver princípios se estamos fadados ao excesso de informação? A mídia, o governo, as religiões, os coletivos, as facções, as redes sociais, as cidades, países e o mundo todo estão dominados pelo neoliberalismo extremo. E, isso é o curso da história e do progresso?

- Isso é um traçado de humanidade. Perigoso e sedutor. A centelha da experiência, ainda, pulsa em fracas tentativas de expandir a vida. *Se gostas de gato,*

⁸² Cenas cotidianas.

*experimenta o ponto de vista do rato*⁸³. Agora digo: gostar de gato e enxergar o ponto de vista do rato não trará nenhuma diferença. Mas, se tem simpatia por gato e compõe com gato e rato, talvez, produza uma invenção sem precedentes. No micro, sempre micro, em sua condição de imanência.

- Falta força e disposição!

- Pelo contrário, há excesso de fraqueza e inquietação. Desista das grandes forças, essas já estão capturadas pelo mercado.

- E a utopia, a miragem e o sonho?!

- Estão diluídas nas galerias da cidade-mundo. Ainda que em ruínas, há saberes com sabores para demarcação de seus achados. Em profundidade, esquece os números. Estes são infinitos e incalculáveis. Os pequenos excessos de teu corpo em vibração deslocam-se de palcos e espetáculos. É preciso aprender a cuidar do anonimato, como se fosse trivial e familiar. Desista!

- Então, a vida seria isso?

- Uma vida, uma vida qualquer, qualquer vida. Sem restrição, na intensidade de implicações e afetos. Por mais que faça, nunca será reconhecido, reconhecerão sempre os feitos, esquecemo-nos da vida em feitio... Sem dúvida, tens teu regime de verdade. Saiba de antemão que nunca terá a verdade da vida. Resta-nos desistir para resistir. A cópia e o padrão compõe fecho a vida, movimentam o livre mercado. Entretanto, são imprescindíveis para os controles em tempos de multiplicidades.

- Há de se romper com isso?

- Há de se compor nisso. Para desistir disso e reconhecer sua potência. É de criação implicada que falamos, com entradas e aberturas. A existência não é metafísica, as imagens da ética do cuidado são múltiplas. Se desejas alargar vidas, perca-se na sua com instruções. Somos extensões e processos de subjetivação. Em movimentos provisórios. E, nesses movimentos, a informação pura é pura historiografia datada, é história fechada. Pensamos com devir, potência.

- Ontologia?

- Vida intensa, concreta, nua e liberta.

- E há?

⁸³ Alusão à crônica de Campos (2001) Para Maria da Graça, in: **O amor acaba: crônicas líricas e existenciais**. Intertextualidade à Carroll (1977) em **Alice no país das maravilhas**.

- Está em suas mãos inventar. A invenção é coletiva. Engana-se se reconhece uma soberania na invenção. Toda invenção é coletiva, quando produz mais vida. Vais aprender a comer morcego, mesmo na qualidade de gato.

- Como reconhecer morcegos?

- O encontro mostrará! A impossibilidade do reconhecimento é mérito. Assim, gato, rato e morcego serão um só e o mesmo, em suas alianças e diferenças.

O pai ampliava o outro lado da ciência. Seria fracasso ficar preso à academia, precisava convocar a mãe. Romper a forma comportada da ciência e agregar o lado da rua.

- É possível contar um acabamento inconcluso, mãe?

- Aproxime Kaváfis⁸⁴, teça a inconclusividade no vaguear do retorno.

Movimente o presente com a *Volta à Ítaca*.

Se partires um dia rumo a Ítaca,
faz votos de que o caminho seja longo,
repleto de aventuras, repleto de saber.
Nem Lestrigões nem os Ciclopes
nem o colérico Posídon te intimidem;
eles no teu caminho jamais encontrará
se ativo for teu pensamento, se sutil
emoção teu corpo e teu espírito tocar.
Nem Lestrigões nem os Ciclopes
nem o bravio Posídon hás de ver,
se tu mesmo não os levars dentro da alma,
se tua alma não os puser diante de ti.
Faz votos de que o caminho seja longo.
Numerosas serão as manhãs de verão
nas quais, com que prazer, com que alegria,
tu hás de entrar pela primeira vez um porto
para correr as lojas dos fenícios
e belas mercancias adquirir:
madrepérolas, corais, âmbar, ébanos,
e perfumes sensuais de toda a espécie,
quanto houver de aromas deleitosos.
A muitas cidades do Egito peregrina
para aprender, para aprender dos doutos.
Tem todo o tempo Ítaca na mente.
Estás predestinado a ali chegar.
Mas não apresses a viagem nunca.
Melhor muitos anos levars de jornada
e fundeares na ilha velho enfim,
rico de quanto ganhaste no caminho,
sem esperar riquezas que Ítaca te desse.
Uma bela viagem deu-te Ítaca.
Sem ela não te ponhas a caminho.
Mais do que isso não lhe cumpre dar-te.
Ítaca não te iludiu, se a achas pobre.
Tu te tornaste sábio, um homem de experiência,
e agora sabes o que significam Ítacas.

⁸⁴ Referência ao poeta grego Konstantinos Kaváfis (1863-1933).

Paradas de ônibus, detalhes, ruas, centelhas, instituições, cacos, praças, corpos, casas, imagens, parques, experimentações, becos, resíduos, lagos, esconderijos, restos, ínfimos e poças. Uma arte cotidiana em galerias a céu aberto foi tocada pelas *Ítacas* da ética do cuidado, outra... Arte-ar-arteiro... Juntada entre academia e olho da rua... Aproximação ciência-vida... Aproximações de infinitas vidas... Prosseguidas em sua fraca-força! Numa resistente desistência! Numa desistência que resiste.

REFERÊNCIAS

À CIEL OUVERT. Direção: Mariana Otero. Produção: Denis Freyd. Coprodutores: Luc Dardenne e Jean-Pierre Dardenne. 2013, colorido, longa-metragem. Nac. França e Bélgica. 1'50". Documentário.

ABIB, Leonardo Trápaga. **Crônicas urbanas: consultório na rua, população em situação de rua, clínica menor e outras histórias**, 2014. 150 f. Dissertação (Mestrado de Educação em Ciências) Setor de Ciências da Saúde, Programa de Pós Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, UFRG, UFRGS e UFSC (AA), Rio Grande, 2014. Disponível em: <http://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/4877/Leonardo_dissertacao_vers%C3%A3o_final%20-%20Lista%20de%20Ilustra%C3%A7%C3%B5es.pdf?sequence=1>. Acesso em: 5 abr. 2015.

ABREU, Domingos. PESQUISA DIAGNÓSTICO. **Censo da Exclusão ou Falta de Inclusão nos Censos a (IN)visibilidade de Meninos e Meninas em Situação de Moradia nas Ruas nas Capitais Brasileiras**. 2009. Disponível em: <<http://www.criancanaoederua.org.br/nucleodepesquisas.html>> Acessado em: 15 out. 2013.

ADAD, Shara Jane Holanda Costa. **Corpos de rua: cartografia dos saberes juvenis e o sociopoetizar dos desejos dos educadores**. Fortaleza: Ed. UFC, 2011.

ADORNO, Theodor W. **O ensaio como forma**, Notas de literatura 1. São Paulo: Duas Cidades e Ed. 34, 2003, p.5-45.

AGABEN, Giorgio. **O amigo**. Ramada: Pedagogo, 2013.

ALBERONI, Francesco. **A amizade**. RJ: Rocco, 1989.

ALTOÉ, Sônia. **Infâncias perdidas: o cotidiano nos internatos-prisão**. 3 ed. RJ: Revinter, 2014.

AMADO, Jorge. **Capitães da areia**. 103 Ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

ANDERSEN, Hans Christian. **Os novos trajes do imperador**. Porto Alegre: Kuarup, 1987.

_____. **O soldadinho de chumbo e outras histórias bonitas**. São Paulo: Brasil, s/ano.

ANDRADE, Rosane. **Fotografia e antropologia: olhares fora-dentro**. São Paulo: Estação Liberdade; EDUC, 2002.

ANISTIA INTERNACIONAL. NOTA PÚBLICA. **20 anos da chacina da Candelária: não vamos esquecer**. 18 de jul. 2013. Disponível em: <https://anistia.org.br/noticias/nota-publica-20-anos-da-chacina-da-candelaria-nao-vamos-esquecer/>. Acesso em: 09 nov. 2017.

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO CEARÁ. Comitê Cearense pela Prevenção de Homicídios na Adolescência. **Cada vida importa: evidências e recomendações para prevenção de homicídios na adolescência.** Ilustração: Rafael Limaverde, 2016.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem.** 4 ed. São Paulo: HUCITEC, 1988.

BARROS, Manoel. **Memórias inventadas: a infância.** São Paulo: Planeta, 2003.

_____. **O livro sobre o nada.** 3. ed. São Paulo: Record, 1997.

BARTHES, Roland. **A câmara clara.** 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BECKETT, Samuel. **O inominável.** Rio De Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

BENJAMIN, Walter. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia, técnica, arte e política.** Obras escolhidas. 4.ed. São Paulo: Brasiliense, 1996 v.1, p.197-221.

_____. Questões introdutórias de crítica do conhecimento. In: **Origem do drama barroco alemão.** São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 49-79.

_____. Rua de mão única. In: **Rua de mão única.** Obras escolhidas. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 2000. v. 2. p. 9 - 69.

_____. Infância em Berlim por volta de 1900. In: **Rua de mão única.** Obras escolhidas. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 2000. v. II, p. 71-142.

_____. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação.** São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2002.

_____. **Documentos de cultura, documentos de barbárie: escritos escolhidos** / seleção e apresentação Willi Bolle, São Paulo: Cultrix: Ed. USP, 1986.

BONITINHA mas ordinária ou Otto Lara Rezende. Direção: Braz Chediak. Produção: Pedro Carlos Rovai. Diretor de fotografia: Hélio Silva. Montador: Rafael Justo Valverde. 1981, colorido, longa metragem. Nac. Brasil, 1'48". Drama.

BOSI, Maria Lucia Magalhães e MERCADO, Francisco Javier (orgs.). Introdução – Notas para um debate. In: **Pesquisa Qualitativa de Serviços de Saúde.** 2 ED. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007. p. 23-71.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria Especial de Direitos Humanos. Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. **Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária.** Brasília: Conanda, 2006.

BRAZ, Júlio Emílio. **Avião: tráfico de drogas.** 2. ed. São Paulo: FTD, 1995.

CAIAFA, Janice. A pesquisa etnográfica. In: **Ensaio e etnografias: aventura das cidades**. Rio de Janeiro: FGV, 2007, p. 135-181.

CALLAI, Cristiana e RIBETTO, Anelice. **Uma escrita acadêmica outra: ensaios, experiências e invenções**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2016.

CAMPOS, Paulo Mendes. Para Maria da Graça. In: **o amor acaba**. 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 189 – 191.

CARROL, Levis. **Aventura de Alice no país das maravilhas**. Rio de Janeiro: Summus, 1977.

CARTA CAPITAL. **Apesar da violência da PM baiana, há vida no Cabula**. 10 de mar. 2015. Disponível em: < <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/apesar-da-violencia-da-pm-baiana-ha-vida-no-cabula-5698.html>>. Acesso em: 20 out. 2017.

_____. **Redução da maioria penal e parlamentarismo estão na pauta da CCJ do Senado**. 5 de set. de 2017. Disponível em: < <http://justificando.cartacapital.com.br/2017/09/05/reducao-da-maioridade-penal-e-parlamentarismo-estao-na-pauta-da-ccj-do-senado/>>. Acesso em: 01 out. 2017.

CARVALHO, Sérgio Resende. Reflexões sobre o tema da cidadania e a produção de subjetividade no SUS. In: **Conexões: saúde coletiva e políticas de subjetividade**. São Paulo: HUCITEC, 2009, p.23-41.

CEARÁ (Estado). **Diagnóstico Sócio-econômico de Crianças, Adolescentes e Adultos Moradores de Rua na Cidade de Fortaleza**. Relatório Final. Governo do Estado do Ceará/ Secretaria do Trabalho e Desenvolvimento Social/ Núcleo de Estudos Pesquisa e Extensão Gestão Pública e Desenvolvimento Urbano (GPDU/UECE), 2008.

DINORH, Maria. **Coração de papel**. 3 ed. São Paulo: Moderna, 1986.

CHAVES, Ernani. Retrato, imagem, fisionomia: Walter Benjamin e a fotografia. In: **No limiar do moderno: estudos sobre Friedrich Nietzsche e Walter Benjamin**, 2003. p.179-189.

CRIANÇA NÃO É DE RUA. **Campanha Nacional de Enfrentamento à Situação de moradia de crianças e adolescentes**. Plataforma Digital. Disponível em: <<http://www.observatorionacional.net.br/Default.aspx>> Acessado em 15 out. 2013.

CRIANÇAS invisíveis. Direção: Kátia Lund et al. Produção: Kátia Lund et al. 2005. Colorido, longa metragem. Nac.: França, Itália. Formato produção: 35 mm. Formato de áudio: Dolby SRD, 1'56". Drama.

DELEUZE, Gilles. Conversações. Tradução de Peter PálPelbart. Rio de Janeiro: ed. 34, 1996.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 5. São Paulo: Ed. 34, 1997.

Educação, diversidade e direitos humanos: negro Belchior. **Nota pública do Conanda sobre chacina do Cabula, em Salvador**. 3 de mar. Disponível em: <<http://negrobelchior.cartacapital.com.br/nota-publica-do-conanda-sobre-chacina-do-cabula-em-salvador/>> . Acesso em: 01 de nov. 2017.

FAUSTO, Ayrton e CERVIVI, Ruben. **O trabalho e a rua: crianças e adolescentes no Brasil dos anos 80**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1996.

FEDERAL. **Lei Nº 12.010/2009**. Dispõe sobre adoção; altera as Leis nºs 8.069, de 13 de julho de 1990 - Estatuto da Criança e do Adolescente, 8.560, de 29 de dezembro de 1992; revoga dispositivos da Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002 - Código Civil, e da Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943; e dá outras providências.

FERREIRA, Jean Pierre Gomes. **Máquina de Guerra e Aparelho de Estado: a geo-filosofia de Deleuze e Guattari em Mil Platôs**. 2009. 155 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2009.

FREIRE, Roberto. **Moleques de rua: as aventuras de João Pão, um menor abandonado**. 9. ed. São Paulo: Moderna, 1994.

FREITAS, Romero Alves. Estilo e método da Filosofia nos primeiros trabalhos de Walter Benjamin. In: **Mímesis e expressão**. Belo Horizonte: UFMG, 2001, p. 381-388.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. Sexo, poder e política da identidade. In: **Michel Foucault - Por uma vida não fascista**. Coletivo Sabotagem, 2004. p. 12 – 22. Disponível em: <<https://cesarmangolin.files.wordpress.com/2011/08/foucault-por-uma-vida-nao-facista-pdf.pdf>>. Acesso em: 05 set. 2015.

_____. A vida dos homens infames. In: **O que é um autor?** Lisboa: Veja, 2003.

_____. **A coragem da verdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. **Do governo dos vivos**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

G1. **Após 230 dias, oito policiais presos acusados de envolvimento na Chacina da Messejana são soltos**. 18 de abr. 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/ceara/noticia/apos-230-dias-oito-policiais-presos-acusados-na-chacina-da-messejana-sao-soltos-em-fortaleza.ghtml>>. Acesso em: 01 out. 2017.

GADELHA, Sylvio de Sousa. **Subjetividade e minoridade**. São Paulo: Annablume, 1998.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. Mímesis e crítica da representação em Walter Benjamin. In: **Mímesis e expressão**. Belo Horizonte: UFMG, 2001, p. 353 -363.

GROS, Frédéric. (org.). **Foucault: a coragem da verdade**. São Paulo: Parábola, 2004.

GRIMM (Irmãos). Joãozinho e Maria e outras histórias bonitas. São Paulo: Brasil, s/ano.

HATHORN, Libby. **A caminho de casa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

HERZOG, James M. Realidade triática, pais do mesmo sexo e análise de crianças: resposta ao artigo de Ann Smolem. In: **Livro anual de Psicanálise**. TOMO XXV. 1 ed. São Paulo: Escuta, 2011, p. 25-32.

JÚNIOR, Durval Muniz de Albuquerque, VEIGA-NETO, Alfredo e FILHO, Alípio de Souza (orgs.). **Cartografias de Foucault**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

KAFKA, Franz. **Pequena fábula**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

_____. **Desista! e outras histórias**. Porto Alegre: LePM, 1995.

LACHENMEYER, Nathaniel. **Bicos quebrados**. São Paulo: Global, 2003.

LAGO, Angela. **Cena de rua**. 3.ed. BH: RHJ, 1994.

LAPOUJADE, David. **Potências do tempo**. São Paulo: n-1, 2013.

LEITE, Ligia Costa. **A magia dos invencíveis: os meninos de rua na Escola Tia Ciata**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1991.

_____. **A razão dos invencíveis: meninos de rua – o rompimento da ordem**. Rio de Janeiro: Ed UFRJ / IPUB, 1998.

_____. **Meninos de rua: a infância excluída no Brasil**. São Paulo: Atual, 2001.

LEOMAR, José. Infância em Fortaleza: mais de 500 moram nas ruas. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, Caderno Cidade, p.12, 17 nov. 2005.

LIPOVETSKY, Gilles. **A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo**. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

MACRAE, Edward. Abordagens qualitativas na compreensão do uso de psicoativos. In: **Drogas: tempos, lugares e olhares sobre o consumo**. Salvador: EDUFBA; CETAD/UFBA, 2004, p. 27-48.

MAMMI, Lorenzo e SCHWARCZ, Lilia Moritz (orgs.). **8 x fotografia: ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

MARTINS, Georgina. **No olho da rua: historinhas quase tristes**. São Paulo: Ática, 2002.

MATOS, Gislayne Avelar. **A palavra do contador de histórias**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MATOS, Gislayne Avelar e SORSY, Inno. **O ofício do contador de histórias**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MATOS, Olgária. Einbahnstrasse, a rua de mão única de Walter benjamin. In: **Vestígios: escritos de filosofia e crítica social**. São Paulo: Palas Athena, 1998. p. 43 – 49.

MELO e CANO (orgs.). **Índices de Homicídios na adolescência: IHA 2014**. Observatório de Favelas 2017. Disponível em: <<https://secure.unicef.org.br/campanhas/wp-content/uploads/2017/10/livro-ih-2014.pdf>>. Acesso em: 1 out. 2017.

MELO, Walter e FERREIRA, Ademir Pacelli (orgs.). **A sabedoria que a gente não sabe: arte e saúde mental**. Rio de Janeiro: Espaço Artaud, 2011.

MERHY, Emerson Elias. Enfrentar a lógica do processo de trabalho em saúde: um ensaio sobre a micropolítica do trabalho vivo em ato, no cuidado. In: **Conexões: saúde coletiva e políticas de subjetividade**. SP: HUCITEC, 2009, p. 276-300.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **O Limite da exclusão social: meninos e meninas de rua no Brasil**. Rio de Janeiro: HUCITEC-ABRASCO, 1993.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Portal da Saúde. Publicações. **Política nacional de humanização**. 2003. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/humanizasus_2004.pdf> Acesso em: 15 nov. 2010.

MUCHAIL, Salma Tannus. **Foucault, mestre do cuidado**. São Paulo: Loyola, 2011.

_____. Sobre o cuidado de si – surgimento e marginalização filosófica. In: **Filósofos e terapeutas: em torno da questão da cura**. São Paulo: Escuta. p.21-32.

NICOLELIS, Giselda. **No fundo dos teus olhos**. 14. ed. SP: FTD, 1995.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Companhia das Letras. 1998.

NOT I. Roteiro: Samuel Beckett. 1973. **Versão brasileira**. Disponível em: <<https://revistausina.com/2014/01/22/samuel-beckett-not-i/>>. Acesso em: 02 jan. 2017.

OLIVEIRA, Luiz Sérgio de. A perplexidade do autor diante da beleza do mundo. In: **Walter Benjamin: arte e experiência**. Niterói, Rio de Janeiro: EdUFF, 2009. p. 304 – 322.

O MENINO E O MUNDO. Direção: Alê Abreu. Produção: Filme de papel. Produção musical: Gustavo Kurlat e Ruben Feffer. 2014. Colorido, longa-metragem. Nac. Brasil. 80". Animação

O POVO. **Chacina da Messejana**: PMs fizeram cerco para matar, diz investigação. 02 de set. 2016. Disponível em: <<https://www20.opovo.com.br/app/opovo/cotidiano/2016/09/02/noticiasjornalcotidiano,3655732/chacina-da-messejana-pms-fizeram-cerco-para-matar-diz-investigacao.shtml>>. Acesso em: 07 out. 2017.

_____. **Ângela Pinheiro**: “Eu moro no Curió, onde teve a chacina”. 13 de set. 2017. Disponível em: <<http://www.opovo.com.br/jornal/opiniao/2017/06/angela-pinheiro-u201ceu-moro-no-curio-onde-teve-a-chacina-u201d.html>>. Acesso em: 01 out. 2017.

VELHA negra. **O Filho dos outros**. Produção: Coletivo Independente Rebento. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CiflR-6GzQ4>>. Acesso em: 01 de jul. 2017.

PELBART, Peter Pal. Linhas Erráticas (Deligny). In: **O avesso do niilismo: cartografias do esgotamento**. São Paulo: N-1 Edições, pp. 261-290. 2013.

_____. **Vida e morte em contexto de dominação biopolítica**. Conferência proferida em 2008, pelo Instituto de Estudos Avançados – IEA, da USP. Disponível em: <<http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos>> , Acesso em: 05 jun. 2016.

PEIA. O Filho dos outros. Produção: Coletivo Independente Rebento. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kK27Tk18Wi>>. Acesso em: 01 jul. 2017.

Pesquisa Anual sobre a Vivência de Crianças e Adolescentes em Situação de Moradia nas Ruas de Fortaleza. Relatório Final. UFC/ Laboratório de Estudos da Violência (LEV)/ Equipe Interinstitucional de Abordagem de Rua, 2007.

PIXOTE – a lei do mais fraco. Direção: Hector Babenco. Produtores: Hector Babenco e José Pinto. Produção: Embrafilme. 1981, colorido, longa metragem. Nac. Brasil. 2’05”. Drama.

POPOV, Nikolai. **Por quê?** São Paulo: Ática, 1995.

PRANDI, Reginaldo. **Os príncipes do destino**: histórias da mitologia afro-brasileira. SP: Cosac e Naify, 2001.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA. Conselho de Defesa da Criança e do Adolescente - COMDICA. **Estatuto da Criança e do Adolescente**: Lei 8.069 de 13 de julho de 1990. Fortaleza, Ceará, 2003.

QUANDO a casa é a rua. Direção: Theresa Jessouroun; Produção: Juliana Chagas, 2012. Colorido. Kiko Filmes, Brasil, 35'08". Documentário.

QUEIROZ, Raquel. **Cenas brasileira**. 9.ed. São Paulo: Ática, 2006.

RAMOS, Roberto Carlos. **A arte de construir cidadãos: as 15 lições do amor**. São Paulo: Celebris, 2004.

RÉGIO, José. **Poemas de deus e do diabo**. 8.ed. Porto: Brasília Editora, 1978.

RIZZINI, Irene et all (org.). **Vida nas ruas. Crianças e adolescentes nas ruas: trajetórias inevitáveis?**. Rio de Janeiro: Loyola: Ed. PUC-Rio, F, Terre deshommes, CIESPI, 2003.

_____. **A criança no Brasil hoje: desafio para o terceiro milênio**. Rio de Janeiro: Santa Úrsula, 1993.

_____. **Deserdados da sociedade: os “meninos de rua” da América Latina**. Rio de Janeiro: Santa Úrsula, 1995.

_____. (org.) **Pesquisa em ação: crianças, adolescentes, famílias e comunidades**. Rio de Janeiro: Santa Úrsula, 2001.

_____. **Acolhendo crianças e adolescentes**. 2.ed. São Paulo: Cortez; Brasília; DF: UNICEF; CIESPI; Rio de Janeiro: PUC – RIO, 2006.

_____. **O século perdido: raízes históricas das Políticas Públicas para a infância no Brasil**. 2.ed. São Pailo: Cortez, 2008.

RODA gigante. **O Filho dos outros**. Produção: Coletivo Independente Rebento. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=BI-nC3YXWaA>>. Acesso em: 01 jul. 2017.

RODRIGUEZ, Márcia Glória. **Os catadores de papel**. São Paulo: Ícone, 1997.

ROSENFELD, Denis (org.). Ética e Estética. **Revista Filosofia Política**, Departamento de Filosofia, Curso de Pós Graduação em Filosofia IFCH/UFRGS. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

RUBIÃO, Murilo. **O ex-mágico da Taberna Minhota**. SP: DCL, 2004.

SABINO, Fernando (texto português de Shel Silverstein). **A árvore generosa**. 4 Ed. Rio de Janeiro: Record, 1964.

SALMO. O Filho dos outros. Produção: Coletivo Independente Rebento. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4aD1vk0st3w>>. Acesso em: 01 jul. 2017.

SAVATER, Fernando. **Ética para um jovem**. 22.ed. Alfragide: Dom Quixote, 2015.

_____. **A coragem de escolher**. Alfragide: Dom Quixote, 2004.

SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). **Leituras de Walter Benjamin**. São Paulo: FAPESP: Annablume, 1999.

Secretaria de Direitos Humanos e Ministério da Cultura. **Catálogo 8° Mostra Cinema e Direitos Humanos na América do Sul**. Niterói, RJ: 2013.

Secretaria de Especial de Políticas sobre Drogas. Governo do Estado do Ceará. **Planejamento 2017: equipe do Projeto Corre Pra Vida se reúne**. 04 ago. 2017. Disponível em: <http://www.spd.ce.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=44832:planejamento&catid=3:lista-de-noticias&Itemid=21>. Acesso em: 02 jul. 2017.

SENADO FEDERAL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Texto Promulgado em 05 de outubro de 1988. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/CON1988_05.10.1988/art_227_.shtm> Acesso em: 01 out. 2013.

SILVA, Ivânia Costa. **As venturas de um menor abandonado**. Publicação BNB, 1994.

SOARES, Luiz Eduardo. Prefácio. In: **Cocaína: literatura e outros companheiros de ilusão**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006. p. 13 – 16.

THE price of the world cup. Direção: Mikkel Keldorf. Música: Morten Ankarfelatt e Caio Marcio dos Santos. 2014. Documentário. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=8Er_mwgfW_Q. Acesso em: 10 nov. 2017.

Trajetórias interrompidas: homicídios na adolescência em Fortaleza e em seis municípios do Ceará. Org. Instituto OCA; [coord. Rui Aguiar e Thiago de Holanda]. Brasília: UNICEF, 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Guia de normalização de trabalhos acadêmicos** [recurso eletrônico] / Sistema de Bibliotecas. Orgs. Ana Amorim, Francisco Rios e Gisele Silva – Dados eletrônicos.

UOL Educação. **Professor publica tese de doutorado em forma de quadrinhos nos EUA**. 27 jul. 2015. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/noticias/2015/07/26/professor-publica-tese-de-doutorado-em-forma-de-quadrinhos-nos-eua.htm>>. Acesso em: 02 ago. 2015.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2013: homicídios e juventude no Brasil**. Secretaria Nacional de Juventude; Brasília: 2013, 100p. Disponível em: <www.juventude.gov.br>. Acesso em: 02 ago. 2015.

WHITE, Hayden. **The content of the form**. Narrative discourse and historical representation. Baltimore / London: The University of Chicago Press, 1989.

ZANELLA, Andréa Vieira e MAHEIRIE, Kátia (orgs.). **Diálogos em psicologia social e arte**. Curitiba: CRV, 2010.

ZANELLA, Andréa Vieira e TITTONI, Jaqueline (orgs.). **Imagens no pesquisar: experimentações**. Porto Alegre: Dom Quixote, 2011.

ANEXOS

ANEXO A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aos Pais e Coordenadores(as) de Instituições Responsáveis

Seu filho(a) e/ou acolhido(a) em vossa instituição está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “Narrativas de crianças e adolescentes em situação de rua: uma cartografia da arte e da produção de cuidados”.

Os objetivos deste estudo consistem em traçar uma carto-genealogia entre arte e produção ética de cuidados em saúde, no contexto das narrativas de crianças e adolescentes em situação circular de rua. Caso você autorize, ele irá: participar de entrevista, fazer desenhos, pinturas, tirar fotografia, contar estórias e conhecer narrativas literárias. A participação dele(a) não é obrigatória e, a qualquer momento, poderá desistir da participação. Tal recusa não trará prejuízos em sua relação com o pesquisador ou com a instituição em que ele estuda. Tudo foi planejado para minimizar os riscos da participação dele(a), porém se ele(a) sentir emocionado, desconfortável, sem interesse e querer interromper a participação e, se tiver interesse, conversar e narrar ao pesquisador sobre saúde, prática e cuidados.

Você, a criança e ou o adolescente não receberão remuneração pela participação. A participação dele(a) poderá contribuir para colaborar com práticas e atividades de acompanhamento à transformação dos projetos de vida de pessoas nessa situação. As suas respostas não serão divulgadas de forma a possibilitar a identificação. Além disso, você está recebendo uma cópia deste termo onde consta o telefone do pesquisador principal, podendo tirar dúvidas agora ou a qualquer momento.

Nome, assinatura e tel. do pesquisador responsável

Eu (pai, mãe, cuidador ou responsável institucional),

declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da participação da criança / adolescente

sendo que: () aceito que ele(a) participe () não aceito que ele(a) participe

Fortaleza, de

Assinatura

O pesquisador me informou que o projeto catalogado e devidamente registrado pelo Certificado de Apresentação para Apreciação Ética – CAAE, pelo número 48667615.0.0000.5534, tendo sido aprovado em 20 de setembro de 2015, com o parecer de número 1.236.419, pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UECE que funciona na Av. Paranjana, 1700, Campus do Itaperi, Fortaleza-CE, telefone (85)3101-9890, email cep@uece.br. Se necessário, você poderá entrar em contato com esse Comitê o qual tem como objetivo assegurar a ética na realização das pesquisas com seres humanos.

ANEXO B - Termo de Assentimento para Crianças e Adolescentes

Você está sendo convidado para participar da pesquisa “Narrativas de crianças e adolescentes em situação de rua: uma cartografia da arte e da produção de cuidados”. Seus pais/cuidadores permitiram que você participe. Queremos ouvir narrativas e acompanhar seus percursos, para traçar uma espécie de “mapa”, envolvendo arte e a produção ética de cuidado em saúde, no contexto dessas narrativas contadas por você.

Se você concordar em participar, a pesquisa será feita nessa instituição, onde você poderá ouvir histórias, fazer desenhos, escrever, pintar, fotografar e contar histórias e narrar acontecimentos da vida. Para isso, será usado/a livros de contos, papel, giz de cera, máquina fotográfica, tinta, uma maleta de viajante e uma concha de retalho. O uso de todo esse material é considerado seguro, mas é possível ocorrer de você se sentir tímido e até emocionado com essas atividades. Entretanto, estou para perceber e respeitar seu limite e deixarei à vontade para colaborar até onde quiser e puder.

Caso aconteça algo errado ou um incômodo, você pode desistir em participar, pedir para conversar com o pesquisador sobre o que o incomodou ou avisar seus pais. Mas há coisas boas que podem acontecer se você participar como contribuir para que sejam feitas atividades e trabalhos que ajudem a você criar e planejar outros projetos de vida.

Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu, não terá problema se recusar a participar ou se desistir.

Ninguém saberá identificar o que você responder na pesquisa, nem mesmo seus pais ou cuidadores. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar as crianças que participaram da pesquisa.

Quando terminarmos a pesquisa vamos realizar uma atividade pública envolvendo arte, para divulgar para todos(as) o trabalho realizado e, também, faremos um livro (chamado tese) para as pessoas lerem sobre esse estudo. O seu nome não será divulgado, para manter e garantir a sua segurança e anonimato.

Caso tenha alguma dúvida pode nos procurar pelo telefone (85) 99667.5669 do pesquisador Alexandre Semeraro de Alcântara Nogueira. Pode, também, entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UECE que aprovou a realização desse projeto e funciona na Av. Silas Munguba, 1700, Campus

do Itaperi, Fortaleza-CE, telefone (85) 3101-9890, email cep@uece.br. O Comitê de Ética defende os Direitos dos participantes das pesquisas.

Alexandre Semeraro de Alcântara Nogueira

Fone: 9.9667.5669

Eu _____ aceito participar da pesquisa “Narrativas de crianças e adolescentes em situação de rua: uma cartografia da arte e da produção de cuidados”, que tem o objetivo de acompanhar e estar com vocês para pensar sobre as melhores maneiras de cuidar de vocês. Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer. Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir que ninguém vai ficar chateado ou furioso. Os pesquisadores tiraram minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis.


Recebi uma cópia deste termo de assentimento e li e concordo em participar da pesquisa.

Fortaleza, de


Nome da Criança / Adolescente e Assinatura Acima

ANEXO C – Cartas de anuência

Carta 01



**GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ**
Secretaria do Trabalho e
Desenvolvimento Social



**Laboratório de
Inclusão**
Núcleo de Estágio Universitário
Núcleo de Acessibilidade Dificultada


CARTA DE ANUÊNCIA

Solicitamos autorização para a realização da pesquisa intitulada **Narrativas de Crianças e Adolescentes em situação de rua para a Política Nacional de Humanização (PNH) uma cartografia de arte e da produção de cuidados**, a ser realizada no âmbito da Coordenadoria de Proteção Social Especial – CPSE/STDS, tendo como pesquisador responsável (orientador) **Dr. José Jackson Coelho Sampaio**, tendo como equipe colaboradora o acadêmico **Alexandre Semeraro De Alcântara Nogueira**, do Curso de Doutorado em Saúde Coletiva AA, da faculdade UECE-UFC-UNIFOR. O estudo tem como objetivo geral traçar uma cartografia entre arte e produção de cuidados em saúde no contexto das narrativas de crianças e adolescente em situação circular de rua.

Informamos que não interferiremos na operacionalização e/ou nas atividades cotidianas das referidas Unidades.

Estamos Cientes de que, a anuência está condicionada ao cumprimento do pesquisador aos requisitos da Resolução 466/12 e suas complementares, comprometendo-se, desde já, a utilizar os dados e materiais coletados, exclusivamente para fins da pesquisa, como também enviar um relatório final ao término do estudo, e que a mesma só poderá ser realizada após aprovação do Comitê de Ética da Universidade Estadual do Ceará – UECE.

Fortaleza, 28 de julho de 2015



João Monteiro Vasconcelos
Coordenador do Laboratório de Inclusão da STDS

08.675.169/0001-53
Secretaria do Trabalho e Desenvolvimento Social
Unidade de Aplicação do Estágio Universitário
Rua Soriano Albuquerque, 230
Joaquim Távora - CEP: 60.130-160
Fortaleza - CE

Rua Soriano Albuquerque, 230 – Joaquim Távora CEP: 60.130-160
FAX: (85) 3101-4583 FONE: (85)3101-2123
e-mail: labdeinclusao@gmail.com

Carta 02



CARTA DE ANUÊNCIA

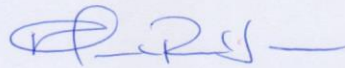
Estamos de acordo com a aceitação do pesquisador **Alexandre Semeraro de Alcântara Nogueira**, doutorando em Saúde Coletiva Associação Ampla, Instituição de Ensino Superior UECE – UFC – UNIFOR, a desenvolver o seu projeto de pesquisa, intitulado **Narrativas de crianças e adolescentes em situação de rua para a Política Nacional de Humanização (PNH): uma cartografia da arte e da produção de cuidados**, que está sob a orientação do **Prof. Dr. José Jackson Coelho Sampaio**, cujo objetivo geral de traçar uma cartografia entre arte e produção de cuidados em saúde no contexto de narrativas de crianças e adolescentes em situação circular de rua, na Secretaria Municipal do Trabalho, Desenvolvimento Social e Combate à Fome – SETRA, através de nossos abrigos de acolhimento para crianças e adolescentes.

Para tanto, colaboraremos com o espaço necessário para que possa acompanhar os processos de crianças e adolescentes em situação de rua, realizar atividades interventivas, fazer entrevistas e coletar a produção de materiais necessários para o andamento da pesquisa.

A aceitação está condicionada ao cumprimento do pesquisador aos requisitos da Resolução 466/12 e suas complementares, comprometendo-se a utilizar os dados e materiais coletados, exclusivamente, para os fins da pesquisa.

Também, acordamos o envio de um relatório final ao término de estudo e, que a mesma só poderá ser realizada após aprovação do Comitê de Ética da Universidade Estadual do Ceará – UECE.

Fortaleza, 29 de julho de 2015.



Cláudio Ricardo Gomes de Lima
Secretário Municipal de Trabalho,
Desenvolvimento Social e Combate à Fome

Claudio Ricardo Gomes de Lima
Secretário do Trabalho, Desenvolvimento
Social e Combate à Fome

Carta 03



Associação Nacional Criança Não é de Rua
faleconosco@criancanaoederua.org.br
www.criancanaoederua.org.br
 Senador Alencar, 1324, 2º piso - Centro
 CEP: 60.030-051 - Fortaleza-Ce
 CNPJ: 20 473 573 0001-40
 Tel.: (85) 3031-7557

CARTA DE ANUÊNCIA

Solicitamos autorização para a realização da pesquisa intitulada **Narrativas de Crianças e Adolescentes em situação de rua para a Política Nacional de Humanização (PNH): uma cartografia de arte e da produção de cuidados**, a ser realizada no âmbito da Associação Nacional Criança Não é de Rua (Campanha Nac. Criança Não é de Rua), tendo como pesquisador responsável Dr. José Jackson Coelho Sampaio (orientador) e como coordenador o acadêmico Alexandre Semeraro de Alcântara Nogueira (orientando), do Curso de Doutorado em Saúde Coletiva AA, IES - UECE - UFC - UNIFOR.

O Estudo tem como objetivo geral traçar uma cartografia entre a arte e a produção de cuidados em saúde, no contexto das narrativas de crianças e adolescentes em situação circular de rua.

Informamos que a pesquisa não interferirá na operacionalização e/ou nas atividades cotidianas das instituições colaboradoras.

Estamos cientes de que, a -anuência está condicionada ao cumprimento do pesquisador e aos requisitos da resolução 466/12 e suas complementares, comprometendo-se, desde já, a utilizar os dados e materiais coletados, exclusivamente para fins da pesquisa, como também enviar um relatório final ao término do estudo, e que a mesma só poderá ser realizada após a aprovação do Comitê de Ética da Universidade Estadual do Ceará - UECE.

20.473.573/0001-40
 ASSOCIAÇÃO NACIONAL
 CRIANÇA NÃO É DE RUA
 Rua: Senador Alencar, 1324 2º Piso
 Centro - CEP:60.030-051
 FORTALEZA - CE

Fortaleza, 28 de julho de 2015.

Manoel Torquato Carvalho de Souza

Manoel Torquato Carvalho de Souza

Secretário Executivo

Campanha Nacional Criança Não é de Rua

Basta de crianças morando nas ruas!